

Inês Ferreira Sineiro

DECISÕES REPRODUTIVAS EM SOCIEDADES DESENVOLVIDAS COM BAIXA FECUNDIDADE

Efeitos dos compromissos de história de vida humana e influência da rede social

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Ciências da Vida, da Faculdade de Ciências e Tecnologia
para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Evolução e Biologia Humanas,
realizada sob orientação científica do Professor Doutor Paulo Gama Mota (Universidade de Coimbra)

2018



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Departamento de Ciências da Vida
Faculdade de Ciências e Tecnologia
Universidade de Coimbra

DECISÕES REPRODUTIVAS EM SOCIEDADES DESENVOLVIDAS COM BAIXA FECUNDIDADE

Efeitos dos compromissos de história de vida humana e influência da rede social

Autor: Inês Ferreira Sineiro

Orientador: Professor Doutor Paulo Gama Mota

Mestrado em Evolução e Biologia Humanas

Janeiro, 2018



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

TABELA DE CONTEÚDOS

Lista de figuras	VI
Lista de tabelas	VII
Resumo/palavras-chave	X
Abstract/key words	XII
Agradecimentos	XIII

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1.1. TEORIA EVOLUTIVA APLICADA AO COMPORTAMENTO HUMANO	3
1.1.2. TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA	6
1.1.3. MODERNIZAÇÃO E ALTERAÇÕES DE NORMAS E VALORES	7
1.1.4. FECUNDIDADE EM PORTUGAL	9
1.2. TEORIA DE HISTÓRIAS DE VIDA HUMANA – ESTADO DA ARTE	11
1.2.1. COMPROMISSOS FUNDAMENTAIS DA HISTÓRIA DE VIDA HUMANA	13
1.2.2. ESTRATÉGIAS DE HISTÓRIA DE VIDA HUMANA – ESTRATÉGIAS LENTAS <i>VERSUS</i> RÁPIDAS	15
1.2.3. INCERTEZA AMBIENTAL	15
1.2.4. INFLUÊNCIA DO AMBIENTE NA INFÂNCIA, NAS ESTRATÉGIAS REPRODUTIVAS DO ADULTO	16
1.3. ABORDAGEM À REDE DE RELACIONAMENTOS SOCIAIS – ESTADO DA ARTE	17
1.3.1. TEORIA DA INFLUÊNCIA DOS PARENTES (<i>KIN INFLUENCE HYPOTHESIS</i>)	17
1.4. OBJECTIVOS DO ESTUDO:	19
2. MATERIAIS E METODOLOGIAS	22
2.1. CRITÉRIOS DE SELECÇÃO DOS PARTICIPANTES	22
2.2. CONSTRUÇÃO DO INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO - QUESTIONÁRIO	22
2.3. RECOLHA E TRATAMENTO DOS DADOS	29
2.4. TRANSFORMAÇÃO DAS VARIÁVEIS E MÉTODOS ESTATÍSTICOS	29
2.4.1. ESTATUTO SOCIOECONÓMICO OBJECTIVO – RENDIMENTOS DO AGREGADO FAMILIAR	29
2.4.2. PERCEPÇÃO INDIVIDUAL DE DISPONIBILIDADE DE RECURSOS: ESTATUTO SOCIOECONÓMICO PERCEBIDO ACTUAL E NA INFÂNCIA	30
2.4.3. IDADE DESEJADA PARA INICIAR A PARENTALIDADE	31
2.4.4. OBSTÁCULOS À FECUNDIDADE	31
2.4.5. COMPROMISSOS DA TEORIA DE HISTÓRIA DE VIDA	33
2.4.6. ESCALA DE SATISFAÇÃO COM A VIDA – SWLS (<i>SATISFACTION WITH LIFE SCALE</i>)	34

2.4.7.	SUMÁRIO DE TRANSFORMAÇÕES DAS VARIÁVEIS	35
2.5.	ANÁLISE ESTATÍSTICA	36
2.5.1.	EXPOSIÇÃO A AMBIENTES ADVERSOS NA INFÂNCIA (THV)	36
2.5.2.	EFEITOS DAS CONDIÇÕES EM QUE SE TEVE O PRIMEIRO FILHO SOBRE AS DECISÕES SUBSEQUENTES	37
2.5.3.	COMPOSIÇÃO DA REDE DE RELAÇÕES SOCIAIS	37
3.	RESULTADOS	38
3.1.	CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	38
3.1.1.	CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA E DAS DECISÕES REPRODUTIVAS	38
3.1.2.	COMPOSIÇÃO DA REDE SOCIAL	41
3.1.3.	CONHECIMENTOS SOBRE A FERTILIDADE HUMANA	42
3.1.4.	SATISFAÇÃO COM A VIDA	43
3.2.	TESTE DE HIPÓTESES DOS EFEITOS SOBRE AS DECISÕES REPRODUTIVAS	44
3.2.1.	ADVERSIDADE NA INFÂNCIA, COMPROMISSOS THV E OBSTÁCULOS À FECUNDIDADE	44
3.2.2.	EFEITO DAS CONDIÇÕES EM QUE SE TEVE O PRIMEIRO FILHO SOBRE DECISÕES SUBSEQUENTES	53
3.2.3.	INFLUÊNCIA DA COMPOSIÇÃO DA REDE SOCIAL	55
4.	DISCUSSÃO	59
4.1.1.	ADVERSIDADE NA INFÂNCIA, COMPROMISSOS THV E OBSTÁCULOS À FECUNDIDADE	59
4.1.2.	CONDIÇÕES DO PRIMEIRO FILHO	61
4.1.3.	COMPOSIÇÃO DA REDE SOCIAL	62
4.2.	CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	64
4.2.1.	GERAIS	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.
4.2.2.	THV	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.
4.2.3.	CONDIÇÕES	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.
4.2.4.	REDE SOCIAL	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.
4.2.5.	EFGH	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.
4.3.	DIRECÇÕES FUTURAS	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.
5.	CONCLUSÃO	66
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
APÊNDICES		71
A.	QUESTIONÁRIO DISPONIBILIZADO ONLINE ATRAVÉS DO GOOGLE FORMS	72
B.	TRANSFORMAÇÃO DAS VARIÁVEIS	81

C.	APÊNDICE C – CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA E RESULTADOS	85
D.	APÊNDICE D – MODELOS LINEARES GENERALIZADOS	88
	ANEXOS	93
	ANEXO A – VERSÃO PORTUGUESA DA ‘SATISFACTION WITH LIFE SCALE’ (DIENER ET AL., 1985)DISPONIBILIZADA ONLINE, NA PÁGINA DO PRIMEIRO AUTOR	94

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Histograma da distribuição de idades da amostra em estudo.	45
Figura 2 - Nível de satisfação com a vida dos indivíduos da amostra.	48
Figura B1 - Gráfico scree dos valores próprios associados a cada componente, resultante da PCA efectuada para os 3 itens que avaliam o ESE percebido actualmente/num futuro próximo. O gráfico sugere a extracção de 1 componente, à esquerda do ponto de inflexão (n=487).	84
Figura B2 - Gráfico scree dos valores próprios associados a cada componente, resultante da PCA efectuada aos 3 itens que avaliam o ESE percebido na infância. O gráfico sugere a extracção de 1 componente, à esquerda do ponto de inflexão (n=487).	85
Figura B3 - Gráfico scree resultante da PCA efectuada aos 15 itens que avaliam os potenciais obstáculos à fecundidade. O gráfico é ambíguo com dois pontos de inflexão, um mais acentuado que outro. Isto sugere a extracção de 1 ou 4 componentes (n=487).	87
Figura C1 - Idade desejada para iniciar a parentalidade (idade ao nascimento do 1º filho), na sub-amostra de indivíduos sem filhos (n=304).	89
Figura C2 - Frequência de encontros com familiares directos.	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Matriz de componentes resultante da PCA efectuada para os 3 itens que avaliam o ESE percebido actual/num futuro próximo, com informação dos <i>factor loadings</i> dos 3 itens no componente extraído.	30
Tabela 2 - Matriz de componentes resultante da PCA efectuada para os 3 itens que avaliam o ESE percebido na infância, com informação dos <i>factor loadings</i> dos 3 itens no componente extraído.	31
Tabela 3 - Sumário dos resultados da PCA efectuada aos 15 itens dos potenciais obstáculos à fecundidade (n=487). Esta tabela mostra a carga dos 15 itens sobre cada um dos 4 componentes, após rotação.	32
Tabela 4 - Sumário dos cálculos e transformações das variáveis.	35
Tabela 5 - Caracterização sociodemográfica dos indivíduos da amostra (N=487).	39
Tabela 6 - Conhecimentos dos participantes relativamente à idade em que a fertilidade começa a diminuir em homens e mulheres. Apresentação das frequências da amostra global, separadas por género.	42
Tabela 7 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, sobre a Fecundidade Desejada (gl = 1).	44
Tabela 8 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, sobre a Fecundidade Final Esperada (gl = 1).	45
Tabela 9 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, sobre a Importância de ter ou poder vir a ter filhos (gl = 1).	46
Tabela 10 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, em função de estar ou não numa relação, sobre a Fecundidade Final Esperada (gl = 1).	47
Tabela 11 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, em função de ter ou não iniciado a parentalidade, sobre a Fecundidade Desejada (gl = 1).	48
Tabela 12 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, em função de ter ou não iniciado a parentalidade, sobre a Fecundidade Final Esperada (gl = 1).	49

Tabela 13 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, em função de ter ou não iniciado a parentalidade, sobre a Importância de ter filhos (gl = 1).	50
Tabela 14 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, para a sub-amostra de indivíduos sem filhos (n=304), sobre a variável Intenções de parentalidade futura (gl = 1).	51
Tabela 15 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, para a sub-amostra de indivíduos com a parentalidade iniciada (n=183), sobre a variável Intenções de parentalidade futura (adicional) (gl = 1).	52
Tabela 16 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, para a sub-amostra de indivíduos sem filhos (n=304), sobre a variável idade desejada para iniciar a parentalidade (gl = 1).	53
Tabela 17 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes às condições em que os indivíduos tiveram o primeiro filho, sobre as Intenções de Parentalidade Futura (adicional) (gl =1).	54
Tabela 18 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes às condições em que os indivíduos tiveram o primeiro filho sobre a Idade ao nascimento do 2º (n=69; gl = 1).	54
Tabela 19 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes às condições em que os indivíduos tiveram o primeiro filho sobre a Idade planeada ao nascimento do 2º (n= 85; gl = 1).	55
Tabela 20 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à composição da rede social, em função do contágio e capital social, sobre a Fecundidade Final Esperada (gl = 1).	55
Tabela 21 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à composição da rede social, em função do contágio e capital social, sobre a Importância de ter filhos (gl = 1).	56
Tabela 22 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à composição da rede social, em função do contágio e capital social, para a sub-amostra de indivíduos sem filhos (n=304), sobre as Intenções de Parentalidade Futura (gl = 1).	56
Tabela 23 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à composição da rede social e nível de satisfação com a vida, em função do contágio e capital social, sobre a Fecundidade Final Esperada (gl = 1).	57

Tabela 24 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à composição da rede social e nível de satisfação com a vida, em função do contágio e capital social, sobre a idade desejada para iniciar a parentalidade (gl = 1).	58
Tabela B1 Resultados da PCA corrida para os 3 itens que avaliam ESE percebido <i>actualmente/num futuro próximo</i>, com os valores próprios iniciais, variância total explicada, e que sugere a extracção de um componente.	81
Tabela B2 - Resultados da PCA corrida para os 3 itens que avaliam o ESE percebido <i>na infância</i>, com os valores próprios iniciais, variância total explicada, e que sugere a extracção de um componente.	82
Tabela B3 - Resultados da PCA efectuada para os 15 itens que avaliam os potenciais obstáculos à fecundidade. Nas colunas da esquerda encontra-se a listagem dos valores próprios iniciais associados a cada componente linear antes da extracção, percentagem de variância que é explicada por cada componente, bem como a sugestão de componentes a serem extraídos (a negrito). Nas colunas da direita encontram-se os valores próprios dos factores extraídos após rotação, bem como a percentagem de variância associada a cada um.	83
Tabela D1 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, <u>em função de estar ou não numa relação</u>, sobre a Fecundidade Desejada (gl = 1).	88
Tabela D2 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, <u>em função de estar ou não numa relação</u>, sobre a Importância de ter filhos (gl = 1).	89

RESUMO/PALAVRAS-CHAVE

O declínio da fecundidade, em conjunto com o envelhecimento populacional que se tem observado nas populações economicamente desenvolvidas ao longo das últimas décadas, constitui uma realidade demográfica com preocupantes consequências económicas, políticas e estruturais na organização das sociedades. Apesar da população mundial ter sofrido um crescimento dramático no decorrer do século XX, o declínio da fecundidade nas sociedades desenvolvidas, com modelos sociais que dependem da existência de população activa para garantir o crescimento económico e manutenção da qualidade de vida constitui um importante desafio global. Estas rápidas alterações demográficas têm sido registadas principalmente nas sociedades Europeias, entre as quais se encontra Portugal, com um Índice Sintético de Fecundidade de 2,1, abaixo do limiar de substituição das populações.

A transição demográfica caracteriza-se por um acentuado declínio na fecundidade e na mortalidade, ao mesmo tempo que ocorre uma melhoria generalizada das condições de vida e aumento da riqueza, e pela emergência de uma associação negativa entre a disponibilidade de recursos e a reprodução, apresentando-se como um quebra-cabeças evolutivo.

A presente investigação teve como principal objectivo conjugar algumas abordagens da Ecologia Comportamental Humana, Psicologia Evolutiva e Evolução Cultural para analisar as decisões reprodutivas dos indivíduos, partindo da abordagem da Teoria de História de Vida Humana e à abordagem à rede de relacionamentos sociais, considerando-se variáveis relativas ao contexto socioeconómico dos indivíduos em duas fases da sua vida (infância e presente), bem como os compromissos de história de vida, obstáculos à fecundidade, avaliação subjectiva de satisfação com a vida, contexto individual de início de parentalidade e influência da composição da rede social.

Não foi possível observar quaisquer associações entre o contexto socioeconómico na infância e os comportamentos reprodutivos dos indivíduos da presente amostra. Os resultados demonstraram que as decisões reprodutivas e intenções de parentalidade são influenciadas pelo contexto socioeconómico actual, compromissos de história de vida e por circunstâncias e opções de vida, e que o adiamento da entrada na parentalidade é influenciado pela preferência pelo investimento no capital incorporado e no bem-estar hedonista. Adicionalmente, foi possível observar que a influência social desempenha um papel importante nos comportamentos reprodutivos, podendo sob determinadas circunstâncias diminuir a idade de entrada na parentalidade.

Palavras-chave: Estratégias Reprodutivas, Teoria de História de Vida, Rede Social, Influência dos Parentes, Abordagem Evolutiva

ABSTRACT/KEY WORDS

The decline of fertility, along with the population ageing that has been observed in economically developed populations in the last few decades, constitutes a demographic reality with alarming economical, political and structural consequences in the organisation of societies. Although the world population has been suffering from a dramatic growth in the course of the 20th century, the decline of fertility in the developed societies, with social models that depend on the existence of active population to guarantee economic growth and maintaining quality of life, represents an important global challenge. These fast demographic changes have been reported mainly on European societies, including Portugal, with a Fertility Synthetic Index of 2,1, below the population replacement threshold.

The demographic transition is characterised by a steep decline of fertility and mortality, while simultaneously occurring an overall improvement of living conditions and wealth increase, and by the emerging negative connotation between resource availability and reproduction, therefore presenting an evolutionary puzzle.

The current investigation had as the main purpose to combine a few approaches from Human Behavioural Ecology, Evolutionary Psychology and Cultural Evolution to analyse the reproductive decisions of individuals, starting from the approach of the Human Life-History Theory and the social networks approach, taking into account variables relative to the individual socioeconomic context in two stages of their lives (childhood and present-time), as well as the life-history trade-offs, obstacles to fertility, subjective evaluation of life satisfaction, cultural evolution processes and influence of social network composition.

It was not possible to observe any associations between childhood socioeconomic context and fertility behaviours of individuals in the current sample. The results have shown that reproductive decisions and fertility intentions are influenced by the present-time socioeconomic context, life-history trade-offs and by life choices and circumstances, and that the delaying of reproductive timing is influenced by the preference for investments in embodied capital and in hedonistic well-being. Furthermore, it was possible to observe that social influence plays an important role in reproductive behaviours, and that under certain circumstances it can help decrease the age at first child.

Key-words: Reproductive Strategies, Human Life-History Theory, Social Network, Kin Influence, Evolutionary Approach.

AGRADECIMENTOS

Ao Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra, por todos os anos de aprendizagem e contínuo estímulo à minha curiosidade antropológica.

Ao Professor Paulo Gama Mota por ter aceite orientar-me neste projecto, pelo voto de confiança e pela disponibilidade.

A todas as pessoas que responderam e ajudaram na partilha do questionário, sem o qual não teria sido possível a realização deste trabalho.

À Eliana e à Andreia pela companhia durante as minhas temporadas no laboratório, pelas trocas de ideias e conselhos, e pela amizade.

Ao Vítor Bernardo, ao Toni Pereira e ao meu primo Tiago, porque apesar da distância estão sempre presentes nas horas mais críticas.

À Andréa Oliveira e à Carla Saraiva pela amizade, disponibilidade em trocar ideias e ouvir os meus desabafos.

Ao Dr. Serra e à Lili Sineiro por me ajudarem a ultrapassar os problemas que foram surgindo ao longo de todo este percurso, e por me fazerem acreditar mais em mim.

À Mónica pelo exemplo de vida e de resiliência, e pela presença constante na minha vida.

À Ana, Diogo e “amigos de Lisboa” por se terem tornado tão presentes na minha vida nestes últimos meses de trabalho mais árduo.

Ao meu pai pelo equilíbrio entre a preocupação e a compreensão, e pelo apoio sem o qual não teria sido possível fechar esta etapa.

À minha mãe a quem devo tudo o que sou hoje, pelo amor incondicional e apoio constantes, mas acima de tudo por me deixar seguir os meus caminhos sem nunca deixar de acreditar em mim.

Ao Rui por todo o amor e companheirismo ao longo dos últimos anos. Por me estimular sempre a ser a melhor versão de mim mesma, e acima de tudo pela extrema paciência e compreensão e preciosa ajuda nesta recta final.

A todos aqueles que não mencionei, mas que de alguma forma me ajudaram a chegar aqui, o meu MUITO OBRIGADO!

1. INTRODUÇÃO

O ser humano é o resultado de um enorme sucesso evolutivo enquanto espécie, do ponto de vista não só ecológico como também demográfico. Graças a uma enorme capacidade de adaptação, trata-se do único primata foi capaz de colonizar e viver em todos os habitats terrestres (Henn *et al.*, (2012) contornando grande parte das suas condicionantes biológicas ao modificar o ambiente à sua medida, fazendo assim frente aos vários desafios ambientais e sociais de uma forma extremamente eficiente.

Estudos genéticos estimam que a população fundadora que saiu de África há aproximadamente entre 120 a 80 mil anos, seria composta por pouco menos de 2000 indivíduos que rapidamente colonizaram toda a Eurásia (Gravel *et al.*, (2011)), e o resto do mundo. Esta enorme expansão da espécie humana pode em parte ser atribuída a um enorme sucesso reprodutivo, que não se conseguiria sem elevados níveis de fecundidade, que se mantiveram em níveis elevados até ao século passado., tendo começado a desacelerar ligeiramente a partir dos anos 80 (Bongaarts, 2009).

A fecundidade humana é, em todas as suas facetas, muito variável (Sear *et al.*, 2016). Actualmente sabe-se como é que as diferentes vertentes variam, as razões subjacentes a essa variação são pouco entendidas. As sociedades contemporâneas encontram-se actualmente em estágios muito diferentes das suas transições demográficas, com populações muito jovens em países em desenvolvimento com elevada fecundidade e populações cada vez mais envelhecidas nos países economicamente desenvolvidos (Bongaarts, 2009).

O interesse principal neste âmbito de investigação surgiu de uma necessidade de compreender os mecanismos e factores subjacentes aos reduzidos níveis de fecundidade que têm sido observados nas sociedades economicamente desenvolvidas. Portugal, desde meados dos anos 80 tem estado entre os países da Europa e do mundo, com os mais baixos níveis de fecundidade (INE, 2014).

Assumindo que o comportamento humano foi moldado por pressões selectivas recorrentemente enfrentadas pelos nossos antepassados em ambientes ancestrais¹ (Barrett, Dunbar & Lycett, 2002; Brown & Richerson, 2014; Cartwright, 2000; Kaplan & Lancaster, 2003;

¹ Esta teoria de um sistema cognitivo que terá evoluído para dar resposta a problemas enfrentados pelos caçadores-

Tooby & Cosmides, 1990) de forma a otimizar a aptidão dos indivíduos (Brown & Richerson, 2014; Worthman, 2003), e tendo em conta que a fecundidade é o principal factor a contribuir directamente para a aptidão de um organismo (Kaplan & Lancaster, 2003), parece vital tentar compreender os factores próximos que orientam a emergência de comportamentos que limitam a fecundidade nas sociedades humanas contemporâneas, e qual o seu possível valor adaptativo.

Para entender as dinâmicas sociais e as questões socioeconómicas que influenciam o comportamento humano e as decisões reprodutivas num mundo em constante mudança e crescente em complexidade, é necessária uma abordagem evolutiva interdisciplinar capaz de integrar metodologias e perspectivas complementares (Mulder, 1998) de diversas áreas das ciências comportamentais² (e.g. Brown & Richerson, 2014), demográficas, sociais, económicas, entre outras.

A aplicação da teoria evolutiva ao estudo do comportamento humano não é recente, mas a sua integração interdisciplinar é alvo de controvérsia, com as diferentes áreas científicas frequentemente em desacordo (Brown & Richerson, 2014; Hobcraft, 2003), o que torna por vezes difícil integrar as várias abordagens ou estabelecer paralelismos entre elas, devido a diferenças metodológicas e ideológicas, ou aos pressupostos que cada uma assume como tendo maior relevância para a compreensão do comportamento - e à luz dos quais conduzem as suas investigações (Brown & Richerson, 2014). No entanto, para compreender o comportamento humano, é vital que as diferentes áreas de investigação sejam consideradas em simultâneo, combinando vários níveis de explicação resultantes de perspectivas diferentes (Barkow & Burley, 1980; Cartwright, 2000; Li *et al.*, 2011).

A presente dissertação é composta por cinco capítulos. No primeiro capítulo é feito um enquadramento teórico com base na revisão bibliográfica que aborda as principais temáticas deste estudo. No segundo capítulo é apresentada uma descrição detalhada das metodologias utilizadas na recolha, processamento e tratamento de dados, desde a construção do instrumento de investigação (questionário), meios de recolha de dados, tratamento de variáveis e análise estatística.

No terceiro e quarto capítulos encontram-se apresentados os principais resultados, bem como a discussão do seu significado e comparação com os dados da literatura. São ainda feitas algumas considerações metodológicas e analisadas as limitações do estudo.

² Ecologia comportamental humana, psicologia evolutiva e evolução cultural (e.g. Brown & Richerson, 2014).

Para finalizar, no quinto capítulo, são apresentadas as principais conclusões deste trabalho, bem como as orientações gerais sugeridas para investigações futuras.

1.1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1.1. Teoria Evolutiva aplicada ao Comportamento Humano

Várias disciplinas têm tentado explicar as particularidades do comportamento humano à luz da Teoria da Evolução. A abordagem evolutiva ao comportamento humano permite dar uma explicação naturalista para a variabilidade de comportamentos observada, sublinhando a importância da capacidade humana em adaptar as suas respostas às condições do meio e aprender com a experiência, um fenómeno de flexibilidade do comportamento denominado por “plasticidade fenotípica”. Através desta abordagem, é possível responder a vários tipos de “porquês” de uma forma científica, revelando as relações naturais entre fenómenos e fazendo algumas previsões sobre os padrões comportamentais (Barrett *et al.*, 2002; Cartwright, 2000). No entanto, esta abordagem é geradora de controvérsias, em parte pela incapacidade das várias disciplinas encontrarem um terreno comum, capaz de incorporar os mais recentes avanços científicos de cada área, havendo vários pontos de desacordo e conflito nos seus pressupostos fundamentais.

O estudo da evolução e funções biológicas do comportamento social humano engloba conhecimentos de várias escolas do pensamento, como a Ecologia Comportamental Humana (Lummaa, 2016), a Psicologia Evolutiva (Barrett *et al.*, 2002; Cosmides & Tooby, 1990, 1992; Kaplan & Gangestad, 2004) e a Memética, com alguns modelos de co-evolução genes-cultura (*in* Laland & Brown, 2002) (). Apesar de todas elas se alicerçarem nos mesmos princípios da teoria evolutiva, divergem entre si nas metodologias e pressupostos de investigação, dando ênfases diferentes aos mecanismos que podem estar subjacentes aos processos em estudo.

Alguns investigadores (Brown & Richerson, 2014; Laland & Brown, 2002) procuraram sintetizar os principais debates interdisciplinares actuais entre a biologia, a antropologia e a psicologia, incluindo questões que se relacionam com a possibilidade de alguns comportamentos humanos poderem ser mal-adaptativos em ambientes modernos, e quais as interações entre a evolução da cognição humana e a evolução cultural.

A Ecologia Comportamental Humana³ engloba o estudo de características comportamentais e fisiológicas no seu contexto ecológico, e baseia-se na flexibilidade do comportamento humano e na sua capacidade de produzir comportamento adaptativo em resposta a um vasto conjunto de variáveis ambientais (Borgerhoff Mulder & Schacht, 2012 *in* Brown & Richerson, 2014), focando-se na observação das variações do sucesso reprodutivo entre indivíduos, relacionando esses resultados com a adopção de diferentes estratégias de comportamento (Smith *et al.*, 2000 *in* Barrett *et al.*, 2002; Lummaa, 2016). As alterações comportamentais serão reflexo da optimização da aptidão do indivíduo no contexto particular em que este se insere. O ambiente das sociedades modernas⁴ encontra-se em constante mudança devido a uma multiplicidade de factores que acompanham o desenvolvimento das sociedades, desde a introdução de novas tecnologias, ao aumento de riqueza, melhorias generalizadas das condições de vida e nos cuidados de saúde, alargamento da maior amplitude das redes de relacionamentos sociais, migração e muitos outros factores que influenciam e condicionam o comportamento dos indivíduos (Newson & Richerson, 2009). Esta abordagem envolve por norma compromissos (*'trade-offs'*) entre custos e benefícios associados a duas variáveis alternativas, e uma consequência (recompensa) dessa escolha para a aptidão do indivíduo (Barrett *et al.*, 2002), sem abranger no entanto, os mecanismos envolvidos nestas mudanças.

Na Psicologia Evolutiva, considera-se que a evolução do cérebro humano, com todos os seus produtos únicos (tais como a linguagem e a cultura cumulativa), terá resultado de uma especialização dos mecanismos psicológicos em resposta a desafios ambientais recorrentes enfrentados pelos nossos antepassados (e.g. Cosmides & Tooby, 1990, 1992). Foca-se especialmente na descrição dos mecanismos psicológicos subjacentes ao comportamento humano, que terão sido favorecidos pela selecção natural na resolução de problemas específicos (Barrett *et al.*, 2002; Brown & Richerson, 2014). Estes mecanismos de domínio específico equipam os indivíduos com uma “caixa de ferramentas” que auxiliam a sua adaptação à resolução de determinados problemas, dentro de domínios específicos (Brown & Richerson, 2014). Para a Psicologia Evolutiva, o Pleistoceno é uma época de grande relevância para a compreensão da mente humana, com o modo de vida dos caçadores-recolectores a caracterizar grande parte da nossa história evolutiva, acreditando-se que grande parte das alterações sociais

³ Também denominada por Antropologia Evolutiva, Sociobiologia Humana ou Etologia Humana (Barrett *et al.*, 2002; Cartwright, 2000).

⁴ “Modernas” em oposição a “ancestrais”.

contemporâneas resultam de processos impulsionados por mudanças num passado distante (Brown & Richerson, 2014; Kaplan & Lancaster, 2003; Newson & Richerson, 2009) – denominado por ‘ambiente de adaptação evolutiva’ (Cartwright, 2000).

A Sociobiologia é considerada uma disciplina “híbrida” entre a ecologia comportamental, biologia das populações e etologia social, focando-se nos aspectos funcionais do comportamento animal, conceitos que mais tarde foram também aplicados ao comportamento humano (e.g. ‘Sociobiologia humana’ (Wilson, 1975 *in* Brown & Richerson, 2014). Esta é também uma área geradora de alguma controvérsia uma vez que, por um lado se aproxima da Ecologia Comportamental Humana e ao mesmo tempo - ao dar ênfase à importância dos mecanismos adaptativos que foram moldados no Pleistoceno - existe quem defenda que esta não deve ser distinguida da Psicologia Evolutiva (Cartwright, 2000). Devido em parte a toda a controvérsia envolvente, o termo ‘Sociobiologia humana’ tem vindo a cair em desuso (Brown & Richerson, 2014; Hobcraft, 2003), e gradualmente substituído por ‘Etologia’ (Laland & Brown, 2002).

O estudo da evolução da cultura tem especial interesse na forma como os comportamentos são aprendidos socialmente e como são influenciados pela cultura, podendo resultar em respostas mal-adaptativas através da acção da selecção natural sobre determinados enviesamentos cognitivos (Brown & Richerson, 2014; Sear, 2015). Mecanismos de selecção natural e demonstrações com modelos matemáticos são utilizados para explicar a evolução de características da cultura humana bem como da co-evolução genes-cultura, tentando compreender a variabilidade na distribuição de frequências entre variantes culturais, ao longo do tempo (*in* Brown & Richerson, 2014). A cultura é o conjunto de padrões comportamentais típicos de grupo que são partilhados entre membros de uma população ou espécie, e que dependem da aprendizagem social de informação cuja disseminação é assegurada através de processos como o ensino, imitação ou outras formas de transmissão social (Brown & Richerson, 2014; Laland & Hoppitt, 2003). Estes mecanismos cognitivos de transmissão social podem sofrer enviesamentos e influenciar a aquisição de comportamentos particulares tais como “copiar a maioria”, uma forma de aprendizagem social que pode ser observada em vários domínios culturais. Estes mecanismos de domínio geral não têm por norma muito impacto ao nível individual, mas podem ter grande impacto a nível populacional e ao longo do tempo, com a emergência de inovações tecnológicas e instituições sociais de carácter cumulativo (Brown & Richerson, 2014) que podem influenciar as direcções da selecção e a trajectória evolutiva das populações.

A perspectiva evolutiva do comportamento humano é uma mais valia na compreensão dos tipos de estratégias adoptados pelos humanos, quer em ambientes ancestrais quer contemporâneos, fornecendo uma explicação consistente da evolução social e adaptação humanas (Barrett *et al.* 2002; Cartwright, 2000). Com esta variedade de perspectivas e estratégias de investigação, torna-se essencial que ao abordar o comportamento humano, sejamos claros quanto aos níveis de explicação que a investigação em causa pretende abordar.

Assim, a presente investigação pretende conjugar algumas abordagens e metodologias da Ecologia Comportamental Humana, Psicologia Evolutiva e Evolução Cultural para analisar as decisões reprodutivas humanas. Para o efeito, considera-se relevante considerar o variáveis relativas ao contexto socioeconómico, modelos da história de vida, consequências dos processos de evolução e avaliação subjectiva da satisfação com a vida. Este trabalho cruza várias áreas de conhecimento, procedendo a uma abordagem que se pode considerar interdisciplinar, reforçando a importância da comunicação e colaboração entre diferentes áreas na construção do conhecimento.

1.1.2. Transição Demográfica

A transição demográfica é um fenómeno bastante complexo que afecta várias partes do mundo, e que não apresenta um conjunto comum de causas⁵ (Low, 1994 *in* Mulder, 1998). Caracteriza-se por um declínio generalizado do número de descendentes apesar do aumento generalizado da disponibilidade de recursos (Barkow & Burley, 1980; Huber *et al.*, 2010; Mulder, 1998; Newson *et al.*, 2005), pela diminuição da mortalidade, associada a uma melhoria dos conhecimentos da saúde e das condições de vida, e pela emergência de uma associação negativa entre riqueza e a reprodução (Huber *et al.*, 2010; Kaplan & Lancaster, 2003; Mulder, 1998) que acompanha a modernização e industrialização das sociedades. Com efeito, grande parte das diferenças observadas nos níveis de fecundidade dos diferentes países pode ser atribuída a diferenças ao nível do desenvolvimento económico, com indivíduos de populações menos desenvolvidas a reproduzirem-se tendencialmente mais do que indivíduos de populações mais prósperas (Lee, 2003 *in* Li *et al.*, 2011).

⁵ O aumento da competitividade, os aumentos dos custos associados ao investimento parental, o nível de escolaridade da mulher, mudanças ao nível das recompensas do investimento em capital incorporado, a desagregação das relações de parentesco que se tornaram mais alargadas, e evolução cultural e a estratificação social foram apontados como possíveis causas para o declínio da fecundidade (ver Huber, *et al.*, 2010).

Estudos relativos a sociedades tradicionais (pré-transição demográfica) revelam relações consistentemente positivas entre a abundância de recursos e o sucesso reprodutivo dos indivíduos (Kaplan & Lancaster, 2003). Esta relação torna-se negativa durante o processo de transição, mantendo-se negativa ou inexistente após a transição. É em parte a observação destas discrepâncias que tornam as transições demográficas tão intrigantes.

Na grande maioria das espécies, quando o aumento da disponibilidade de recursos é acompanhado por uma diminuição da mortalidade, a população cresce (J. H. Barkow & Burley, 1980), uma vez que os indivíduos tentam maximizar a sua aptidão inclusiva, produzindo o número máximo de descendentes saudáveis possível, de forma a garantir a sua representação genética nas gerações seguintes [(Darwin, 1986 e Hamilton, 1964, 1972) in Barkow & Burley, 1980]. Assim, o caso humano parece contrariar um dos pressupostos fundamentais da biologia evolutiva.

Existe um corpo crescente de investigação a entrar no debate e que se propõe a discutir e explicar o declínio da fecundidade nas sociedades pós-industriais desenvolvidas, atribuindo-o a uma multiplicidade de factores ambientais, sociobiológicos, psicológicos, culturais e mal-adaptativos.

1.1.3. Modernização e alterações de normas e valores

A globalização dos mercados de trabalho foi acompanhada pelo aumento da competitividade e conseqüente instabilidade financeira. Esta emergência de uma economia cada vez mais baseada em qualificações e competências, fez aumentar valor do investimento no capital incorporado⁶ (i.e., educação e formação profissional), motivando os indivíduos a prolongar a sua educação e a adiar o investimento na formação de família (Kaplan & Lancaster, 2003; Li *et al.*, 2011). Estas alterações na economia disponibilizaram não só uma crescente variedade de bens de consumo (Li *et al.*, 2011) como aumentaram também o valor do investimento parental no capital incorporado dos filhos (Kaplan, 1996) incentivando os pais com maior escolarização e maior disponibilidade de recursos a investir mais em cada filho do que os seus pares menos escolarizados e com menores rendimentos.

Neste novo contexto económico, à medida que a educação passou a ser um factor determinante na capacidade de obter recursos, os seus efeitos na fecundidade tornaram-se mais

⁶ O conceito de *capital incorporado* teve origem no conceito de *capital humano* nas ciências económicas, tratando-se de uma forma genérica de pensar no esforço somático (Kaplan *et al.*, 1995 in Kaplan, 1996).

pronunciados, devido ao adiamento da idade ao casamento, e a um atraso entre o casamento e o primeiro filho (Kaplan & Lancaster, 2003). Este adiamento e consequente aumento da idade ao nascimento do primeiro filho pode revelar-se bastante dispendioso na medida em que podem resultar numa fecundidade total inferior à inicialmente desejada, com os casais muitas vezes a terem menos filhos do aqueles que ambicionavam, devido aos limites biológicos da reprodução (INE, 2014; Kaplan *et al.*, 2002 in Kaplan & Lancaster, 2003; Maciel, 2015) e a uma percepção distorcida da fertilidade feminina e masculina (Hammarberg et al., 2013).

A participação da mulher no mercado de trabalho também teve impacto na estrutura familiar, com o aumento das oportunidades assalariadas e redução das recompensas na produção doméstica (Kaplan & Lancaster, 2003; Newson & Richerson, 2009) Com a passagem para fora da esfera doméstica, passou a ser possível alcançar o poder económico e estatuto social de forma independente. Consequentemente, a complementaridade entre os papéis feminino e masculino na parentalidade diminuiu, com a mulher a ter necessidade de investir mais no seu capital incorporado de forma a poder alcançar melhores oportunidades económicas. Os custos do investimento parental tornaram-se assim mais dispendiosos, graças à redução da disponibilidade para cuidar dos filhos (comparativamente ao modelo familiar tradicional), estabelecendo-se assim uma crescente preferência por famílias menos numerosas: Em última análise, esta redução do tamanho familiar correspondeu a uma redução do número de anos necessários para prestar cuidados a crianças pequenas (Kaplan & Lancaster, 2003), necessária para a articulação das dimensões familiar e profissional das sociedades desenvolvidas.

É necessário compreender os processos de tomada de decisão subjacentes às diferentes estratégias de alocação de recursos, entre o consumo próprio, o consumo dos filhos⁷, o investimento no capital humano próprio e no dos descendentes, e na reprodução (Kaplan & Lancaster, 2003). De acordo com Kaplan (1996), o desvio da maximização da aptidão associado à baixa fecundidade moderna deve-se ao excesso de gastos, tanto no consumo dos pais como no da descendência, indicando que a nossa psicologia responde a indicadores do mundo moderno que não estão directamente relacionados com o impacto do consumo na aptidão.

A globalização dos mercados introduziu mudanças estruturais nas dinâmicas populacionais, que levaram os indivíduos a adoptar novas estratégias de alocação de recursos, desviando-se das previsões de maximização da aptidão. Um crescente corpo de evidências sugere

⁷ O investimento no capital incorporado dos descendentes, não inclui apenas investimentos na educação, mas também em bens associados ao treino e estatuto social, tais como *hobbies* e desportos, roupas e brinquedos, que pode ser visto como um compromisso para favorecer o lugar das crianças na sociedade (Kaplan & Lancaster, 2003).

que em resposta às novas condições socioecológicas das sociedades economicamente desenvolvidas, a maximização da aptidão poderá ter deixado de ser feita através das decisões reprodutivas (Kaplan, 1996; Kaplan & Lancaster, 2003), fenómeno que não parece ser exclusivo de contextos modernos (*in* Sear *et al.*, 2016). Nesse sentido, para entender a complexidade das decisões reprodutivas humanas é necessário considerar outros factores além da maximização da aptidão, que por si só já não chega (Lawson & Bergerhoff Mulder, 2016).

Investigações sobre a influência do custo do investimento parental na fecundidade com uma população pastoralista tradicional (e.g., Mace, 1996) já tinham mostrado que nem sempre a maximização da aptidão passava pela maximização da fecundidade, particularmente em condições como as dos *Gabbara*, em que a família do noivo tem que pagar dote à família da noiva. O papel central da herança de riqueza no sucesso reprodutivo da descendência nestas sociedades, cria condições socio-ecológicas em que é mais vantajoso não produzir muitos descendentes, levando a níveis de fecundidade mais baixos do que o esperado.

1.1.4. Fecundidade em Portugal

O declínio da fecundidade leva ao envelhecimento das populações, que tem importantes repercussões económicas, políticas e também estruturais na organização das sociedades desenvolvidas.

O índice sintético de fecundidade (ISF) resulta da soma das taxas de fecundidade por idades, observadas num determinado período, e mede o número médio de filhos por mulher em idade fértil (dos 15 aos 49 anos). A partir da década de 80, a fecundidade em Portugal entrou em declínio, registando valores de ISF abaixo de 2,1, deixando de assegurar a substituição natural das gerações, e colocando Portugal entre os países com um dos mais baixos níveis de fecundidade da Europa e do Mundo (INE, 2014).

Em 2012, registou um valor de ISF “perigosamente baixo”, de 1,28, tendo sido o país com menor ISF no conjunto dos 28 Estados-Membros da União Europeia (INE, 2014). De acordo os dados do *Inquérito à Fecundidade 2013*, esta tendência decrescente no número de nascimentos que se tem observado ao longo das últimas décadas, não parece apresentar sinais de viragem (INE, 2014; Maciel, 2015) devido à redução de população em idade activa e reprodutiva, bem como a movimentos migratórios contínuos que não estão a ser compensados no sentido inverso. Cada um destes factores coincide também com um conjunto de mudanças no panorama social e político, associado à crise económica.

Como referido anteriormente, o declínio da fecundidade inclui-se num processo de transformações demográficas que afectaram e afectam várias populações um pouco por todo o Mundo. O declínio da fecundidade para valores abaixo dos necessários para assegurar a substituição natural das gerações (limiar da substituição das gerações), originou uma ‘Segunda Transição Demográfica’ (Bühler & Fratczak, 2007; Goldscheider *et al.*, 2015; INE, 2014), cujo elemento central se caracteriza pelo adiamento da maternidade (Maciel, 2015). Este adiamento é o reflexo do aparecimento e manutenção de um padrão de fecundidade mais tardio, assente na redução da maternidade até aos 25 anos, e no aumento dos nascimentos acima dos 30 anos (Sobotka, 2008 *in* INE, 2014).

De acordo com o inquérito, em Portugal parece haver cada vez mais mulheres a ter o primeiro filho mais tarde (depois dos 30), e cada vez menos a passar do primeiro para o segundo, ou a adiar esta passagem. E parece ser esta quebra nos segundos nascimentos, e a tendência para o “filho único” (e não a infecundidade – “*childlessness*” – que se observa noutros países) o principal factor a contribuir para a persistência do declínio da fecundidade. Este padrão foi denominado de “duplo adiamento”, e tem sido reforçado com os efeitos da crise económica nas decisões reprodutivas, com a precarização das condições de vida, a incerteza face ao futuro associada à instabilidade do mercado de trabalho, e a ausência de políticas de incentivo à natalidade.

As diferenças populacionais observadas ao nível da fecundidade estão por norma associadas ao desenvolvimento económico de cada país (Newson & Richerson, 2009). Contudo, mesmo entre países com níveis de desenvolvimento idênticos, é possível observar discrepâncias significativas ao nível da fecundidade (e.g., Li *et al.*, 2011). Este facto foi observado num estudo que procurou investigar as atitudes perante o casamento e a importância de ter filhos, comparando duas amostras populacionais com níveis de desenvolvimento semelhantes: EUA e de Singapura. Apesar das semelhanças, estas populações apresentam grandes discrepâncias ao nível da fecundidade⁸, tendo sido proposto que para compreender algumas questões socioeconómicas, pode ser útil considerar a forma como alguns factores psicológicos (como a satisfação com a vida, materialismo, entre outros) se relacionam com o comportamento reprodutivo (e.g. atitudes perante o casamento, a importância de ter filhos).

Seguindo as sugestões de Kaplan & Lancaster (2003) seria útil considerar os mecanismos psicológicos subjacentes às tomadas de decisão reprodutivas e às estratégias de alocação de

⁸ com os EUA a apresentar um ISF de 2,05 e Singapura no fundo da tabela mundial, 1,09

recursos, segundo a teoria evolutiva, de forma a tentar perceber como é que estes interagem com as condições socioeconómicas, através dos efeitos no comportamento e na demografia. Partindo do pressuposto referido anteriormente, de que o passado pode explicar o presente, e que parte dos mecanismos psicológicos subjacentes à cognição humana terão evoluído em ambientes ancestrais recorrentes (Brown & Richerson, 2014; Kaplan & Lancaster, 2003; Newson & Richerson, 2009; Tooby & Cosmides, 1990, 1992) caracterizados pela adversidade e imprevisibilidade ambiental (Ellis *et al.*, 2009; Mittal & Griskevicius, 2014), é possível que um conhecimento mais profundo da nossa história evolutiva possa enriquecer o leque de soluções para desafios actuais..

1.2. TEORIA DE HISTÓRIAS DE VIDA HUMANA – ESTADO DA ARTE

A Teoria da História de Vida (THV) é - em conjunto com a Teoria do Investimento Parental - uma das teorias evolutivas mais comumente usadas para abordar as questões da variação da fecundidade (Lawson, 2011; Sear, 2015), particularmente na idade de entrada na parentalidade (e.g., idade ao nascimento do 1º filho).

A manutenção de populações viáveis depende do sucesso reprodutivo dos organismos, e por isso a reprodução constitui um aspecto fundamental da biologia de uma espécie. Um desafio fundamental e transversal a todos os organismos é a alocação eficiente de recursos, tempo e energia pelas diferentes tarefas vitais para a sua sobrevivência e reprodução (Griskevicius, Delton, Robertson, & Tybur, 2011; Griskevicius, Tybur, Delton, & Robertson, 2011)

Durante o decurso da sua vida, os organismos necessitam de energia para sobreviver e se reproduzirem. A energia, tempo e recursos são finitos, e por isso os organismos estão limitados por um “orçamento energético” que é gerido em função das diferentes actividades vitais.

A história de vida (HV) de um organismo constitui o conjunto de atributos que constituem o seu ciclo de vida (Jones, 2015) e representa a solução-óptima, encontrada através de mecanismos de selecção natural para a alocação de tempo e recursos de forma a maximizar a aptidão de uma espécie ou organismo. Os atributos da história de vida principais incluem eventos como a idade de maturação, parição, fecundidade e envelhecimento.

Os organismos podem apresentar um padrão comportamental fixo ou formas comportamentais alternativas, que terão resultado de pressões selectivas no sentido da evolução

de estratégias mais flexíveis (plasticidade fenotípica), que permitissem aos organismos dar respostas mais adaptativas - alterando por exemplo o seu comportamento e fisiologia – face às variações ambientais.

A teoria de história de vida (THV) pretende explicar a forma como o desafio da alocação de tempo, recursos e energia é resolvido no decorrer da vida dos organismos (Griskevicius, Delton *et al.*, 2011). Quando se fala em recursos finitos, a sua alocação implica sempre uma avaliação dos custos *versus* benefícios associados a cada decisão, forçando decisões sobre o valor relativo das diferentes opções, uma vez que os recursos investidos numa opção, não podem ser investidos na opção alternativa. A selecção natural, irá favorecer os indivíduos que obtêm mais recursos e que os alocam da forma mais eficiente para maximizar a sua aptidão, dentro do seu nicho ecológico. Assim, a THV explica a forma como as pressões selectivas actuam sobre organismos, seleccionando as estratégias que optimizam a alocação de recursos no decurso das suas vida (Griskevicius, Delton *et al.*, 2011; Griskevicius, Tybur *et al.*, 2011; Huber *et al.*, 2010) de forma alcançar uma solução óptima de maximização da aptidão. A disponibilidade de recursos é portanto um factor que influencia o comportamento e as estratégias de história de vida adoptadas pelos indivíduos.

As estratégias de história de vida são altamente variáveis entre espécies, mas também ao nível individual, resultando da interacção entre factores intrínsecos aos indivíduos com as variáveis ecológicas do ambiente em que estes se inserem. A THV propõe que a variabilidade e diversidade existente de estratégias de HV assentam num *continuum* lento-rápido, com estratégias mais lentas, focadas em objectivos a longo prazo num extremo, e estratégias mais rápidas focadas em recompensas e resultados mais imediatos, no extremo oposto.

A alocação de energia e recursos limitados assenta em princípios básicos da termodinâmica, que ditam que a energia utilizada numa tarefa (e.g. crescimento ou manutenção do sistema imunitário) não pode, simultaneamente, ser utilizada numa outra tarefa sua concorrente (e.g. investimento reprodução) (Griskevicius, Delton *et al.*, 2011). Ou seja, o investimento num destes atributos de HV leva à redução dos recursos disponíveis para investir no outro. A dada altura no decurso da vida, todos os organismos enfrentam importantes dilemas entre alocar os seus recursos num componente vital relevante para a sua aptidão ou num outro componente vital também relevante para a sua aptidão, o que significa que têm muitas vezes que abdicar, ou adiar determinados objectivos de vida (Griskevicius, Delton *et al.*, 2011; Griskevicius, Tybur *et al.*, 2011). A alocação de recursos envolve *trade-offs* (a partir de agora, “compromissos”) entre os custos e os benefícios de um objectivo, em detrimento de um outro seu concorrente.

A THV parte do pressuposto que os indivíduos (e linhagens) foram sistematicamente, ao longo do desenvolvimento e tempo evolutivo, ajustando as suas estratégias de HV em resposta aos desafios ambientais (riscos e oportunidades do meio), e que estes ajustamentos foram melhorando a aptidão inclusiva ao longo da história evolutiva (Ellis *et al.*, 2009).

De uma forma geral, a THV fornece um enquadramento teórico que faz uma avaliação de como é que os organismos, perante os compromissos fundamentais da HV, devem alocar o seu tempo, energia e recursos de forma a maximizar a sua aptidão (H. S. Kaplan & Gangestad, 2004).

1.2.1. Compromissos fundamentais da história de vida humana

Os organismos adquirem os recursos através do ambiente, e é a sua capacidade de os obter que irá determinar o seu “orçamento energético”. Estes recursos podem ser “gastos” de três formas: (1) em *crescimento*, aumentando a sua capacidade de obter mais recursos e, consequentemente melhorando as hipóteses da reprodução futura; (2) em *manutenção*, reparando os tecidos somáticos, melhorando o sistema imunitário e a capacidade de produção de energia; e (3) na *reprodução*, através do qual replicam os seus genes. A forma como os organismos resolvem este dilema de alocação de recursos, determina a suas trajectórias de vida (Kaplan & Gangestad, 2004).

Logo na infância, os indivíduos têm que “decidir” quanto dos seus recursos energéticos alocar na manutenção das funções básicas - tais como metabolismo, sistema imunitário, digestão, etc - necessárias à sua sobrevivência; ou por outro lado, no seu crescimento – aumento de massa corporal, desenvolvimento de capacidades cognitivas, aquisição de conhecimentos, etc). Esta “decisão” é feita em resposta às necessidades de manutenção e crescimento, face à disponibilidade energética nos períodos pré-natal e na infância (Ellis *et al.*, 2009) moldando as trajectórias de desenvolvimento que irão ter grande influência nas estratégias e compromissos THV subsequentes. A alocação de recursos em crescimento e manutenção, têm consequências na aptidão dos indivíduos, e influenciam a fecundidade.

a. Compromisso entre a Reprodução Presente *versus* Reprodução Futura

O tipo de investimento somático (crescimento *versus* manutenção) que ocorre nas fases iniciais do desenvolvimento dos indivíduos, abre caminho a um dos principais compromissos

THV, transversal a todos os organismos e que consiste no investimento reprodutivo *versus* esforço somático, ou seja, um compromisso entre reprodução presente *versus* reprodução futura. O esforço somático envolve a manutenção dos sistemas fisiológicos básicos, mas também crescimento e manutenção do capital incorporado⁹ do indivíduo, através da aquisição de conhecimentos, capacidades, etc. O esforço reprodutivo envolve investimento em todos os componentes relacionados com a competição intra-sexual, corte, reprodução e investimento parental (Griskevicius, Tybur *et al.*, 2011).

O investimento energético na fecundidade futura implica o custo de oportunidade de não investir na fecundidade presente, e investir numa reprodução mais precoce implica custos associados ao aumento da probabilidade de não haver reprodução futura (Kaplan & Gangestad, 2004). A melhor estratégia depende da alocação de recursos que resultar na maior aptidão inclusiva. O investimento numa reprodução mais precoce, pode ter consequências na qualidade e sobrevivência da descendência, bem como na capacidade do progenitor se voltar a reproduzir. Por outro lado, com o avançar da idade a viabilidade e fertilidade dos organismos vão diminuindo, enquanto o risco de mortalidade aumenta. À medida que o risco de mortalidade aumenta, os benefícios associados à alocação de recursos no futuro diminui (Kirkwood & Rose, 1991 *in* Kaplan & Gangestad, 2004). Consequentemente, em determinadas circunstâncias o adiamento da reprodução poderá ser prejudicial para a fecundidade do indivíduo.

b. Compromisso entre a Quantidade *versus* Qualidade da Descendência

O compromisso entre a quantidade e a qualidade da descendência é central às explicações evolutivas e económicas da transição demográfica (Huber, Bookstein & Fieder, 2010). O investimento na qualidade da descendência é característico das sociedades modernas.

O elevado grau de competitividade característico de um mercado de trabalho globalizado, baseado nas qualificações e competências dos indivíduos faz aumentar o valor do investimento parental por descendente (Kaplan, 1996).

⁹ capital incorporado – conceito “emprestado” da Economia (“capital humano”) para designar o investimento somático de uma forma mais genérica (Kaplan, 1996).

1.2.2. Estratégias de história de vida humana – estratégias lentas *versus* rápidas

Existem vários motivos que influenciam o *timing* ao início da parentalidade (Griskevicius, Delton *et al.*, 2011), e na THV procura-se compreender como é que os indivíduos resolvem o desafio da alocação de recursos ao longo das suas vidas e dentro do contexto em que se inserem.

Desta perspectiva, o momento reprodutivo está intimamente relacionado com o tipo de estratégia utilizado, e com o compromisso entre ‘qualidade *versus* quantidade’ da descendência.

O investimento na “qualidade” está associado a estratégias de THV lentas, também caracterizadas por um maior investimento no desenvolvimento somático, uma reprodução mais tardia, menor número de descendentes e elevado investimento parental por cada descendente. De forma inversa, as estratégias THV rápidas têm associado o investimento na quantidade de descendentes, caracterizando-se estes indivíduos por uma maturação sexual mais precoce, elevado número de descendentes, intervalos entre nascimentos relativamente curtos e níveis mais reduzidos de investimento parental por cada descendente (Li *et al.*, 2015).

A evolução humana resultou numa história de vida especializada, que terá tido origem num conjunto particular de factores característicos do modo de vida dos caçadores-recolectores, e da variabilidade ecológica existente entre habitats. Face a esta variabilidade ecológica a que os nossos antepassados foram expostos, terão sofrido pressões selectivas no sentido de evoluir mecanismos psicológicos e fisiológicos capazes de responder de forma sistemática aos desafios ambientais (Kaplan & Lancaster, 2003).

O enquadramento da THV tem-se revelado bastante útil na explicação das diferenças individuais observadas dentro da mesma espécie, principalmente em situações em que os indivíduos foram expostos a ambientes adversos, perigosos e imprevisíveis durante as primeiras fases do seu desenvolvimento (Li *et al.*, 2015), com a adopção de estratégias rápidas ou lentas em função das suas vivências na infância.

1.2.3. Incerteza ambiental

A incerteza ambiental é um termo utilizado para descrever a imprevisibilidade e adversidade de contextos ambientais em que existe uma forte probabilidade de morte por fome, predação ou doença (Ellis *et al.*, 2009; Mittal & Griskevicius, 2014). Estes terão sido os factores com maior impacto na evolução e desenvolvimento das estratégias de história de vida humanas.

Este tipo de ambientes são aqueles que os nossos antepassados terão enfrentado, e que terão moldado as estratégias da história de vida humana (Brown & Richerson, 2014; H. S. Kaplan & Lancaster, 2003; Mittal & Griskevicius, 2014; Newson & Richerson, 2009; Tooby & Cosmides, 1990). Apesar da incerteza ambiental poder englobar vários factores ecológicos, a incerteza económica parece ser segundo vários autores, um bom indicador de adversidade ambiental em contextos modernos (Griskevicius et al., 2013; Griskevicius, Delton, et al., 2011; Griskevicius, Tybur, et al., 2011; Mittal & Griskevicius, 2014; Sear, 2015).

A idade de entrada na parentalidade é um atributo de história de vida que pode ser moldado pela imprevisibilidade na infância. Ecologias adversas actuais podem desencadear nos indivíduos respostas características de estratégias de HV, rápidas ou lentas (Mittal & Griskevicius, 2014)

1.2.4. Influência do ambiente na infância, nas estratégias reprodutivas do adulto

Vários fenómenos psicológicos apresentam períodos de sensibilidade durante os quais os organismos ajustam as suas estratégias de HV, em função dos dados que recebem do ambiente (Griskevicius, Delton *et al.*, 2011). Quando comparados com outras espécies, o período de infância do ser humano é bastante longo, e conseqüentemente muita da aprendizagem social que influencia o comportamento em adulto é desenvolvida durante esta fase (Sear *et al.*, 2016) e, de forma semelhante, os indicadores relevantes para a (Ellis et al., 2009; Mittal & Griskevicius, 2014) a que os indivíduos são expostos durante a infância, podem influenciar as estratégias que adoptam em adulto, acreditando-se assim que a infância possa ser uma “janela crítica” durante a qual são definidos os parâmetros de história de vida (Griskevicius, Delton *et al.*, 2011).

Durante vários anos, a influência do período de desenvolvimento nas decisões reprodutivas foram relativamente negligenciadas (Sear *et al.*, 2016). Coall e colegas (2016) foram os primeiros a fornecer a primeira revisão das evidências sobre o papel das experiências na infância nos resultados nas eventuais conseqüências reprodutivas.

Partindo da THV, as investigações neste domínio têm tentado analisar como é que o ambiente na infância direcciona as decisões reprodutivas para trajetórias de vida “rápidas” ou “lentas”. As hipóteses principais prevêem que ambientes mais pobres, adversos e incertos na infância direccionam os indivíduos para estratégias de vida rápidas, desencadeando decisões

reprodutivas que envolvem uma idade mais precoce ao primeiro filho e nascimentos subsequentes com intervalos curtos, resultando numa fecundidade mais elevada. Em contraste, indivíduos que cresceram em ambientes mais prósperos e benignos tendem a investir mais no capital incorporado antes da reprodução, resultando numa idade ao primeiro filho mais tardia, uma fecundidade mais lenta e um tamanho familiar mais reduzido (Sear *et al.*, 2016).

O estatuto socioeconómico na infância de um indivíduo tem sido usado como marcador para avaliar a exposição à adversidade e incerteza ambiental durante as fases de desenvolvimento de um indivíduo (Chen & Miller (2012) e White *et al.* (2013) *in* Mittal & Griskevicius, 2014; Griskevicius *et al.*, 2013; Griskevicius, Delton *et al.*, 2011)

1.3. ABORDAGEM À REDE DE RELACIONAMENTOS SOCIAIS – ESTADO DA ARTE

Enquanto ser social, é preciso considerar o ser humano dentro do contexto que o envolve e indivíduos com quem interage e se relaciona. Assim, ao analisar os processos de tomada de decisão ao longo da vida de um indivíduo deve-se considerar não apenas as características pessoais e factores relevantes do contexto em que os indivíduos estão inseridos, mas também as características e comportamentos das pessoas com quem eles interagem (Balbo & Barban, 2014; Bernardi & Klärner, 2014).

1.3.1. Hipótese da Influência dos Parentes (*Kin influence hypothesis*)

De acordo com a hipótese da influência dos parentes (*kin influence*), a principal causa do declínio da fecundidade moderna foi o alargamento das redes sociais, com consequente aumento do rácio entre não-parentes e parentes que compõem as redes sociais, levando à crescente disseminação de informações e técnicas de controlo e limitação de fecundidade entre indivíduos não aparentados (Newson *et al.*, 2007, 2005; Newson & Richerson, 2009).

De acordo com esta teoria, a fecundidade em sociedades tradicionais é assegurada pela elevada proporção de interações entre indivíduos com relações de parentesco, que actua como fonte de pressão social que mantém em vigor normas e sanções culturais (e.g., pressão social) consistentes com a aptidão genética (Newson & Richerson, 2009). Com os processos de

modernização que acompanham o desenvolvimento económico das sociedades, dá-se o alargamento das redes sociais, que se vão tornando cada vez menos densas em relações de parentesco. O aumento da proporção de interações sociais com indivíduos que não têm interesse no sucesso reprodutivo uns dos outros, leva ao enfraquecimento das recompensas e sanções sociais que mantêm a fecundidade e a cooperação entre parentes, desencadeando um conjunto de alterações culturais e comportamentais que levam à emergência de novos estilos de vida e de novos valores que divergem progressivamente dos comportamentos reprodutivos-óptimos.

De acordo com Newson e Richerson (2009), estas alterações não actuam directamente sobre o comportamento dos indivíduos de forma repentina, mas sim sobre as normas, crenças e valores culturais que vão consecutivamente deixando de suportar a procura da aptidão inclusiva. A abordagem da evolução cultural entende a emergência de novos valores (e.g., individualismo, auto-realização, autonomia e emancipação) e as alterações nos estilos de vida acompanharam a ‘segunda transição demográfica’ como os principais factores que influenciam as alterações na fecundidade (Buhler & Philipov, 2005), havendo no entanto quem defenda que a 1ª e 2ª transição demográfica não se tratam de dois processos distintos, mas sim de partes distintas do mesmo processo evolutivo (Newson & Richerson, 2009).

1.3.2. Difusão e Interacção Social

As evidências que a influência social desempenha um importante papel no controlo da reprodução são fortes (Bongaarts & Watkins, 1996; Newson *et al.*, 2005), e difusão e interacção sociais são processos que moldam os comportamentos e as decisões reprodutivas (Balbo & Barban, 2014; Bongaarts & Watkins, 1996), não só entre indivíduos da mesma família, como também entre indivíduos do mesmo grupo religioso ou étnico, colegas de trabalho e principalmente amigos (e.g. Balbo & Barban, 2014).

A investigação sobre os efeitos da rede social nos comportamentos reprodutivos é escassa, principalmente as que se focam em países economicamente desenvolvidos (Balbo & Barban, 2014; Buhler & Fratczak, 2004; Sear, 2015; Sear *et al.*, 2016). A maior parte da literatura baseia-se em dados provenientes de países em desenvolvimento que investigam maioritariamente o uso de contraceptivos, comunicação sobre reprodução e planeamento familiar em contextos de

fecundidade elevada (e.g., Bongaarts & Watkins, 1996; Newson *et al.*, 2005, 2007; Newson & Richerson, 2009).

A perspectiva estrutural das redes sociais (Buhler & Philipov, 2005) pode fornecer uma visão realista sobre as alterações de valores associados à fecundidade, entendendo essa transformação enquanto produto de processos de difusão, das quais as relações interpessoais são as vias de acesso à informação a partir da qual os indivíduos aprendem com os outros, e fazem avaliações sobre os custos e benefícios da parentalidade, bem como do uso de contraceptivos e planeamento familiar (Bongaarts & Watkins, 1996).

1.4. OBJECTIVOS DO ESTUDO

Apesar da população mundial ter sofrido um crescimento exponencial no decorrer do séc. XX, estando a experienciar alterações demográficas a uma rapidez sem precedentes (Bongaarts, 2009), a revisão anterior permite observar que o declínio da fecundidade constitui - a par com o envelhecimento populacional - uma realidade demográfica bastante pertinente, e com preocupantes consequências económicas e políticas nas dinâmicas e organização das sociedades, das quais Portugal não é excepção (INE, 2014).

O contexto de incerteza e insegurança financeira generalizados que emergem da crise económica podem ter um grande impacto nas decisões reprodutivas dos indivíduos, que optam por casar e constituir família cada vez mais tarde. Evidências científicas demonstraram que a precariedade laboral feminina e a insegurança económica do agregado familiar desencorajam significativamente a decisão de entrar na parentalidade, reforçando o adiamento ou mesmo o abandono da ideia de ter o primeiro filho (Modena *et al.*, (2013).

Partindo da abordagem evolutiva à teoria de história de vida (Griskevicius, Delton, et al., 2011; Griskevicius, Tybur, et al., 2011; Kaplan, 1996; Mittal & Griskevicius, 2014), pretende-se avaliar os efeitos da percepção de abundância *versus* escassez de recursos a que os indivíduos estiveram expostos durante o seu desenvolvimento (infância) nas estratégias reprodutivas adoptadas, avaliando o seu contributo relativo em relação um conjunto de factores frequentemente apontados na literatura (Albano, 2015; INE, 2014; Maciel, 2015) como obstáculos que condicionam a fecundidade, contribuindo para o progressivo adiamento da entrada na parentalidade, e impedindo os indivíduos realizar a fecundidade inicialmente desejada.

Assim, pretende-se avaliar o impacto que a percepção individual de disponibilidade de recursos¹⁰ na infância tem sobre os comportamentos reprodutivos dos indivíduos, de acordo com o previsto pela teoria de história de vida (THV), e controlando para a situação actual de disponibilidade de recursos. Essa análise será feita em conjunto com algumas condicionantes (obstáculos à fecundidade) actuais emergentes da evolução cultural das sociedades e mudança de valores, bem como com os compromissos fundamentais da THV. Prevê-se que:

H1: O estatuto socioeconómico percebido na infância tem mais efeitos sobre as decisões reprodutivas que o estatuto socioeconómico percebido actual.

As duas hipóteses seguintes visam ainda verificar o ajuste dos dados à hipótese da influência dos parentes (*Kin influence theory*; Newson *et al.*, 2005, 2007; Newson & Richerson, 2009).

H2_a: Os obstáculos à fecundidade têm efeitos negativos sobre as decisões reprodutivas, essencialmente fazendo diminuir o número de filhos planeado e as intenções de parentalidade futura, e aumentando a idade de entrada na parentalidade (idade ao nascimento do 1º filho) e adiamento do 2º filho.

H2_b: As estratégias reprodutivas adoptadas (manifestadas pelos compromissos de THV) vão reflectir-se no número de filhos e na idade de entrada na parentalidade.

As taxas de fecundidade em níveis “perigosamente baixos”, que marcam a *segunda transição demográfica* na Europa do Norte e Ocidental, segundo vários estudos, podem ser o resultado de uma combinação entre o adiamento da entrada na parentalidade e o adiamento da passagem para o segundo filho (ou filhos adicionais), que podem levar à não concretização da fecundidade desejada (INE, 2014; Maciel, 2015). Assumindo que os desejos e intenções podem mudar ao longo do tempo, e que podem ser influenciados por experiências ou alterações que ocorrem ao longo da vida, propõe-se que as circunstâncias em que se tem o primeiro filho (se foi

¹⁰ Avaliado pela percepção de estatuto socioeconómico em que o indivíduo cresceu ou em que o indivíduo vive, respectivamente, de acordo com Griskevicius, Delton *et al.* (2011).

fruto de planeamento e a idade a que aconteceu) podem afectar as decisões de ter (ou não) o segundo:

H3_a: O facto de o 1º filho ter ou não sido planeado tem efeitos sobre a Fecundidade Final Esperada, a intenção de ter mais filhos e a idade (desejada) ao 2º filho.

H3_b: A idade de entrada na parentalidade tem efeitos sobre a Fecundidade Final Esperada, a intenção de ter mais filhos e a idade desejada ao 2º filho.

Existem fortes evidências que reforçam o papel central da influência social no controlo da reprodução (Bongaarts & Watkins, 1996; Maciel, 2015; Newson et al., 2005), através de processos de difusão e interacção social (Balbo & Barban (2014) o que faz da rede de relacionamentos pessoais (*“Social network”*) de um indivíduo uma importante fonte de pressão e apoio social (Balbo & Mills, 2011), que exerce influência sobre os actuais comportamentos e preferências reprodutivas. Desta forma propõem-se que a composição da rede social de um indivíduos, em conjunto com o seu nível de satisfação com a vida, têm influencia as decisões reprodutivas dos indivíduo, prevendo-se que:

H4_a: As decisões reprodutivas de um indivíduo são influenciadas pelos comportamentos reprodutivos dos indivíduos que o rodeiam, quando estes se encontram em situações de começar a constituir família.

H4_b: A existência de uma rede de apoio social de familiares tem uma influência positiva na decisão de entrar na parentalidade ou de ter filhos adicionais.

2. MATERIAIS E METODOLOGIAS

2.1. Critérios de Selecção dos Participantes

Os participantes incluíram homens e mulheres, com idades compreendidas entre os 18 e os 45 anos, com ou sem filhos, independentemente da sua orientação sexual, vontade de ter filhos, ou mais filhos (nos casos em que já os têm), ou da localização geográfica¹¹.

2.2. Construção do Instrumento de Investigação - Questionário

Para iniciar a presente investigação, procedeu-se à elaboração de um protocolo de recolha de dados sob a forma de questionário, partindo da revisão bibliográfica previamente feita. Este questionário é composto por 39 questões distribuídas por 8 grupos, com intuito de avaliar algumas esferas da vida humana que se relacionam ou podem condicionar de alguma forma as estratégias reprodutivas adoptadas pelos indivíduos, ao influenciar os mecanismos de tomada de decisão. A maior parte das variáveis funcionará como preditor nas análises sobre as decisões reprodutivas dos participantes.

- **Dados Sociodemográficos**

Grupo de questões relativas ao género, idade, estado civil, habilitações académicas, grau de religiosidade, situação profissional e/ou académica, bem como situações habitacionais e relacionais.

As questões referentes à situação habitacional e relacional dos participantes servem, em conjunto com o estado civil, para determinar a existência de relações a longo prazo, dada a sua importância central na reprodução humana (Griskevicius, Delton *et al.*, 2011). De uma forma geral, o estado civil por si só não é suficiente para indicar a formação de relações duradouras, dado o elevado número de casais que actualmente se formam fora do casamento. Estas questões são também informativas do contexto doméstico dos participantes (i.e., se co-habitam uma casa

¹¹ O questionário foi difundido online, e como tal foi possível abranger alguns participantes que se encontravam a viver noutros países.

com terceiros, sejam eles familiares ou não), no qual as suas decisões de ter ou não filhos, e de quantos filhos ter, estão a ser tomadas.

Para avaliar o estatuto socioeconómico (ESE) é pedido aos respondentes que indiquem o intervalo de valores (em Euros) correspondente aos rendimentos do seu agregado familiar¹². Adicionalmente, é também avaliada a percepção individual de disponibilidade de recursos (ESE percebido) em dois momentos – actual e na infância - seguindo a metodologia de Griskevicius, Delton e colegas (2011: 8; adaptação/traduições próprias), que procura compreender em que medida os indivíduos se sentem privados de recursos actualmente/até que ponto se sentiram privados de recursos durante a infância, uma vez que a literatura sugere que para uma perfeita compreensão das trajectórias da história de vida humana e estratégias adoptadas por um indivíduo adulto, é importante ter em conta alguns indicadores ambientais (neste caso, a disponibilidade de recursos) a que o indivíduo esteve exposto durante o seu desenvolvimento (Ellis *et al.*, 2009; Griskevicius, Delton, *et al.*, 2011; Griskevicius, Tybur *et al.*, 2011). Estas construções teóricas são avaliadas através do grau de concordância dos respondentes com três afirmações para cada um dos momentos, numa escala de 7 pontos tipo Likert, em que 1 = *Discordo totalmente* e 7 = *Concordo Totalmente*:

- **Percepção de disponibilidade de recursos actual e num futuro expectável** (ESE percebido actual): a) *‘Tenho dinheiro suficiente para comprar o que quero’*; b) *‘Não tenho que me preocupar demasiado com as contas que tenho para pagar’*; c) *‘Não penso que tenha que me preocupar muito com dinheiro no futuro’*;
- **Percepção de disponibilidade de recursos na infância** (ESE percebido na infância): a) *‘Quando era criança, a minha família tinha por norma dinheiro suficiente para as coisas’*; b) *‘Cresci numa vizinhança relativamente rica’*; c) *‘Sempre me senti relativamente rico ou privilegiado comparando com outras crianças na minha escola’*.

Partindo do pressuposto que a maioria dos indivíduos não saberia responder a questões sobre os rendimentos do seu agregado familiar na infância procurou-se em alternativa, questionar sobre as profissões dos elementos do seu agregado nessa época das suas vidas, de

¹² A avaliação do estatuto socioeconómico actual e do futuro expectável é feita tendo em conta os rendimentos do agregado em vez dos rendimentos individuais de cada respondente, uma vez que por norma a decisão de ter um filho é feita tendo em conta os recursos de ambos os membros do casal.

forma a posteriormente ser possível inferir valores aproximados dos rendimentos tendo por base grupos profissionais, e assim continuar a ter uma medida objectiva (ainda que aproximada) para avaliar o estatuto socioeconómico dos indivíduos na infância. O mesmo é pedido aos respondentes relativamente à sua vida actual, de forma a tentar cobrir eventuais situações em que a resposta é ‘Não sei’.

- **Decisões Reprodutivas**

Este grupo de questões é destinado a todos os participantes e visa avaliar o diferencial entre a Fecundidade Desejada¹³ (número de filhos desejado pelos participantes) e a Fecundidade Final Esperada¹⁴ (número de filhos que sentem ter capacidades de ter, tendo em conta as suas condições presentes e perspectivas de futuro), avaliar a **importância** de ter, ou poder vir a ter filhos (através de uma escala tipo Likert de 5 níveis), e distribuir os indivíduos por dois subgrupos: grupo de indivíduos com a **parentalidade iniciada** (i.e. com filhos ou à espera do primeiro filho) e grupo de indivíduos com a **parentalidade por iniciar** (i.e. indivíduos sem filhos).

- **Fecundidade Realizada e Parentalidade Futura (indivíduos com filhos)**

Este grupo de questões destina-se apenas ao grupo que já iniciou a parentalidade, com intuito de averiguar o número de filhos de cada participante, a idade que tinham na altura do nascimento do primeiro filho (e segundo, quando caso disso), se iniciaram a parentalidade de forma planeada e se tencionam ter mais filhos (adaptado do trabalho de Albano, 2015). O intuito deste grupo de questões é tentar compreender se as condições em que a parentalidade foi iniciada (idade do indivíduo ao primeiro filho, se foi ou não planeado, etc) condicionam as decisões reprodutivas subsequentes.

¹³ Relaciona-se com as preferências de cada indivíduo, aludindo à “*expressão dos seus desejos mais íntimos*”, remetendo-nos para uma dimensão mais ideal do que real (INE, 2014).

¹⁴ “*Associa a Fecundidade Realizada com a Fecundidade Intencional, podendo ser considerada a verdadeira medida global da fecundidade. É um conceito que [...] fornece uma panorâmica alargada sobre a fecundidade das pessoas em período fértil: os que já foram pais, os que ainda querem ter mais filhos e os que não entraram na parentalidade (childlessness). Combina as situações de quem não tem filhos [...] com os casos dos indivíduos que ainda não têm filhos mas esperam vir a ter ao longo da sua vida fértil [...] e ainda os que já têm filhos mas ainda pretendem ter, pelo menos, mais um.*” (INE, 2014: 98)

- **Intenções Parentalidade Futura (indivíduos sem filhos)**

Este grupo é administrado apenas aos indivíduos sem filhos, e as questões que o constituem são maioritariamente adaptadas da literatura.

Uma questão para avaliar as intenções de parentalidade futura dos indivíduos sem filhos (e.g. Albano, 2015) - semelhante à usada no grupo de indivíduos com filhos -, e duas questões adicionais adaptadas dos trabalhos (em língua inglesa) de Griskevicius, Delton *et al.* (2011), para averiguar a idade desejada para iniciar a parentalidade (quando caso disso). Uma questão directa de resposta curta que questiona a idade com que os indivíduos gostariam de ter o primeiro filho, e uma segunda questão (“Se estiver a planear ter filhos, dentro de quantos anos acha que vai ter o primeiro”; tradução própria) na qual os participantes devem responder numa escala 11 pontos, nos quais os 10 primeiros níveis da escala correspondem ao intervalo de 1 a 10 anos, com incrementos de 1 ano (e.g. “dentro de 1 ano”, “dentro de 2 anos”, ..., “dentro de 10 anos”), com o último ponto da escala referente a “dentro de 11 ou mais anos”. Estas duas questões serão posteriormente transformadas numa variável fidedigna para indicar a idade desejada para iniciar a parentalidade, também de acordo com a metodologia dos autores (Griskevicius, Delton *et al.*, 2011) ver secção referente às transformações das variáveis, neste capítulo).

- **Investimento Parental: Obstáculos à Fecundidade e Compromissos da Teoria de História de Vida Humana**

Este grupo de questões é administrado a todos os participantes, e permite investigar alguns potenciais obstáculos à fecundidade bem como os compromissos da teoria de história de vida humana (THV).

Engloba um conjunto de itens recolhidos da literatura (e.g. Albano, 2015; Maciel, 2015), e outros de elaboração própria, que permitem identificar os principais obstáculos que levam os indivíduos a adiar a parentalidade ou até mesmo a optar por não ter filhos, contribuindo assim para a manutenção dos baixos níveis de fecundidade, que se têm registado não só ao nível individual (micro) como ao nível populacional (macro), nas sociedades desenvolvidas contemporâneas.

Foi incluída uma questão adoptada de Maciel (2015) - “Considera que é preferível ter só um filho com mais oportunidades e menos restrições, a ter mais filhos?” -, para avaliar a tendência para descendências de filho único, uma vez que os dados da literatura revelam que a grande maioria dos indivíduos das camadas mais jovens concordam que “ter apenas um filho é preferível a ter mais filhos, para que este possa ter mais oportunidades” (INE, 2014: 102). Esta

questão permite também avaliar de forma directa um dos compromissos fundamentais da THV, referente ao investimento na quantidade *versus* qualidade da descendência.

Para avaliar os compromissos de história de vida humana recorreu-se a um conjunto de questões sobre cenários hipotéticos (e.g. Griskevicius, Delton, *et al.*, 2011), com respostas em formato dicotómico, em que os participantes devem optar por uma situação em detrimento de outra. Assim, para avaliar o compromisso entre constituir família mais cedo *versus* adiar a fecundidade para investir no capital incorporado sob a forma de educação e/ou formação profissional, os participantes responderam a um conjunto de três questões:

1. ‘Se tivesse que optar entre constituir família mais cedo OU frequentar o ensino superior durante vários anos para complementar a sua formação, preferia...?’

2. ‘Se tivesse que optar entre investir numa relação duradoura OU focar-se na carreira, preferia...?’

3. ‘Se tivesse que optar entre ter filhos mais cedo OU dar prioridade à progressão na carreira, preferia...?’

Estes três itens foram retirados da literatura (e.g. Griskevicius, Delton *et al.*, 2011: 12; traduções próprias), com uma adaptação do segundo item de forma a dar menos ênfase ao casamento *per se*, e mais à formação de uma relação estável e duradoura.

Adicionalmente, procurou-se compreender até que ponto esses adiamentos acontecem apenas com intuito potenciar o aumento de recursos que irão assegurar um maior sucesso da reprodução futura, (consistente com o compromisso reprodução presente *versus* reprodução futura) ou se podem estar associados a motivações menos direccionadas para/menos ligadas à fecundidade em si, e mais para formas de alcançar o bem estar subjectivo mais imediato, enquanto conceptualização do compromisso entre investimento reprodutivo *versus* somático. Para isso foram criadas duas questões adicionais (autoria própria) para avaliar um eventual compromisso entre o investimento parental *versus* recursos para participar em actividades e adquirir bens que promovam o bem-estar:

4. ‘Se tivesse que optar entre ter as condições económicas que considera necessárias para investir na educação de um filho OU ter condições económicas para poder viajar, participar em eventos culturais, investir em hobbies e adquirir outros bens de consumo, preferia...?’

5. ‘Se tivesse que optar entre investir a maior parte do seu tempo a educar uma criança OU ter tempo livre para poder viajar, dedicar-se aos seus hobbies e participar em outras actividades sociais, preferia...?’

- Composição da rede de relações sociais

Este grupo inclui questões que irão permitir investigar se, e através de que mecanismos, a composição da rede social dos indivíduos pode ter influência sobre os seus comportamentos e decisões reprodutivas. Aqui pretende-se avaliar a rede de relações sociais de duas perspectivas diferentes: a) enquanto “local” onde ocorre a interacção social e difusão de informação – procurando entender se os comportamentos reprodutivos de amigos e outras pessoas próximas, bem como a proximidade a familiares directos (e.g. frequência de encontros com pais, irmãos, avós) podem desencadear processos de contágio ou pressão social, com efeitos na fecundidade dos indivíduos, e quão cientes estão os indivíduos desses efeitos; e b) enquanto fonte de capital social para concretização da fecundidade (rede de suporte/apoio social).

- Conhecimentos em Fertilidade Humana

Diversos estudos têm revelado a existência de uma grande desvalorização do risco de infertilidade associada à idade, bem como um nível baixo de conhecimentos sobre os factores subjacentes (*in* Albano, 2015), sendo neste sentido necessário que haja uma maior sensibilização sobre estes factores junto dos indivíduos que pretendem vir a ter filhos, de forma a evitar uma baixa fecundidade involuntária (Hammarberg *et al.*, 2013).

As questões desta secção permitem estabelecer o nível de conhecimentos básicos que os respondentes têm sobre os factores que afectam a fertilidade¹⁵ (feminina e masculina) dos indivíduos em idade reprodutiva, mais especificamente sobre os efeitos negativos, de forma a perceber se as estratégias reprodutivas adoptadas (como o adiamento) são ou não fruto de decisões informadas, e se ocorrem dentro dos *timings* adequados.

As questões foram adaptadas da literatura (e.g. Hammarberg *et al.*, 2013), e procuram analisar os conhecimentos sobre quando se dá o início do declínio da fertilidade em mulheres e em homens

Este grupo é composto por duas questões, adaptadas de um estudo com uma população australiana, de Hammarberg e colegas (2013), sobre conhecimento dos factores que afectam a fertilidade de indivíduos em idade reprodutiva.

As opções de resposta relativamente à faixa etária em que os participantes pensam que a **fertilidade** masculina e feminina começam a diminuir são, em ambos os casos: 20-24, 25-29, 30-

¹⁵ Fertilidade (≠ fecundidade) enquanto capacidade biológica de produzir descendentes.

34, 35-39, 40-44, 45-49, 50+, “A fertilidade feminina/masculina não diminui com a idade” e “Não sei”.

Estas questões não pretendem considerar os conhecimentos sobre a fertilidade em detalhe, servindo apenas como indicadores de um conhecimento geral em relação aos efeitos negativos da idade sobre a fertilidade, em que o interesse é perceber se os indivíduos têm consciência que a fertilidade feminina começa a diminuir antes dos 35 anos, ocorrendo a partir desta idade uma descida mais acentuada (Albano, 2015; Hammarberg *et al.*, 2013); e que a fertilidade masculina, embora mais tardiamente também diminui com a idade, apresentando o início de um decréscimo significativo antes dos 45 anos de idade (Hammarberg *et al.*, 2013). Assim, consideram-se como tendo os conhecimentos básicos sobre os efeitos negativos da idade na fertilidade feminina, os indivíduos que escolherem qualquer opção inferior a 35 anos e, de forma análoga, consideram-se como tendo conhecimentos sobre os efeitos negativos da idade na fertilidade masculina, os indivíduos que escolherem opções inferiores a 45 anos.

- **Escala de Satisfação com a vida - SWLS**

Na última secção deste questionário, foi incluída uma escala de satisfação com a vida (“*Satisfaction with life scale*”, a partir de agora “SWLS”), um pequeno instrumento psicométrico desenvolvido por Ed Diener e colegas (1985), constituído por 5 itens com respostas numa escala tipo Likert de 7 pontos, que permite avaliar a percepção que os indivíduos têm sobre a qualidade da sua própria vida. Esta escala permite pesar vários domínios da vida de cada indivíduo segundo os seus próprios valores, facultando assim um julgamento global sobre a satisfação com a vida (Nunes, 2009: 98).

A precisão desta escala e o facto de ser de preenchimento rápido permite que seja facilmente incorporada noutros instrumentos de avaliação, sendo um dos principais instrumentos usados para avaliar o bem-estar subjectivo e satisfação com a vida.

Tem vindo a ser muito utilizado em diferentes línguas, revelando uma grande capacidade de adaptação a diferentes culturas, sem prejuízo dos níveis de fiabilidade, podendo algumas diferenças interpopulacionais ser atribuídas a factores culturais, e não a diferenças “reais” de bem-estar e satisfação com a vida (Nunes, 2009; Pavot & Diener, 2009). Para a população

portuguesa, foi validado em 1990 por Neto *et al.* e em 1992 por Simões¹⁶. No presente trabalho foi usada a versão original traduzida, que se encontra disponibilizada na página do autor (Anexo 1).

2.3. Recolha e Tratamento dos Dados

A recolha de dados foi feita recorrendo ao inquérito previamente construído, que foi disponibilizado online através dos Formulários Google, e distribuído via e-mail e partilhas nas redes sociais (e.g. Facebook), no decorrer dos meses de Junho e Julho de 2017. As respostas recolhidas através do Formulário Google foram alvo de transformações em *Microsoft® Excel® 2011* (versão para Macintosh), de forma a poderem ser tratadas estatisticamente em *IBM® SPSS Statistics* (versão 23 para Macintosh).

2.4. Transformação das Variáveis e Métodos Estatísticos

2.4.1. Estatuto socioeconómico objectivo – rendimentos do agregado familiar

De forma a facilitar a análise, os intervalos reportados pelos participantes referentes aos rendimentos do agregado familiar foram substituídos pelo valor da média de cada um dos intervalos (arredondado à unidade).

As questões alternativas aos rendimentos do agregado (para o ESE actual e para o ESE na infância) não foram utilizadas, devido a algumas dificuldades inerentes a tentar inferir o valor dos rendimentos de um agregado a partir das profissões dos elementos, não tendo para isso informações relativas à época, a região geográfica entre outras informações relativas ao contexto socioeconómico das alturas em causa. Assim, na ausência de uma medida objectiva para medir o ESE na infância, optou-se por utilizar apenas a disponibilidade de recursos percebida tanto para a infância como para o presente e futuro expectável, avaliado de acordo com a metodologia de Griskevicius, Delton *et al.* (2011).

¹⁶ Na sua validação para a população portuguesa Simões reduziu o número de opções de resposta aos cinco itens de 7 para 5 (de 'discordo muito' a 'concordo muito'), de forma a tornar a SWLS mais acessível a indivíduos com níveis de escolarização mais baixos (Nunes, 2009).

2.4.2. Percepção individual de disponibilidade de recursos: Estatuto Socioeconómico Percebido Actual e na Infância

Para avaliar a relação linear entre os diferentes componentes das construções teóricas adaptadas de Griskevicius e colegas¹⁷ (e.g. Griskevicius, Delton *et al.*, 2011), e para redução do número de variáveis utilizadas nas análises para um número mais tratável, submetem-se as respostas aos três itens de cada questão (para o presente e para a infância) a duas análises de componentes principais (PCA¹⁸) com rotação oblíqua *oblimin*, que permite factores correlacionados (Field, 2009).

ESE percebido actual e futuro expectável: Apenas um componente principal apresentou valores próprios acima de 1 (critério de Kaiser; Field, 2009), que sozinho explica 73.84% da variância (Tabela B1 em Apêndice). A observação do gráfico *scree* da Figura B1 (Apêndice) também sugere a extracção de um factor – Componente 1 –, que se situa à esquerda do ponto de inflexão (critério de Cattle; Field, 2009).

Uma vez que só foi extraído um factor, a matriz não foi rodada e como se pode observar pela Tabela 1 os *factor loadings* dos itens 1 a 3 são todos positivos e superiores a 0.8.

Tabela 1 - Matriz de componentes resultante da PCA efectuada para os 3 itens que avaliam o ESE percebido actual/num futuro próximo, com informação dos *factor loadings* dos 3 itens no componente extraído.

Matriz de Componentes Extraídos			
	Item 1	Item 2	Item 3
Componente 1	0.853	0.985	0.829

Estes valores sugerem que o Componente 1 representa a percepção individual de disponibilidade de recursos relativa ao presente e futuro expectável (ESE percebido Actual).

ESE percebido na infância: Apenas um componente apresentou valores próprios superiores a 1 (Tabela B2 em Apêndice), com um gráfico *scree* que também sugeriu a extracção de um componente (Figura B2).

¹⁷ ver secção referente à construção do questionário.

¹⁸ Sigla inglesa de *Principal Components Analysis*.

O componente extraído é responsável por 68.21% da variância, com *factor loadings* todos positivos e superiores a 0.8, como se pode observar pelos dados na Tabela 2. Estes valores sugerem que o Componente 1 da Tabela 2 representa a percepção individual de disponibilidade de recursos que os indivíduos se recordam de ter experienciado na infância (ESE percebido na infância).

Tabela 2 - Matriz de componentes resultante da PCA efectuada para os 3 itens que avaliam o ESE percebido na infância, com informação dos factor loadings dos 3 itens no componente extraído.

Matriz de Componentes Extraídos			
	Item 1	Item 2	Item 3
Componente 1	0.825	0.803	0.849

Os dois factores produzidos pelas PCAs serão utilizados nas análises subsequentes enquanto variáveis predictoras das hipóteses a ser testadas, representando o estatuto socioeconómico actual e na infância dos indivíduos.

2.4.3. Idade desejada para iniciar a parentalidade

Foi pedido aos respondentes sem filhos que respondessem a dois itens relativos à idade com que pretendiam ter o primeiro filho), descritos anteriormente neste capítulo. As respostas ao primeiro item (‘Com que idade gostaria de ter o seu primeiro filho?’) foram transformadas¹⁹ através da subtracção da idade dos participantes às respostas a esta questão, indicando assim o número de anos (a partir do presente) dentro dos quais os indivíduos planeiam iniciar a parentalidade (ter o primeiro filho). Os valores obtidos desta transformação e os valores do segundo item (‘[...] dentro de quantos anos acha que vai ter o primeiro filho?’) apresentaram-se fortemente correlacionados ($r = 0.79$; $p < 0.001$), tendo sido combinados num índice²⁰ que representa a **idade desejada para ter o primeiro filho**.

2.4.4. Obstáculos à Fecundidade

Para avaliar os potenciais obstáculos à fecundidade, e de forma a reduzir o número de variáveis iniciais para um número mais tratável, foi conduzida uma análise de componentes principais (PCA) com rotação ortogonal (*varimax*) assume a independência dos factores

¹⁹ **Anos até iniciar a parentalidade (transf.)** = (idade desejada ao 1º filho – idade actual do participante).

²⁰ Índice de **idade desejada ao 1º filho** = [anos até iniciar a parentalidade transf. + anos até ao 1º filho]/2.

subjacentes antes da rotação (Field, 2009), aos 15 itens referentes aos obstáculos que podem levar os indivíduos ao adiamento ou impedimento de ter filhos.

Quatro componentes tiveram valores próprios iniciais acima de 1 (critério de Kaiser), explicando, em conjunto, 58.12% da variância total (Tabela B3). O gráfico de *scree* revela uma certa ambiguidade, sugerindo a extração de 1 ou 4 componentes (Figura C, Apêndice B), mas dada a convergência de resultados entre o *scree plot* e o critério de Kaiser nos quatro componentes, optou-se pela extração desses quatro componentes na análise final.

Na Tabela 3 encontra-se representada a matriz de componentes rodados, que mostra os *factor loadings* cada variável em cada um dos factores após rotação.

Tabela 3 - Sumário dos resultados da PCA efectuada aos 15 itens dos potenciais obstáculos à fecundidade (n=487). Esta tabela mostra a carga dos 15 itens sobre cada um dos 4 componentes, após rotação.

Matriz de Componentes Rodados				
Item	Componente			
	1	2	3	4
<i>Dar continuidade aos estudos</i>	-0.26	1.13	0.54	0.14
<i>Progressão na carreira</i>	0.26	1.27	0.20	-0.11
<i>Dificuldade em conciliar a vida familiar e a profissional</i>	0.56	0.98	0.11	0.11
<i>Viver longe de familiares que me possam auxiliar</i>	0.25	1.00	0.12	0.02
<i>Condições de emprego precárias (ex: recibos verdes, desemprego, etc.)</i>	0.19	0.38	1.68	-0.10
<i>Maior dificuldade em conseguir emprego</i>	0.33	0.35	1.57	-0.06
<i>Falta de espaço na habitação</i>	0.57	0.29	0.49	0.09
<i>Não ter as condições financeiras necessárias para a boa educação dos filhos</i>	0.99	0.03	0.79	0.02
<i>Incompatibilidade financeira entre ter filhos e manter o meu estilo/nível de vida</i>	1.22	0.20	0.20	0.03
<i>Menos recursos para outras coisas importantes na vida</i>	1.20	0.22	0.02	0.15
<i>A idade</i>	0.52	0.13	0.07	0.50
<i>Não quero ter filhos</i>	0.28	0.17	-0.18	0.91
<i>Já tenho os filhos que quero</i>	-0.08	-0.43	-0.01	0.95
<i>O meu companheiro/a minha companheira não quer ter filhos</i>	0.17	-0.08	-0.06	0.90
<i>Não tenho uma relação duradoura</i>	-0.13	0.27	0.13	0.72

Método de Extração: Análise de Componentes Principais

Método de Rotação: Varimax com Normalização de Kaiser (a rotação convergiu em 5 iterações).

Nota: *Factor loadings* superiores a 0.40 encontram-se a negrito (critério de Stevens *in* Field, 2009).

Os itens que têm maior peso sobre o componente 1 têm todos subjacente uma componente financeira, e por isso este componente foi identificado como *Condições Financeiras*. Os quatro itens com maior peso sobre o componente 2 parecem todos relacionar-se com o investimento no capital incorporado, e por isso identificou-se este componente como *Investimento no Capital Incorporado*. Os itens que mais pesam no componente 3 têm em comum vários aspectos que se relacionam de alguma forma com a *Precariedade Laboral*, passando este componente a designar-se desta forma. Por último, os cinco itens com maior peso no componente 4 remetem para opções e circunstâncias da vida, e assim, este foi designado como por *Opções de vida*.

Os valores destes quatro componentes foram guardados na base de dados sob a forma de quatro novas variáveis, referentes aos obstáculos à fecundidade – *Condições Financeiras*, *Investimento no Capital Incorporado*, *Precariedade Laboral* e *Opções de vida e relacionamento* -, para poderem ser utilizadas nas análises subsequentes, nas quais valores mais baixos indicam que a situação considerada não se apresenta como um obstáculo para os indivíduos e valores mais elevados representam uma maior importância atribuída a esse obstáculo. Uma relação negativa com uma destas variáveis significa que o valor da variável dependente aumenta enquanto o obstáculo diminui. Os resultados dos efeitos das quatro variáveis referentes a ‘Obstáculos’ devem ser interpretados tendo em consideração esta lógica.

2.4.5. Compromissos da Teoria de História de Vida

As respostas às três construções teóricas adaptadas de Griskevicius, Delton *et al.* (2011) para avaliar o compromisso entre constituir família mais cedo *versus* adiar a fecundidade para investir no capital incorporado sob forma de educação e/ou experiência profissional, foram combinadas num índice ‘família *versus* trabalho’ ($\alpha(3) = 0.64$)²¹. As respostas às construções teóricas que pretendiam avaliar o compromisso entre o investimento de recursos e tempo na educação de um filho *versus* ter tempo e recursos para participar em actividades sociais e adquirir bens e serviços associados ao bem estar (hedonista), foram combinadas num índice ‘investimento parental *versus* bem-estar hedonista’ ($\alpha(2) = 0.81$)²².

Em ambos os casos, valores mais baixos nestas variáveis indicam uma maior preferência por estratégias que direccionam os recursos no sentido de constituir família mais cedo, enquanto

²¹ Índice ‘família *versus* trabalho’ = $[\sum(\text{respostas aos compromissos THV 1, 2 e 3})]/(\text{n}^\circ \text{compromissos THV considerados})$.

²² Índice ‘investimento parental *versus* bem-estar hedonista’ = $[\sum(\text{respostas aos compromissos THV 4 e 5})]/(\text{n}^\circ \text{compromissos THV considerados})$.

que valores mais elevados são indicadores de estratégias que dão prioridade a uma maior alocação de recursos na direcção do capital incorporado (e conseqüente adiamento da fecundidade), seja sob a forma de educação e desenvolvimento profissional, ou na aquisição de bens e participação em actividades que contribuem para o bem-estar vinculado ao hedonismo.

2.4.6. Escala de Satisfação com a Vida – SWLS (*Satisfaction With Life Scale*)

Os resultados da SWLS foram transformados numa nova variável igual ao somatório das respostas aos 5 itens, tal como proposto por Diener *et al.* (1985), e que podem variar entre 5 e 35 valores (a descrição das pontuações pode ser consultada no Anexo 1).

Para entender as pontuações da SWLS, é necessário compreender quais os componentes que se incluem na maioria das experiências tidas como satisfatórias na vida dos indivíduos (Diener, 2006). A felicidade de uma pessoa não depende de uma fórmula única, mas sim de um conjugar de vários componentes da vida. Existem várias fontes de satisfação e descontentamento com a vida, muitos deles comuns à maioria das pessoas como a saúde, e outros únicos de cada indivíduo.

As relações sociais são um dos componentes com maior influência na felicidade dos indivíduos, com níveis elevados de satisfação com a vida por norma associados a um maior apoio e proximidade com familiares e amigos. Indivíduos que não sentem a proximidade e/ou apoio de familiares e amigos, tendem a sentir-se mais insatisfeitos. Outro ingrediente-chave com influência significativa nos níveis de satisfação com a vida é estabelecer objectivos importantes, derivados dos valores pessoais de cada um, e fazer progressos nesse sentido. Sentir que o papel desempenhado é importante e relevante (seja profissional, escolar ou num domínio mais pessoal como ser avô/ó) influencia de forma significativa os níveis de satisfação com a vida. Quando os indivíduos não se sentem realizados ou quando as circunstâncias dificultam o seu progresso, os níveis de satisfação tendem a baixar. Um terceiro factor com grande importância na satisfação ou descontentamento com a vida é a satisfação com o próprio, relacionada com fontes de valorização pessoal tão variadas como aprendizagem e crescimento pessoal, vida espiritual e religiosa, ou até mesmo lazer.

Quando uma ou mais destas fontes de satisfação com a vida são comprometidas - como a perda de um ente querido, o término de uma relação, o desemprego, desempenhar um trabalho desadequado aos pontos fortes da pessoa, não conseguir fazer progressos num determinado objectivo, etc. – podem tornar-se poderosas fontes de descontentamento, fazendo baixar os níveis gerais de satisfação com a vida de um indivíduo. Ao longo do tempo, por norma os

indivíduos começam a dar resposta a esses acontecimentos, fazendo mudanças nas suas vidas que contribuem para a recuperação dos níveis iniciais de satisfação.

2.4.7. Sumário de transformações das variáveis

As transformações e cálculos efectuados para transformar as variáveis encontram-se sumarizados na Tabela 4.

Tabela 4 - Sumário dos cálculos e transformações das variáveis.

Variáveis Novas	Transformações e Cálculos
ESE objectivo (actual)	média de cada um dos intervalos, arredondada à unidade
ESE percebido (actual)	extracção de componentes por PCA com rotação oblíqua (<i>oblimin</i>)
ESE percebido (infância)	extracção de componentes por PCA com rotação oblíqua (<i>oblimin</i>)
Idade desejada para iniciar a parentalidade	1 - [<i>idade desejada ao 1º filho</i> – idade do respondente] = anos até iniciar a parentalidade (transf.) 2 - correlação entre resultado anterior e resposta à questão nº 25 3 – criação de índice de ‘idade desejada ao 1º filho’ = [anos até iniciar a parentalidade (transf.) + ‘anos até ao 1º filho’]/2.
Obstáculos à Fecundidade (4 variáveis novas)	extracção de componentes por PCA com rotação ortogonal (<i>varimax</i>) 1 - Teste de consistência interna (alfa de Cronbach) entre as respostas aos compromissos THV 1, 2 e 3 + criação de variável-índice
Compromissos de THV (2 variáveis novas)	representativa do compromisso ‘família vs. trabalho’ 2 - Teste de consistência interna (alfa de Cronbach) entre as respostas aos compromissos THV 4 e 5 + criação de variável-índice representativa do compromisso ‘investimento parental <i>versus</i> bem-estar hedonista’
SWLS	somatório dos resultados dos 5 itens

2.5. Análise Estatística

2.5.1. Exposição a ambientes adversos na infância (THV)

Procuraram-se testar os efeitos da percepção individual de disponibilidade de recursos, actual e na infância ('ESE percebido actual' e 'ESE percebido infância'), dos obstáculos à fecundidade ('Condições Financeiras', 'Investimento no capital incorporado', 'Precariedade laboral' e 'Opções de vida') e das estratégias adoptadas nos compromissos da Teoria de História de Vida ('Investimento parental *versus* bem-estar hedonista' e 'Família *versus* Trabalho') sobre as decisões reprodutivas: 'Fecundidade Desejada' (FD), 'Fecundidade Final Esperada' (FFE), 'Importância de ter filhos', e 'Intenções de Parentalidade/'Intenções de Parentalidade Futura (adicional)'. Para tal recorreu-se à aplicação da técnica de Modelos Lineares Generalizados (GLM²³), que permite que a variável dependente não tenha uma distribuição normal, avaliando a sua relação linear com os seus factores e co-variáveis.

As variáveis dependentes foram consideradas como tendo uma distribuição de *Poisson* com *link-function* logaritmo. Estas condições foram aplicadas para todas as variáveis dependentes em todos os casos considerados.

Procurámos também verificar até que ponto o facto de os respondentes estarem ou não numa relação, e de já terem ou não filhos, afectava o número de filhos desejado (FD), o número de filhos planeado (FFE) e a importância atribuída a ter ou poder vir a ter filhos, bem como a importância dos preditores nos modelos testados anteriormente. Consideraram-se separadamente as sub-amostras de indivíduos com a parentalidade iniciada (i.e. com filhos/na primeira gravidez no momento do inquérito; n=183) e com a parentalidade por iniciar (i.e. sem filhos; n= 304), e repetindo-se as análises anteriores para averiguar se os efeitos observados sobre a FD, FFE e importância de ter filhos se mantinham, bem como as intenções de parentalidade futura, e de parentalidade futura adicional.

Adicionalmente procurámos testar os efeitos das variáveis do modelo sobre os momentos reprodutivos (idade desejada para iniciar a parentalidade, no caso dos indivíduos sem filhos e idade ao nascimento do primeiro filho e do segundo, e idade desejada para ter o segundo filho nos indivíduos com filhos), aplicando também a técnica de GLM às referidas variáveis dependentes.

²³ Sigla inglesa de *Generalized Linear Models*.

2.5.2. Efeitos das condições em que se teve o primeiro filho sobre as decisões subsequentes

Procurou-se testar até que ponto as condições em que se teve o primeiro filho (e.g. se foi ou não planeado e a idade em que ocorreu) e o número de filhos que já têm (FR) podem ou não influenciar de alguma forma a decisão de passar para o segundo filho. Para tal, foi apenas seleccionada a subamostra de indivíduos com a parentalidade iniciada, na qual incluímos indivíduos com filhos e indivíduos a viver a primeira gravidez no momento do inquérito (n = 183), e aplicou-se a técnica de GLM para avaliar a contribuição das referidas predictoras sobre a Intenção de parentalidade futura (adicional), a Fecundidade Desejada, Fecundidade Final Esperada, a idade ao 2º filho e a idade planeada para ter o 2º filho (quando caso disso).

2.5.3. Composição da rede de relações sociais

Foi aplicada a técnica de GLM para avaliar a contribuição das variáveis referentes à composição da rede social dos indivíduos (Contágio Social²⁴, Influência Social Percebida²⁵, Capital Social²⁶ e Proximidade com a família²⁷) enquanto predictoras do número de filhos desejado (FD), planeado (FFE), da importância de ter ou poder vir a ter filhos e das intenções de parentalidade futura, tanto em indivíduos que já têm filhos como em indivíduos que não iniciaram a parentalidade.

Procurámos também testar os efeitos do nível de satisfação com a vida (SWLS) sobre as decisões reprodutivas dos respondentes, tendo-se por isso adicionado esta variável ao modelo, aplicando novamente os GLMs para testar os efeitos sobre a FD, FFE, importância e intenções de parentalidade futura, dos indivíduos com e sem filhos.

Por fim, aplicámos a técnica GLM para testar os efeitos das variáveis do modelo da rede social sobre idade desejada para iniciar a parentalidade, nos indivíduos sem filhos, bem como as idades ao nascimento do primeiro e do segundo filhos, e idade desejada para ter o segundo filho (quando caso disso) nos indivíduos com filhos.

²⁴ Contágio Social: “*Tem amigos, colegas ou familiares dentro da sua faixa etária, que estejam a começar a constituir família?*”

²⁵ Influência social percebida: “*Sente que de alguma forma essa proximidade [c/ início de parentalidade] influencia positivamente a sua visão perante a parentalidade?*”

²⁶ Capital Social: “*Tem familiares próximos na cidade onde vive actualmente?*”

²⁷ Proximidade com a família: “*Com que frequência costuma estar com a sua família mais próxima?*”

RESULTADOS

Os resultados empíricos encontram-se organizados em duas partes. Primeiro apresentam-se os resultados descritivos referentes à caracterização sociodemográfica da amostra, decisões e intenções reprodutivas, composição da rede social, conhecimentos sobre a fertilidade humana (feminina e masculina) e nível geral de satisfação com a vida. De seguida são apresentados os resultados da aplicação dos Modelos Lineares Generalizados (GLM), para avaliar os efeitos do conjunto de variáveis seleccionadas sobre decisões e intenções reprodutivas dos indivíduos.

2.1. Caracterização da Amostra

2.1.1. Caracterização sociodemográfica e das decisões reprodutivas

Como se pode observar pelos dados da Tabela 5, a amostra final reuniu um total de 487 participações válidas²⁸, que inclui 160 (32.9%) sujeitos do sexo masculino e 327 (67.1%) sujeitos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 45 anos (Tabela 1; Figura 1). Relativamente ao estado civil, 174 indivíduos são solteiros (35.7%), 303 são casados ou vivem em união de facto (62.2%), 9 divorciados (1.8%) e 1 viúvo (0.2%). A maioria dos indivíduos reporta encontrar-se envolvido numa relação (n=404; 83%). Quanto à situação habitacional, a maioria dos respondentes (n=288; 59.1%) vive com o companheiro(a) ou com o(a) companheiro(a) e filhos, 90 reportam viver em casa dos pais ou de outros familiares (18.5%), 54 partilham a habitação com outras pessoas (11.1%), 47 vivem sozinhos (9.7%) e 8 vivem apenas com os filhos (1.6%).

²⁸ A amostra inicial era constituída por 503 participações, da qual foram excluídas 9 por se tratarem de casos fora do grupo etário seleccionado. Também tiveram que ser eliminadas 7 participações adicionais, por terem sido identificadas como repetições, fruto de erros do sistema de resposta online.

Tabela 5 - Caracterização sociodemográfica dos indivíduos da amostra (N=487).

Características		Amostra	
		<i>n</i>	%
Idade	Média	31.33 (± 5.62)	
	Intervalo Etário	18 – 45 anos	
Género	Masculino	160	32.9
	Feminino	327	67.1
Estado Civil	Solteiro(a)	174	35.7
	Casado(a)/Em união de facto	303	62.2
	Divorciado(a) / Separado(a)	9	1.8
	Viúvo(a)	1	0.2
Grau de Religiosidade	Muito religioso	66	13.6
	Religioso	166	34.1
	Não religioso	255	52.4
Situação Relacional	Está numa relação	404	83
	Não está numa relação	83	17
Situação Habitacional	Vive sozinho(a)	47	9.7
	Vive com companheiro(a)	288	59.1
	Vive em casa dos pais ou de outros familiares	90	18.5
	Vive numa casa partilhada	54	11.1
	Vive sozinho(a) com os filhos	8	1.6
Habilitações Académicas Concluídas	Ensino Básico	8	1.6
	Ensino Secundário ou equivalente	66	13.6
	Licenciatura	184	37.8
	Mestrado	205	42.1
	Doutoramento	21	4.3
	Pós-graduação	3	0.6
Situação Profissional	Empregado	345	70.8
	Trabalhador-Estudante	48	9.9
	Estudante	53	10.9
	Desempregado	41	8.4
Total		487	100
		<i>n</i>	%
Nível Académico frequentado no momento do inquérito*	Ensino Secundário ou Equivalente	3	3.0 (0.6)
	Licenciatura	29	28.7 (6.0)
	Mestrado	40	39.6 (8.2)
	Pós-Graduação	3	3.0 (0.6)
	Doutoramento	25	24.8 (5.1)
	Pós-Doc	1	1.0 (0.2)
Total		101	100 (20.7)

* Sub-amostra de estudantes e trabalhadores-estudantes: 20.7% (n=101) da amostra total (N=487).

A amostra encontra-se maioritariamente representada por indivíduos com a parentalidade por iniciar, com 304 indivíduos sem filhos²⁹ (62.4%), face a 172 indivíduos com filhos (35.3%) e 11 indivíduos na primeira gravidez (2.3%) no momento em que responderam ao inquérito.

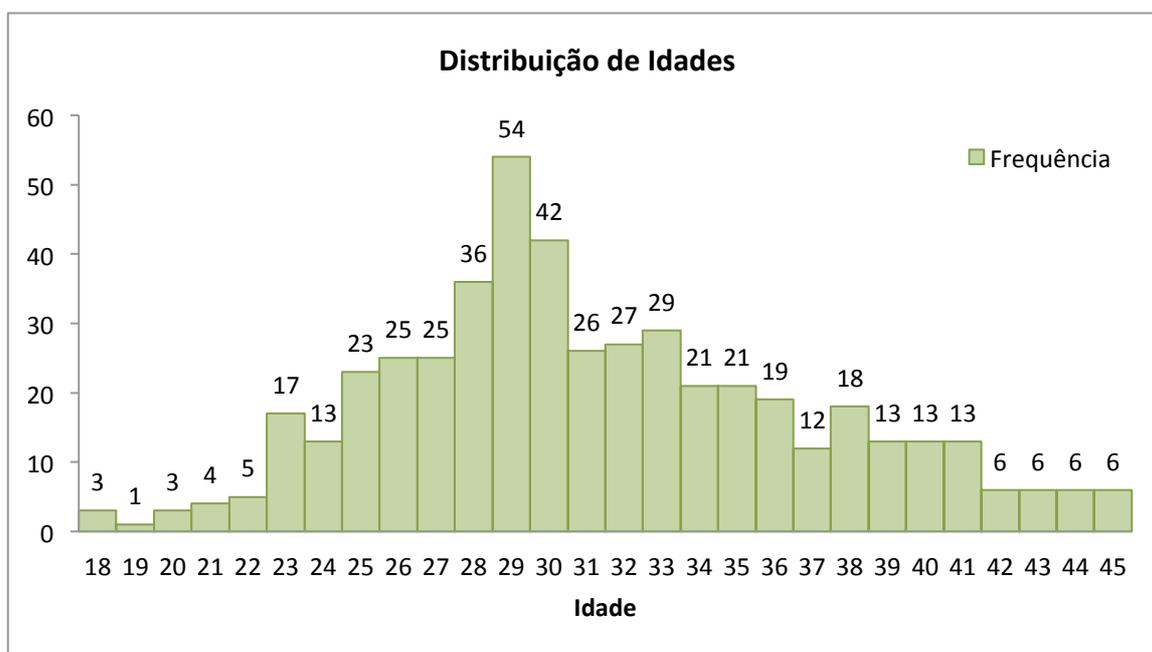


Figura 3 – Histograma da distribuição de idades da amostra em estudo.

Entre os indivíduos com a parentalidade iniciada³⁰ (n=183; 37.6%), o número médio de filhos por indivíduo³¹ foi de 1.42 (± 0.76 ; Tabela C1, Apêndice C), a média de idades na altura do nascimento do primeiro filho foi de 29.57 anos (± 4.47 ; n=182), e de 32.68 (± 4.08 ; n=69; Tabela C2), no caso do segundo. Entre os indivíduos que planeiam a passagem para o segundo filho (n=86), a média da idade desejada para ter o segundo filho é de 33.64 anos (± 3.83).

Entre os indivíduos sem filhos, a idade desejada para ter o primeiro filho (e.g. iniciar a parentalidade) apresentou uma média de 32.08 anos (± 3.33), variando entre os 23 e os 43 anos (Figura C1 em apêndice).

²⁹ Estas situações de *childlessness* não foram discriminadas entre temporário ou permanente, involuntário ou intencional.

³⁰ Para facilitar a análise, consideraram-se como tendo a parentalidade iniciada os indivíduos com filhos e os indivíduos a viver a primeira gravidez na altura do inquérito.

³¹ Considerando homens e mulheres.

Apesar da grande maioria da amostra em estudo estar representada por indivíduos com a parentalidade por iniciar, cerca de 76.7% dos participantes que não têm filhos (n=304) afirmam que a possibilidade de vir a ser pai ou mãe é “importante” (22.7%), “muito importante” (29.3%) ou “extremamente importante” (24.7%), face a 23.4% que reportam que a possibilidade de poder vir a ter filhos “não é importante” (7.9%) ou é “pouco importante” (15.5%).

Em conjunto, a média do número de filhos que os indivíduos da amostra desejam ter (Fecundidade Desejada - FD) é de 2.34, valor que diminui para 1.6 quando se passa da dimensão do ideal para o real, e é pedido aos respondentes que façam uma previsão do número de filhos que planeiam vir a ter, ponderando várias dimensões da sua vida actual e perspectivas de futuro (Fecundidade Final Esperada – FFE; Tabela C3). A FD e a FFE apresentaram uma correlação moderada positiva, com $r = 0.64$ ($p < 0.001$; $n = 427$).

2.1.2. Composição da rede social

Relativamente à composição da rede social dos indivíduos, 85.6% dos respondentes reportaram ter na sua rede social próxima (e.g. amigos, familiares ou colegas de trabalho) outros indivíduos em fase de começar a constituir família. Entre os participantes, 47% sentem que esta proximidade influencia positivamente a sua visão face à parentalidade, enquanto 33.3% reportam não se sentir positivamente influenciados por isso. No que toca à disponibilidade de capital social de apoio, 66.7% dos respondentes têm familiares próximos na cidade onde vivem, face a 33.3% que vivem longe de familiares próximos. Relativamente à proximidade com os familiares mais próximos (e.g. pais, irmãos, avós) avaliada através da frequência de encontros com os mesmos, em conjunto, cerca de 30.8% dos participantes costuma estar com a família ‘quase todos os dias’, 27.5% está ‘pelo menos uma vez por semana’, e 23.6% ‘algumas vezes por mês’, com apenas 16% dos participantes que estão com a família ‘pelo menos duas vezes por ano’ ou ‘menos que duas vezes por ano’ (2.1%). Os resultados em detalhe podem ser encontrados em apêndice (gráfico da Figura C2).

2.1.3. Conhecimentos sobre a Fertilidade Humana

As respostas dos participantes relativas aos conhecimentos sobre a idade em que a fertilidade começa a diminuir em mulheres e homens, encontram-se explícitas na Tabela 6. Globalmente, podemos observar que apenas 35.3% dos participantes entendem que a fertilidade feminina começa a diminuir antes dos 35 anos de idade, com um conjunto de cerca de 28.7% dos indivíduos a acreditar que esta não decresce antes dos 40 anos (23.4%), ou que a idade não tem impacto na fertilidade da mulher ou a afirmar não saber (5.3%).

Em relação aos conhecimentos sobre a fertilidade masculina, apenas 23.2% dos participantes do estudo têm conhecimento correcto de que a fertilidade masculina começa a decrescer antes dos 45 anos de idade, com uma maioria de 64.5% dos respondentes a responder que o início do decréscimo na fertilidade masculina ocorre apenas a partir dos 50 anos de idade (25.9%), que a idade não tem impacto na fertilidade masculina ou a afirmar não saber (38.6%).

Tabela 6 - Conhecimentos dos participantes relativamente à idade em que a fertilidade começa a diminuir em homens e mulheres. Apresentação das frequências da amostra global, separadas por género.

	Idade	<i>n</i>	%	F	M
Fertilidade das Mulheres	< 35*	172	35.3	119	53
	35-39	175	35.9	123	52
	40-44	73	15.0	46	27
	≥ 45	41	8.4	27	14
	"A fertilidade feminina não diminui com a idade" ou "Não sei"	26	5.3	12	14
	Total	487	100	327	160
Fertilidade dos Homens	< 45*	113	23.2	71	42
	45-49	60	12.3	39	21
	≥ 50	126	25.9	81	45
	"A fertilidade masculina não diminui com a idade" ou "Não sei"	188	38.6	136	52
	Total	487	100	327	160

* Respostas aceites como "correctas".

2.1.4. Satisfação com a Vida

Como se pode observar pelos dados da Figura 2, apenas cerca de 30.9% dos participantes da presente amostra se encaixa no intervalo de valores correspondente à satisfação com a vida média ('Neutro' e 'Ligeiramente satisfeito') para nações economicamente desenvolvidas³² (Diener, 2006). Em conjunto, cerca de 37.5% dos participantes apresentam valores de satisfação elevados (28.9% 'Satisfeito', 8.6% 'Extremamente Satisfeito'), enquanto 31.3% se encontram de alguma forma insatisfeitos com a vida (18% 'Ligeiramente insatisfeito', 9.2% 'Insatisfeito' e 4.1% 'Extremamente insatisfeito'). Globalmente, a amostra apresenta uma grande variação de condições, demonstrando níveis de satisfação com a vida superiores ao que seria expectável.

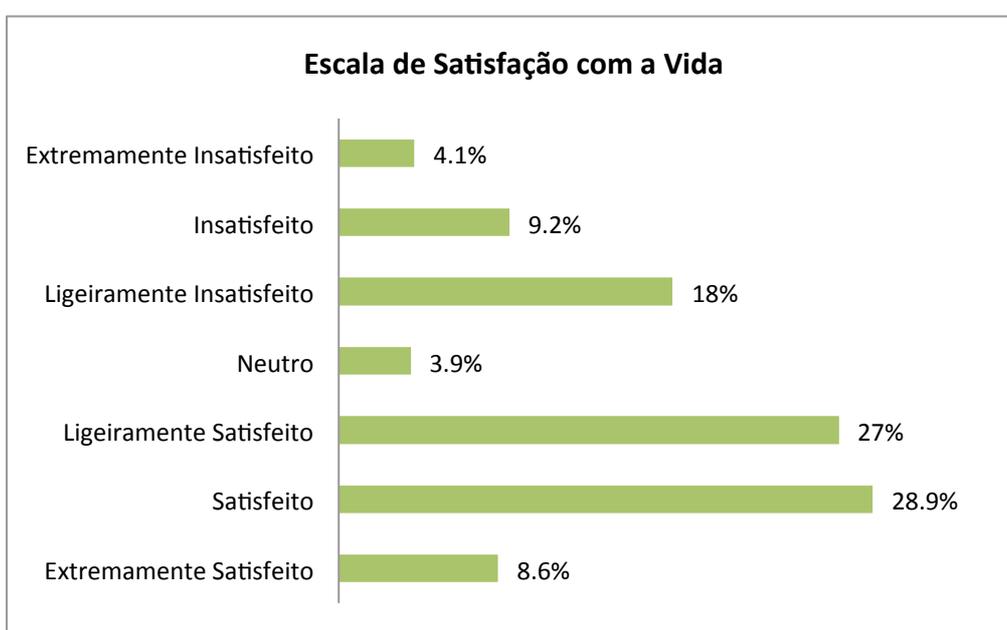


Figura 4 - Nível de satisfação com a vida dos indivíduos da amostra.

³² Os indivíduos que pontuam entre estes valores encontram-se de uma forma geral moderadamente satisfeitos com diferentes áreas da sua vida, mas vêem espaço para melhorias em cada uma delas; ou estão satisfeitos com a grande maioria dos domínios da sua vida, mas têm uma ou duas áreas importantes onde gostariam de ter grandes mudanças.

2.2. Teste de hipóteses dos efeitos sobre as decisões reprodutivas

2.2.1. Adversidade na infância, compromissos THV e obstáculos à fecundidade

Os resultados da aplicação dos GLM sobre a Fecundidade Desejada (FD), apresentados na Tabela 7, revelaram que o obstáculo ‘opções de vida e de relação’ ($p = 0.048$), o compromisso THV ‘investimento parental *versus* bem-estar hedonista’ ($p < 0.001$), e o ‘família *versus* trabalho’ ($p = 0.033$) têm efeitos estatisticamente significativos sobre o número de filhos desejado pelos indivíduos, com valores mais baixos de B associados a um maior número desejado de filhos. Entre as três variáveis preditoras, é o compromisso ‘investimento parental *vs.* bem-estar’ que se destaca como sendo o que mais efeitos tem sobre o desejo de ter filhos, sendo os efeitos dos outros dois preditores menos evidentes.

Tabela 7 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, sobre a Fecundidade Desejada (gl =1).

Variáveis	B	EP*	Wald Chi-Square	
			χ^2	<i>p</i>
(intercepção)	1.575	0.166	90.597	0.000
ESE percebido Infância	0.026	0.033	0.638	0.424
ESE percebido Actual	0.000	0.035	0.000	0.996
Condições Financeiras [Obstáculos]	-0.023	0.032	0.513	0.474
Investimento no Capital Incorporado [Obstáculos]	0.012	0.034	0.135	0.713
Precariedade Laboral [Obstáculos]	0.055	0.032	2.905	0.088
Opções de Vida [Obstáculos]	-0.063	0.032	3.905	0.048
Investimento Parental vs. Bem-estar [Compromissos THV]	-0.171	0.049	12.356	0.000
Família vs. Trabalho [Compromissos THV]	-0.209	0.098	4.572	0.033

Variável dependente: FD

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

* EP – Erro Padrão.

Estas três variáveis também se revelaram preditoras estatisticamente significativas da Fecundidade Final Esperada (FFE; Tabela 8), em conjunto com a percepção individual de

disponibilidade de recursos actual (ESE percebido actual; $p = 0.004$). Isto significa que o número de filhos planeado³³ tende a ser maior quando se verificam valores mais elevados de B na percepção de disponibilidade de recursos actual, e mais baixos no obstáculo ‘opções de vida’ e nos dois compromissos THV (‘investimento parental *vs* bem-estar’ e ‘família *vs* trabalho’), ou seja, quando há maior preferência pelo investimento parental e por constituir família mais cedo, em detrimento de investir no capital incorporado ou no bem-estar (hedonista). No caso da FFE, os efeitos das quatro variáveis são todos muito significativos ($p \leq 0.005$).

Tabela 8 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das predictoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, sobre a Fecundidade Final Esperada (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	p
(intercepção)	1.536	0.202	58.042	0.000
ESE percebido Infância	0.036	0.040	0.794	0.373
ESE percebido Actual	0.122	0.042	8.436	0.004
Condições Financeiras [Obstáculos]	-0.066	0.040	2.788	0.095
Investimento no Capital Incorporado [Obstáculos]	-0.005	0.042	0.015	0.903
Precariedade Laboral [Obstáculos]	0.032	0.040	0.631	0.427
Opções de Vida [Obstáculos]	-0.112	0.040	7.728	0.005
Investimento Parental vs. Bem-estar [Compromissos THV]	-0.226	0.061	13.605	0.000
Família vs. Trabalho [Compromissos THV]	-0.356	0.120	8.784	0.003

Variável dependente: FFE

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Relativamente à importância de ter ou poder vir a ter filhos (Tabela 9), verificou-se que o obstáculo ‘opções de vida’ ($p = 0.008$), e os compromissos THV ‘investimento parental *versus* bem-estar’ ($p < 0.001$) e ‘família *versus* trabalho’ ($p = 0.004$) também têm efeitos sobre esta variável, com valores menores de B a indicar uma maior importância atribuída ao facto de ter filhos. A percepção de disponibilidade de recursos actual não afecta a importância de vir a ter filhos.

³³ Número de filhos que planeiam efectivamente vir a ter ‘tendo em conta as suas condições actuais e perspectivas de futuro’ (Apêndice A).

Tabela 9 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, sobre a Importância de ter ou poder vir a ter filhos (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	<i>p</i>
(intercepção)	2.139	0.124	296.415	0.000
ESE percebido Infância	0.009	0.025	0.116	0.734
ESE percebido Actual	-0.008	0.027	0.085	0.770
Condições Financeiras [Obstáculos]	-0.008	0.025	0.110	0.740
Investimento no Capital Incorporado [Obstáculos]	0.041	0.026	2.570	0.109
Precariedade Laboral [Obstáculos]	0.024	0.025	0.959	0.327
Opções de Vida [Obstáculos]	-0.065	0.025	6.955	0.008
Investimento Parental vs. Bem-estar [Compromissos THV]	-0.195	0.035	30.763	0.000
Família vs. Trabalho [Compromissos THV]	-0.217	0.075	8.365	0.004

Variável dependente: Importância de ter filhos.

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Verificou-se que o facto de os indivíduos estarem numa relação não tem quaisquer efeitos sobre a FD nem sobre a importância atribuída a ter filhos (Tabelas D1 e D2 em Apêndice), mas tem efeitos significativos e positivos sobre a FFE ($p = 0.007$; Tabela 10), em conjunto com o obstáculo ‘condições financeiras’ ($p = 0.045$) e com as preditoras que já tinham revelado efeitos anteriormente (‘opções de vida’, ‘investimento parental vs. bem-estar’, ‘família vs. trabalho’). Estes resultados indicam que o conforto financeiro (valores de B elevados no ESE percebido actual, e baixos no obstáculo ‘condições financeiras’) tem mais efeitos sobre o número de filhos planeado, **quando os indivíduos estão numa relação.**

Tabela 10 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das predictoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, em função de estar ou não numa relação, sobre a Fecundidade Final Esperada (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	<i>p</i>
(intercepção)	1.152	0.246	21.970	0.000
ESE percebido Infância	0.030	0.040	0.585	0.444
ESE percebido Actual	0.130	0.042	9.494	0.002
[Relação] Sim	0.341	0.126	7.279	0.007
[Relação] Não	*	.	.	.
Condições Financeiras [Obstáculos]	-0.081	0.040	4.002	0.045
Investimento no Capital Incorporado [Obstáculos]	-0.003	0.042	0.004	0.947
Precariedade Laboral [Obstáculos]	0.044	0.040	1.234	0.267
Opções de Vida [Obstáculos]	-0.100	0.040	6.114	0.013
Investimento Parental vs. Bem-estar				
[Compromissos THV]	-0.198	0.062	10.182	0.001
Família vs. Trabalho [Compromissos THV]	-0.343	0.120	8.125	0.004

Variável dependente: FFE

* Valor definido como 0, devido a redundância do parâmetro.

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Verificou-se que o facto de os indivíduos já terem filhos também tem efeitos sobre todas as variáveis dependentes consideradas: FD (Tabela 11), FFE (Tabela 12) e importância de vir a ter filhos (Tabela 13).

Tabela 11 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das predictoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, em função de ter ou não iniciado a parentalidade, sobre a Fecundidade Desejada (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	<i>p</i>
(intercepção)	1.365	0.186	53.961	0.000
ESE percebido Infância	0.030	0.032	0.840	0.359
ESE percebido Actual	0.010	0.035	0.088	0.767
[Tem filhos] Sim	0.186	0.074	6.323	0.012
[Tem filhos] Não	*	.	.	.
Condições Financeiras [Obstáculos]	-0.018	0.032	0.322	0.570
Investimento no Capital Incorporado [Obstáculos]	0.037	0.035	1.095	0.295
Precariedade Laboral [Obstáculos]	0.067	0.032	4.247	0.039
Opções de Vida [Obstáculos]	-0.085	0.033	6.516	0.011
Investimento Parental vs. Bem-estar [Compromissos THV]	-0.145	0.050	8.468	0.004
Família vs. Trabalho [Compromissos THV]	-0.165	0.099	2.758	0.097

Variável dependente: FD

* Valor definido como 0, devido a redundância do parâmetro.

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Os resultados da Tabela 11 indicam que o número de filhos desejado é positivamente influenciado pelo facto de os indivíduos já terem filhos ($p = 0.012$), pelo aumento da precariedade laboral ($p = 0.039$), pela diminuição do obstáculo ‘opções de vida’ ($p = 0.011$) e pela preferência por estratégias de alocação de recursos no investimento parental ($p = 0.004$). Isto significa que o número de filhos que os indivíduos desejado³⁴ quando os indivíduos têm filhos, é maior quando há uma maior preferência por investir tempo e recursos na descendência do que no bem-estar, quando as opções de vida e relacionamento não são um obstáculo à fecundidade, e quando o obstáculo ‘precariedade laboral’ aumenta (embora este predictor seja liminarmente significativo). Para entender a perda de significância do compromisso ‘família *vs.* trabalho’ quando se considera o facto de os indivíduos terem ou não filhos, é necessário relembrar que esta variável representa o compromisso entre constituir família mais cedo *versus* adiar a reprodução para dar continuidade aos estudos e/ou formação profissional, que no caso dos indivíduos que já têm filhos é uma resposta que é dada em retrospectiva.

³⁴ “Sem considerar eventuais contrangimentos pessoais e/ou económicos’ (Apêndice A).

Tabela 12 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das predictoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, em função de ter ou não iniciado a parentalidade, sobre a Fecundidade Final Esperada (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	<i>p</i>
(intercepção)	1.171	.227	26.602	0.000
ESE percebido Infância	0.042	0.040	1.127	0.289
ESE percebido Actual	0.135	0.042	10.448	0.001
[Tem filhos] Sim	0.324	0.090	12.994	0.000
[Tem filhos] Não	*	.	.	.
Condições Financeiras [Obstáculos]	-0.058	0.040	2.134	0.144
Investimento no Capital Incorporado [Obstáculos]	0.039	0.044	0.811	0.368
Precariedade Laboral [Obstáculos]	0.052	0.040	1.706	0.191
Opções de Vida [Obstáculos]	-0.151	0.042	12.996	0.000
Investimento Parental vs. Bem-estar [Compromissos THV]	-0.180	0.063	8.251	0.004
Família vs. Trabalho [Compromissos THV]	-0.282	0.121	5.406	0.020

Variável dependente: FFE

* Valor definido como 0, devido a redundância do parâmetro.

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Ter filhos também se revelou predictor estatisticamente significativo ($p < 0.001$) da FFE (Tabela 8), em conjunto com a percepção individual de disponibilidade de recursos actual ($p = 0.001$), obstáculo ‘opções de vida’ ($p < 0.001$), compromisso ‘investimento parental vs. bem-estar’ ($p = 0.004$) e ‘família vs. trabalho’ ($p = 0.020$). Isto significa que o número de filhos planeado - quando os indivíduos já têm filhos - é maior quando se verificam valores mais elevados na percepção individual de disponibilidade de recursos (‘ESE percebido actual’) e valores mais baixos no obstáculo ‘opções de vida’ e nos compromissos THV.

Tabela 13 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, em função de ter ou não iniciado a parentalidade, sobre a importância de ter filhos (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	<i>p</i>
(intercepção)	1.970	0.140	198.048	0.000
ESE percebido Infância	0.012	0.025	0.229	0.633
ESE percebido Actual	0.000	0.027	0.000	0.985
[Tem filhos] Sim	0.152	0.057	7.083	0.008
[Tem filhos] Não	*	.	.	.
Condições Financeiras [Obstáculos]	-0.005	0.025	0.043	0.835
Investimento no Capital Incorporado [Obstáculos]	0.061	0.027	5.100	0.024
Precariedade Laboral [Obstáculos]	0.034	0.025	1.891	0.169
Opções de Vida [Obstáculos]	-0.082	0.025	10.328	0.001
Investimento Parental vs. Bem-estar [Compromissos THV]	-0.173	0.036	22.777	0.000
Família vs. Trabalho [Compromissos THV]	-0.182	0.076	5.741	0.017

Variável dependente: importância de ter filhos.

* Valor definido como 0, devido a redundância do parâmetro.

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

A importância atribuída ao facto de ter ou poder vir a ter filhos é influenciada (Tabela 13) pelo facto de já ter iniciado a parentalidade ($p = 0.008$), e é maior para valores elevados no obstáculo ‘investimento no capital incorporado’ ($p = 0.024$), e valores mais baixos no obstáculo ‘opções de vida’ ($p = 0.001$) e compromissos ‘investimento parental vs. bem-estar’ ($p < 0.001$) e ‘família vs. trabalho’ ($p = 0.017$).

Quando foi considerada apenas a sub-amostra de indivíduos com filhos, os modelos não se revelaram estatisticamente adequados para avaliar os efeitos de nenhuma das variáveis dependentes em análise.

Quando considerada a sub-amostra de indivíduos sem filhos ($n=304$), os resultados para a FD (Tabela D3 em apêndice) em relação à análise da amostra total (e.g., Tabela 7), mantiveram apenas os efeitos do compromisso ‘investimento parental vs. bem-estar’ ($p = 0.003$) e do obstáculo ‘opções de vida’ ($p = 0.015$). Este último mais significativo na sub-amostra de indivíduos com filhos do que na amostra total.

Os resultados para a FFE (Tabela D4) e para a importância de ter filhos (Tabela D5) mantiveram os mesmos efeitos que foram observados na amostra total (ver Tabelas 8 e 9).

Quando procurámos testar os efeitos das variáveis sobre a intenção de ter filhos ou mais filhos no futuro ('Intenções de parentalidade futura' e 'Intenções de parentalidade futura (adicional)'), os resultados demonstraram que os obstáculos referentes às opções de vida e da relação têm efeitos significativos sobre as intenções de parentalidade futura, tanto nos indivíduos que não têm filhos ($p = 0.015$; Tabela 14), como nos indivíduos que já os têm ($p < 0.001$; Tabela 15), e que o compromisso THV 'investimento parental *versus* bem-estar' revelou ser também preditor ($p = 0.008$) da intenção de parentalidade futura, apenas quando os indivíduos não têm filhos (Tabela 14). Isto significa que valores mais elevados nas intenções de parentalidade futura estão associados a valores mais baixos no obstáculo referente às opções de vida e relacionamentos, independentemente de os indivíduos já terem ou não outros filhos. Em concordância com os resultados observados até aqui, a escolha de estratégias que dão prioridade ao investimento parental (compromisso THV 'investimento parental *vs.* bem-estar') é preditor estatisticamente significativo das intenções de parentalidade futura nos indivíduos que não têm filhos, mas não nos indivíduos que os têm.

Tabela 14 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, para a sub-amostra de indivíduos sem filhos (n=304), sobre a variável Intenções de parentalidade futura (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	p
(intercepção)	1.748	0.179	95.187	0.000
ESE percebido Infância	0.023	0.036	0.410	0.522
ESE percebido Actual	0.008	0.038	0.043	0.836
Condições Financeiras [Obstáculos]	-0.010	0.034	0.083	0.773
Investimento no Capital Incorporado [Obstáculos]	0.023	0.037	0.404	0.525
Precariedade Laboral [Obstáculos]	0.041	0.034	1.469	0.226
Opções de Vida [Obstáculos]	-0.094	0.039	5.859	0.015
Investimento Parental vs. Bem-estar [Compromissos THV]	-0.109	0.042	6.954	0.008
Família vs. Trabalho [Compromissos THV]	-0.171	0.108	2.515	0.113

Variável dependente:: Intenções de parentalidade futura (sem filhos)

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Tabela 15 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, para a sub-amostra de indivíduos com a parentalidade iniciada (n=183), sobre a variável Intenções de parentalidade futura (adicional) (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	<i>p</i>
(intercepção)	1.074	0.277	15.092	0.000
ESE percebido Infância	0.017	0.045	0.145	0.704
ESE percebido Actual	0.073	0.047	2.359	0.125
Condições Financeiras [Obstáculos]	0.016	0.046	0.122	0.727
Investimento no Capital Incorporado [Obstáculos]	0.084	0.050	2.774	0.096
Precariedade Laboral [Obstáculos]	0.029	0.046	0.383	0.536
Opções de Vida [Obstáculos]	-0.209	0.046	20.882	0.000
Investimento Parental vs. Bem-estar [Compromissos THV]	0.044	0.105	0.176	0.675
Família vs. Trabalho [Compromissos THV]	-0.028	0.137	0.043	0.837

Variável dependente:: Intenções de parentalidade futura (adicional)

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

De acordo com os resultados da Tabela 16, a idade desejada para iniciar a parentalidade (idade ao nascimento do primeiro filho) é influenciada pelo obstáculo ‘opções de vida’ ($p = 0.004$), pelo compromisso ‘investimento parental vs. bem-estar’ ($p = 0.004$) e pelo compromisso ‘família vs. trabalho’ ($p = 0.005$), com valores mais elevados de B nestas preditoras associadas a uma maior distância temporal até iniciar a parentalidade.

Tabela 16 – Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, para a sub-amostra de indivíduos sem filhos (n=304), sobre a variável idade desejada para iniciar a parentalidade (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	p
(intercepção)	0.218	0.272	0.640	0.424
ESE percebido Infância	0.047	0.047	1.001	0.317
ESE percebido Actual	-0.047	0.050	0.899	0.343
Condições Financeiras [Obstáculos]	0.007	0.052	0.021	0.886
Investimento no Capital Incorporado [Obstáculos]	0.035	0.057	0.370	0.543
Precariedade Laboral [Obstáculos]	0.085	0.050	2.848	0.092
Opções de Vida [Obstáculos]	0.143	0.049	8.437	0.004
Investimento Parental vs. Bem-estar [Compromissos THV]	0.157	0.055	8.084	0.004
Família vs. Trabalho [Compromissos THV]	0.449	0.161	7.822	0.005

Variável dependente:: idade para iniciar a parentalidade (idade desejada ao 1º filho)

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Os modelos não se revelaram estatisticamente adequados para avaliar os momentos reprodutivos dos indivíduos com filhos.

2.2.2. Efeito das condições em que se teve o primeiro filho sobre decisões subsequentes

A aplicação dos GLM revelou que o número de filhos que os indivíduos têm (Fecundidade Realizada - FR) é um preditor estatisticamente significativo da intenção de ter mais filhos no futuro ($p < 0.001$; Tabela 17), com valores mais baixos de B para a FR associados a uma maior intencionalidade de ter mais filhos, isto é, quando menos filhos os indivíduos têm maior é a sua intenção de parentalidade futura. Nenhuma das variáveis consideradas apresentou efeitos sobre o número de filhos planeado (FFE). Contrariamente ao esperado, o facto de o primeiro filho ter sido ou não fruto de planeamento não revelou efeitos significativos sobre as decisões subsequentes. O modelo não se revelou estatisticamente adequado para avaliar os efeitos sobre o número de filhos desejado (FD).

Tabela 17 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes às condições em que os indivíduos tiveram o primeiro filho, sobre as Intenções de Parentalidade Futura (adicional) (gl =1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	<i>p</i>
(intercepção)	1.670	0.3372	24.526	0.000
1º filho [planeado]	-0.001	0.1166	0.000	0.990
1º filho [não planeado]	*	.	.	.
Idade ao 1º filho	-0.009	0.0114	0.649	0.420
Fecundidade Realizada	-0.265	0.0635	17.488	0.000

Variável dependente: Intenções de parentalidade futura (adicional)

* Parâmetro redundante

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Como se pode observar pelos resultados das Tabelas 18 e 19, a idade ao nascimento do primeiro filho revelou ter efeitos altamente significativos ($p < 0.001$) sobre a idade ao nascimento do segundo filho (realizada e expectável), com valores crescentes de B associados a um aumento da idade ao segundo filho.

Tabela 18 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes às condições em que os indivíduos tiveram o primeiro filho sobre a Idade ao nascimento do 2º (n=69; gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	<i>p</i>
(intercepção)	2.946	0.193	233.967	0.000
1º filho [planeado]	-0.018	0.052	0.117	0.732
1º filho [não planeado]	*	.	.	.
Idade ao 1º filho	0.021	0.005	17.022	0.000
Fecundidade Realizada	-0.028	0.046	0.366	0.545

Variável dependente: idade ao 2º filho

* Parâmetro redundante

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Tabela 19 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes às condições em que os indivíduos tiveram o primeiro filho sobre a Idade planejada ao nascimento do 2º (n= 85; gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	p
(intercepção)	2.855	0.176	262.210	0.000
1º filho [planeado]	0.003	0.053	0.004	0.952
1º filho [não planeado]	*	.	.	.
Idade ao 1º filho	0.021	0.006	13.285	0.000
Fecundidade Realizada	0.027	0.045	0.373	0.541

Variável dependente: idade planejada ao nascimento do 2º filho.

* Parâmetro redundante

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

2.2.3. Influência da composição da rede social

Os resultados da aplicação da técnica de GLM demonstraram que o modelo não é adequado para avaliar os efeitos das preditoras sobre a Fecundidade Desejada (FD).

O reconhecimento de que a proximidade com casais/indivíduos em início de parentalidade influencia positivamente a visão perante a parentalidade (“Influência Social Percebida”) tem efeitos estatisticamente significativos sobre a FFE ($p < 0.001$; Tabela 20) e sobre a importância de ter ou poder vir a ter filhos ($p = 0.02$; Tabela 21). Isto significa que valores mais elevados na percepção de influência social é preditor estatisticamente significativo de uma maior importância atribuída aos filhos, e a um maior número de filhos planeado.

Tabela 20 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à composição da rede social, em função do contágio e capital social, sobre a Fecundidade Final Esperada (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	p
(intercepção)	0.056	0.212	0.069	0.792
Contágio Social [Sim]	-0.031	0.112	0.078	0.780
Contágio Social [Não]	*	.	.	.
Influência Social Percebida	0.103	0.029	12.588	0.000
Capital Social 1 [Sim]	0.061	0.110	0.307	0.580
Capital Social 1 [Não]	*	.	.	.
Proximidade Familiar	0.029	0.047	0.381	0.537

Variável dependente: FFE

* Valor definido como 0, devido a redundância do parâmetro.

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Tabela 21 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à composição da rede social, em função do contágio e capital social, sobre a Importância de ter filhos (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	<i>p</i>
(intercepção)	1.112	0.129	73.744	0.000
Contágio Social [Sim]	0.037	0.070	0.281	0.596
Contágio Social [Não]	*	.	.	.
Influência Social Percebida	0.054	0.018	9.146	0.002
Capital Social 1 [Sim]	0.017	0.068	0.064	0.800
Capital Social 1 [Não]	*	.	.	.
Proximidade Familiar	0.002	0.029	0.003	0.957

Variável dependente: Importância de ter filhos.

* Valor definido como 0, devido a redundância do parâmetro.

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Em relação às intenções de parentalidade futura, o modelo não se revelou estatisticamente significativo para a sub-amostra de indivíduos com filhos. Quando considerada a sub-amostra de indivíduos sem filhos, a influência social percebida também se revelou um preditor estatisticamente significativo das intenções de parentalidade futura ($p = 0.002$; Tabela 22). Estes resultados significam que a percepção da influência positiva da proximidade a indivíduos dentro mesma faixa etária a começar a constituir família, tem efeitos sobre as intenções de parentalidade futura nesta sub-amostra, com estes indivíduos a inclinarem-se mais para querer ter filhos no futuro quando reconhecem maior influência social.

Tabela 22 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à composição da rede social, em função do contágio e capital social, para a sub-amostra de indivíduos sem filhos (n=304), sobre as Intenções de Parentalidade Futura (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	<i>p</i>
(intercepção)	1.002	0.168	35.755	0.000
Contágio Social [Sim]	-0.057	0.098	0.342	0.559
Contágio Social [Não]	*	.	.	.
Influência Social Percebida	0.077	0.025	9.849	0.002
Capital Social 1 [Sim]	0.025	0.086	0.080	0.777
Capital Social 1 [Não]	*	.	.	.
Proximidade Familiar	0.000	0.038	0.000	0.991

Variável dependente: Intenções de parentalidade futura (sem filhos)

* Valor definido como 0, devido a redundância do parâmetro.

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Os resultados da aplicação dos GLMs considerando o nível de satisfação com a vida (SWLS) demonstraram que o modelo não é estatisticamente adequado para avaliar a fecundidade desejada. Em relação à fecundidade final esperada (Tabela 23), esta revelou ser influenciada pela influência social percebida ($p = 0.005$) e pelo nível de satisfação com a vida ($p < 0.001$), com um maior número de filhos planejado associado a valores mais altos destas variáveis.

Tabela 23 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à composição da rede social e nível de satisfação com a vida, em função do contágio e capital social, sobre a Fecundidade Final Esperada (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	p
(intercepção)	-0.590	0.255	5.358	0.021
Contágio Social [Sim]	-0.003	0.112	0.001	0.981
Contágio Social [Não]	*	.	.	.
Influência Social Percebida	0.083	0.029	8.029	0.005
Capital Social [Sim]	0.088	0.110	0.642	0.423
Capital Social [Não]	*	.	.	.
Proximidade Familiar	0.031	0.047	0.445	0.505
SWLS	0.029	0.006	22.864	0.000

Variável dependente: FFE

* Valor definido como 0, devido a redundância do parâmetro.

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

O efeito da SWLS não se manteve quando foi avaliada a importância de ter ou poder vir a ter filhos (Tabela D6 em apêndice), nem a intenção de parentalidade futura dos indivíduos sem filhos (Tabela D7 em apêndice), que apenas mantiveram a significância dos efeitos da influência social percebida ($p = 0.005$ e $p = 0.003$, respectivamente). Este modelo também não se revelou estatisticamente adequado para avaliar as intenções de parentalidade futura da sub-amostra de indivíduos com filhos.

Os modelos não se revelaram adequados para testar as variáveis dependentes na sub-amostra de indivíduos com a parentalidade iniciada. Quando considerada a sub-amostra de indivíduos com a parentalidade por iniciar, o modelo também não se revelou adequado para avaliar os efeitos sobre a fecundidade desejada.

Relativamente ao *timing* reprodutivo, os resultados demonstraram que estar próximo de outros indivíduos a começar a constituir família tem efeitos sobre a diminuição da idade desejada para iniciar a parentalidade, nos indivíduos sem filhos ($p < 0.001$; Tabela 24). Os modelos não se revelaram adequados para avaliar os momentos reprodutivos nos indivíduos que já têm filhos.

Tabela 24 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à composição da rede social e nível de satisfação com a vida, em função do contágio e capital social, sobre a idade desejada para iniciar a parentalidade (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	p
(intercepção)	2.400	0.244	97.090	0.000
Contágio Social [Sim]	-0.567	0.111	26.319	0.000
Contágio Social [Não]	*	.	.	.
Influência Social Percebida	-0.050	0.035	2.070	0.150
Capital Social [Sim]	-0.086	0.117	0.539	0.463
Capital Social [Não]	*	.	.	.
Proximidade Familiar	-0.073	0.053	1.898	0.168
SWLS	-0.040	0.027	2.260	0.133

Variável dependente: idade para iniciar a parentalidade (idade desejada ao 1º filho)

* Valor definido como 0, devido a redundância do parâmetro.

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

3. DISCUSSÃO

Os principais objectivos deste estudo foram entender de que forma os efeitos dos compromissos de teoria de história de vida humana e a influência da rede de relacionamentos sociais influenciam as decisões reprodutivas em indivíduos de populações desenvolvidas com baixa fecundidade.

3.1.1. Adversidade na infância, compromissos THV e obstáculos à fecundidade

Partindo da abordagem evolutiva à THV (Griskevicius, Delton *et al.*, 2011), procurou-se testar a influência da variável psicológica associada à eventual incerteza ambiental experienciada pelos indivíduos durante a sua infância, em conjunto com as estratégias de história de vida em curso e algumas condicionantes actuais que se apresentam como obstáculos à fecundidade, bem como as suas contribuições relativas para as decisões reprodutivas dos indivíduos.

Contrariamente ao esperado, os resultados não revelaram quaisquer interacções entre a percepção de disponibilidade de recursos na infância e a idade de entrada na parentalidade (idade ao nascimento do 1º filho) ou qualquer outro aspecto considerado da fecundidade dos indivíduos. Por outro lado, o número de filhos que é planeado tendo em conta as condições actuais e perspectivas de futuro tende a ser mais elevado quando a disponibilidade de recursos actual percebida pelos indivíduos aumenta. Este aumento dos recursos actuais não parece no entanto ter efeitos no adiamento da parentalidade.

Estes resultados não estão em concordância com a literatura (Griskevicius, Delton, et al., 2011; Griskevicius, Tybur, et al., 2011; Mittal & Griskevicius, 2014) que postula que nas populações industrializadas contemporâneas existe uma ligação clara entre a adversidade ambiental na infância ou baixo estatuto socioeconómico e o *timing* reprodutivo (Sear, 2015). Isto pode dever-se ao facto de a nossa amostra apresentar uma grande homogeneidade, não havendo uma proporção considerável de casos que possam ter experienciado situações de adversidade extrema na infância que possam ser utilizados para comparação. Além disso, podemos observar que esta amostra apresenta elevados níveis de escolarização e com uma satisfação com a vida acima do expectável para populações economicamente desenvolvidas, podendo não ser representativa das proporções da população que mais sofreram com a crise.

Em ecologias benignas ou amenas, as variações comportamentais associadas a cada tipo de estratégia de história de vida (rápida ou lenta) não são por norma notórias, emergindo apenas

na presença indicadores de stress ambiental (Mittal & Griskevicius, 2014). Com efeito, as diferenças existentes numa sociedade como a nossa (relativamente às expectativas de vida e de sobrevivência) – e principalmente na nossa amostra - são demasiado pequenas para que sejam activados módulos de resposta completamente diferentes em função da adversidade na infância e não das circunstâncias actuais. As respostas dos indivíduos neste caso não vão reflectir a adversidade do passado, se não houver indicadores que desencadeiem o módulo de estar a viver num ambiente mais imprevisível. Esse tipo de variabilidade de resposta pode ser esperado quando se comparam grupos mais heterogéneos, ou populações em contextos socioeconómicos diferentes. Nesse sentido, o facto de o estatuto socioeconómico percebido na infância não ser significativo na nossa análise pode ser encarado como natural, dada homogeneidade da amostra e ao facto do período histórico em causa não ser marcado por uma adversidade extrema (i.e. guerra, epidemias, períodos de fome, etc.). As variações nos comportamentos reprodutivos vão ser provocados por conjuntos de uma série de outros factores individuais, que podem estar relacionados com as condições de vida do indivíduo, da exigência do trabalho, dos seus relacionamentos ou valores em mudança, que globalmente fazem a diferença.

Nesta amostra o estatuto socioeconómico percebido actual tem mais efeitos sobre as decisões reprodutivas (nº de filhos planeado) que o estatuto socioeconómico percebido na infância, refutando-se assim a primeira hipótese em estudo.

Em ambientes relativamente estáveis, as decisões de reduzir a fecundidade são as expectáveis, havendo um maior investimento num menor número de descendentes, com mais investimento por descendente. Este aumento no investimento da qualidade da descendência é característico das sociedades economicamente desenvolvidas (Huber *et al.*, 2010), principalmente nas gerações mais novas (INE, 2014; Maciel, 2015).

Relativamente aos compromissos de história de vida os resultados indicam que quando os indivíduos demonstram maior preferência por estratégias reprodutivas mais direccionadas para o investimento de recursos no sentido do capital incorporado, seja ele sob a forma de educação/formação profissional ou investimento no bem-estar, o número de filhos planeado as intenções de parentalidade futura e a importância atribuída a ter filhos diminuem, e a idade desejada para iniciar a parentalidade aumenta, nos indivíduos com a parentalidade por iniciar. Confirmando-se desta forma a hipótese H2b.

O obstáculo que demonstrou relações consistentemente negativas com os comportamentos reprodutivos, foi o obstáculo referente às ‘opções de vida’, que se relaciona

com opções de não querer ter filhos, o companheiro não querer ter filhos, não ter uma relação, já ter os filhos que quer ou a idade.

Estes resultados fazem sentido dentro do enquadramento teórico da ‘segunda transição demográfica’ e também da hipótese da influência dos parentes, nos quais o alargamento das redes sociais e da mobilidade social que acompanham a modernização das sociedades e a globalização dos mercados de trabalho, fazem subir os custos associados ao investimento parental e aumentar as recompensas pelo investimento no capital incorporado próprio, mas também no dos filhos, que tem como principais consequências o adiamento consecutivo da parentalidade, e a preferência por um menor número de filhos com maior investimento por filho. Consistente com esta ideia, é também o resultado para a influência do obstáculo ‘investimento no capital incorporado’, que faz aumentar a importância atribuída a ter filhos. Esta associação positiva entre estas duas variáveis demonstra que para os indivíduos que atribuem maior importância a ter filhos, o principal obstáculo à realização da fecundidade é a incompatibilidade entre ter filhos e investir no seu capital incorporado. Desta forma, rejeita-se também a hipótese 2b.

3.1.2. Condições do primeiro filho

Procurámos avaliar se o facto de o primeiro filho ter sido ou não planeado, bem como a idade de entrada na parentalidade tinha efeitos sobre as decisões reprodutivas subsequentes. A ‘segunda transição demográfica’ é marcada pelo adiamento consecutivo da parentalidade, levando frequentemente à não passagem para o segundo filho, e em última análise à não concretização da fecundidade inicialmente desejada (INE, 2014; Maciel, 2015).

Além dos vários factores condicionantes que interferem com a fecundidade dos indivíduos procuramos averiguar se a experiência do primeiro filho, tendo em conta se foi fruto de planeamento ou não, de alguma forma influenciava a decisão de passar ou não passar para o segundo, bem como a idade ao nascimento do 2º filho ou a idade desejada para ter o segundo filho.

Os resultados desta análise foram pouco informativos, no sentido em que a variável relativa ao planeamento do 1º filho não se revelou preditora de nenhuma vertente da fecundidade considerada com excepção da idade ao 2º filho concretizada e planeada - o que já era expectável - rejeitando-se a hipótese 3a.

De acordo com os resultados da nossa amostra, a idade ao 1º filho não influencia as intenções de parentalidade futura nem o número de filhos planeado, rejeitando-se também a hipótese 3b. Estes resultados não se encontram em concordância com as previsões da literatura, que afirmam que a entrada tardia na parentalidade pode ter graves consequências na realização da fecundidade desejada, o que pode ser explicado pelo facto de os indivíduos desta amostra sobrestimarem os limites biológicos da fertilidade humana ou desvalorizarem o risco de infertilidade associado à idade, uma vez que apenas 35.3% dos respondentes responderam acertadamente à idade em que começa o declínio da fecundidade feminina e 23.2% a responder acertadamente à idade com que a fertilidade masculina começa a diminuir, face a 5.3% que não sabe ou pensa que a fertilidade feminina não diminui com a idade, e 38.6% a pensar que a fertilidade masculina não diminui com a idade, ou a afirmar não saber.

Apenas a fecundidade realizada no momento do inquérito revelou ter efeitos sobre as intenções de parentalidade futura, com valores mais baixos de fecundidade realizada associados a uma maior vontade de ter mais filhos no futuro. Este resultado, indica que apesar de os indivíduos já terem pelo menos um filho demonstram vontade de ficar pelo filho único, o que revela a existência de outros factores subjacentes que podem estar a condicionar a realização desse desejo. Associado a isso, os conhecimentos básicos sobre o risco de infertilidade associados à idade são alarmantes, principalmente se tivermos em conta que para cerca 83.7% da nossa amostra o facto de ter filhos é ‘importante’, ‘muito importante’ ou ‘extremamente importante’ (Tabela C3 em apêndice) e só 35.3% já tem pelo menos um filho (Figura 1), demonstrando que os indivíduos podem não estar a tomar decisões bem informadas e/ou conscientes.

Os resultados destas análises permitem eliminar pelo menos o não planeamento do 1º filho como factor poderia influenciar a passagem para o segundo.

3.1.3. Influência da composição da rede social

Procurámos investigar os efeitos da composição da rede de relacionamentos pessoais sobre as decisões reprodutivas, mais especificamente se os comportamentos reprodutivos de amigos, colegas ou familiares da rede de relacionamentos pessoais próxima influenciam as decisões reprodutivas, qual o seu impacto na fecundidade do indivíduos (H4a) e se a proximidade com familiares - seja pela sua capacidade de fornecer algum tipo de apoio à

reprodução dos indivíduos (capital social) ou enquanto fonte de pressão social (H4b) - facilitam a transição para a parentalidade.

Os resultados deste estudo mostram que a presença de pessoas em fase de constituir família na rede social de um indivíduo não é por si só um factor que influencie o número de filhos esperado, a importância atribuída ao facto de ter filhos, ou as intenções de parentalidade futura, mas afecta de forma significativa a idade de entrada na parentalidade.

No entanto, estas variáveis (com excepção da idade ao 1º filho) são todas afectadas pela percepção que os indivíduos têm da influência que esse factor exerce sobre eles. Ou seja, quanto maior é a percepção da influência social por parte dos indivíduos, mais elevados são os valores da importância, intenções de parentalidade futura e do número de filhos planeado. O número de filhos que os indivíduos estão a planear ter, considerando as suas perspectivas actuais e perspectivas de futuro (FFE) também tem uma relação com o seu nível de satisfação com a vida, com níveis de satisfação mais elevados associados a um maior número de filhos. Por outro lado, a presença de indivíduos na rede social influencia uma importante vertente da fecundidade, ao contribuir para a diminuição da idade ao nascimento do 1º filho, confirmando-se desta forma a Hipótese 4a.

Estes resultados estão em concordância com Balbo e Barban (2014), que mostraram que a gravidez de um amigo aumenta o “risco” de um indivíduo entrar na parentalidade, apresentando como possíveis explicações alguns mecanismos abordados pela evolução cultural, como o facto da entrada de um amigo na parentalidade poder ser uma importante fonte de: **aprendizagem social**, através da qual o indivíduo pode obter informações relevantes que lhe permitem fazer a avaliação dos custos e benefícios de ter filhos; e/ou **influência social**, na medida em que a entrada na parentalidade provoca alterações extensivas na vida dos indivíduos, e uma eventual sincronização com a entrada na parentalidade por outros amigos poder ser uma boa estratégia de redução de custos sociais e relacionais.

Contrariamente ao esperado, de acordo com os nossos resultados a proximidade com familiares ou a existência de familiares que possam auxiliar aos indivíduos na parentalidade (da forma como aqui foi medido) não consegue explicar as decisões reprodutivas dos indivíduos, que parecem sofrer maior influência por parte dos seus coortes, excluindo-se desta forma a Hipótese 4b. Estes resultados podem ser em parte explicados pelo facto da proximidade com parentes e a composição da rede social terem sido medidos de forma superficial, uma vez que não foi medido o tamanho da rede social, o capital social, nem a proporção de parentes *v.s.* não-parentes nas interacções sociais dos indivíduos.

Por outro lado, os resultados vão também ao encontro das previsões da Hipótese da Influência dos Parentes (Newson *et al.*, 2005, 2007; Newson & Richerson, 2009), que prevê que o alargamento das redes sociais que acompanha os processos de modernização das sociedades, leva à diminuição das interações sociais com indivíduos geneticamente relacionados (com interesse na aptidão genética do indivíduo) e ao aumento de interações com indivíduos não aparentados, que por sua vez levam ao enfraquecimento das recompensas sociais que promovem a fecundidade, desencadeando uma série de modificações comportamentais e culturais que se vão progressivamente divergindo do sucesso reprodutivo.

Os resultados destas análises corroboram as evidências científicas (Balbo & Barban, 2014; Bongaarts & Watkins, 1996; Newson *et al.*, 2005) de que a influência social desempenha um importante papel no controlo da reprodução, e que os processos de difusão e interação social moldam os mecanismos de tomada de decisão que determinam os comportamentos reprodutivos dos indivíduos (Balbo & Barban, 2014; Bongaarts & Watkins).

3.2. Considerações Metodológicas e Direcções Futuras

O facto de os modelos não se revelarem adequados para analisar a sub-amostra de indivíduos com filhos sugere que os efeitos observados na amostra total são relativos aos indivíduos sem filhos. As variáveis consideradas não conseguem explicar os comportamentos reprodutivos dos indivíduos que já iniciaram a parentalidade, possivelmente por se tratarem de situações mais heterogéneas e com muita variação nos contextos individuais, oportunidades e constrangimentos.

A grande maioria das investigações sobre a fecundidade humana foca-se essencialmente na vertente feminina da reprodução, abordando os processos e características associados à mulher, negligenciando a importância de se ter em conta que, por norma, a decisão de ter um filho envolve os dois membros de um casal (Balbo & Barban, 2014; Thomson, 1997 *in* Balbo & Mills, 2011). Do nosso ponto de vista, torna-se por isso vital que sejam consideradas as diferentes variáveis que podem motivar e condicionar os comportamentos do homem enquanto indivíduo e potencial pai, e não apenas enquanto uma extensão do casal e parceiro da mulher.

Nas nossas análises não foram considerados eventuais problemas associados à infertilidade, enquanto obstáculo à realização da fecundidade. A decisão de querer ou não ter filhos (ou filhos adicionais) pode muitas vezes ter subjacentes questões emocionais associadas a

problemas de infertilidade. Neste sentido, seria também importante considerar a orientação sexual dos indivíduos uma vez que logo à partida, também estes terão vários obstáculos à concretização da sua fecundidade. Os tratamentos de infertilidade, além de muito dispendiosos economicamente, envolvem frequentemente várias tentativas – e perdas – que podem ser emocionalmente desgastantes, podendo levar os indivíduos a optar pelo abandono da decisão de ter filhos.

4. CONCLUSÃO

Os resultados desta investigação demonstram a pertinência de análises que permitam a integração e complementaridade dos conhecimentos e abordagens ao comportamento humano das diversas áreas científicas, bem como a consideração do indivíduo dentro do contexto em que ele se insere. Só assim será possível entender verdadeiramente as motivações e constrangimentos envolvidos nos processos de tomada de decisão e nos comportamentos reprodutivos dos indivíduos, para que desta forma seja possível a construção e implementação de medidas políticas e sociais objectivas, direccionadas para contrariar a persistência destas tendências.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albano, N. C. (2015). *Conhecimentos sobre fertilidade, motivações para a parentalidade e atitudes face à doação de gâmetas e gestação de substituição em jovens-adultos*. ISMT.
- Balbo, N., & Barban, N. (2014). Does Fertility Behavior Spread among Friends? *American Sociological Review*, 79(3), 412–431. <http://doi.org/10.1177/0003122414531596>
- Balbo, N., & Mills, M. (2011). The effects of social capital and social pressure on the intention to have a second or third child in France, Germany, and Bulgaria, 2004–05. *Population Studies*, 65(3), 335–351. <http://doi.org/10.1080/00324728.2011.579148>
- Barkow, J. H., & Burley, N. (1980). Human fertility, evolutionary biology, and the demographic transition. *Ethology and Sociobiology*, 1(2), 163–180. [http://doi.org/10.1016/0162-3095\(80\)90006-0](http://doi.org/10.1016/0162-3095(80)90006-0)
- Barrett, L., Dunbar, R., & Lycett, J. (2002). Cap. 1 The evolutionary approach to human behaviour. Em *Human Evolutionary Psychology* (pp. 1–21).
- Bernardi, L., & Klärner, A. (2014). Social networks and fertility. *Demographic Research*, 30(22), 641–670. <http://doi.org/10.4054/DemRes.2014.30.22>
- Bongaarts, J. (2009). Human population growth and the demographic transition. *Philosophical Transactions of the Royal Society B*, 364, 2985–2990. <http://doi.org/10.1098/rstb.2009.0137>
- Bongaarts, J., & Watkins, S. C. (1996). Social Interactions and Contemporary Fertility Transitions. *Population and Development Review*, 22(4), 639–682.
- Brown, G. R., & Richerson, P. J. (2014). Applying evolutionary theory to human behaviour: Past differences and current debates. *Journal of Bioeconomics*, 16(2), 105–128. <http://doi.org/10.1007/s10818-013-9166-4>
- Buhler, C., & Fraczak, E. (2004). *Social Capital and Fertility Intentions: The Case of Poland*. Rostock.
- Bühler, C., & Fraczak, E. (2007). Learning from others and receiving support: the impact of personal networks on fertility intentions in Poland. *European Societies*, 9(3), 359–382. <http://doi.org/https://doi.org/10.1080/14616690701314101>
- Buhler, C., & Philipov, D. (2005). *Social capital related to fertility: theoretical foundations and empirical evidence from Bulgaria*. Rostock and Vienna.
- Cartwright, J. (2000). *Evolution and human behavior*.
- Coall, D. A., Tickner, M., McAllister, L. S., & Sheppard, P. (2016). Developmental influences on fertility decisions by women: an evolutionary perspective. *Phil. Trans. R. Soc. B*, 371, 1–11. <http://doi.org/10.1098/rstb.2015.0146>
- Cosmides, L., & Tooby, J. (1992). Cognitive Adaptations for Social Exchange. Em J. Barkow, L. Cosmides, & J. Toobt (Eds.), *The Adapted Mind: Evolutionary Psychology and the Generation of Culture* (pp. 163–228). New York: Oxford University Press.
- Diener, E. (2006). Understanding scores on the satisfaction with Life Scale.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985a). Satisfaction with life scale - referência, descrição e artigos seleccionados. *Self Report Measures for Love and Compassion Research: Satisfaction*, 5–7.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985b). The Satisfaction With Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71–75.
- Ellis, B. J., Aurelio, J. F., Brumbach, B. H., & Schlomer, G. L. (2009). Fundamental Dimensions of Environmental Risk The Impact of Harsh versus Unpredictable Environments on the Evolution and Development of Life History Strategies. *Hum Nat*, 20, 204–268. <http://doi.org/10.1007/s12110-009-9063-7>

- Field, A. (2009). *Discovering Statistics using SPSS*.
- Goldscheider, F., Bernhardt, E., & Lappegård, T. (2015). The Gender Revolution: A Framework for Understanding Changing Family and Demographic Behavior. *Population and Development Review*, 41(2), 207–239. <http://doi.org/10.1111/j.1728-4457.2015.00045.x>
- Gravel, S., Henn, B. M., Gutenkunst, R. N., Indap, A. R., Marth, G. T., Clark, A. G., ... Bustamante, C. D. (2011). Demographic history and rare allele sharing among human populations The 1000 Genomes Project e. *PNAS*, 108(29), 11983–11988. <http://doi.org/10.1073/pnas.1019276108>
- Griskevicius, V., Ackerman, J. M., Cantu, S. M., Delton, A. W., Robertson, T. E., Simpson, J. A., ... Tybur, J. M. (2013). When the Economy Falters, Do People Spend or Save? Responses to Resource Scarcity Depend on Childhood Environments. *Psychological Science*, 24(2), 197–205. <http://doi.org/10.1177/0956797612451471>
- Griskevicius, V., Delton, A. W., Robertson, T. E., & Tybur, J. M. (2011). Environmental Contingency in Life History Strategies: The Influence of Mortality and Socioeconomic Status on Reproductive Timing. *Journal of Personality and Social Psychology*, 100(2), 241–254. <http://doi.org/10.1037/a0021082>
- Griskevicius, V., Tybur, J. M., Delton, A. M., & Robertson, T. E. (2011). The influence of morality and socioeconomic status on risk and delayed rewards: A life history theory approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 100(6), 1015–1026. <http://doi.org/10.1037/a0022403>
- Hammarberg, K., Setter, T., Norman, R. J., Holden, C. A., Michelmores, J., & Johnson, L. (2013). Knowledge about factors that influence fertility among Australians of reproductive age: a population-based survey. *Fertility and Sterility*, 99, 502–507. <http://doi.org/10.1016/j.fertnstert.2012.10.031>
- Henn, B. M., Cavalli-Sforza, L. L., Feldman, M. W., & Lovejoy, O. (2012). The great human expansion. *PNAS*, 109(44), 17758–17764. <http://doi.org/10.1073/pnas.1212380109>
- Hobcraft, J. N. (2003). Reflections on Demographic, Evolutionary, and Genetic Approaches to the Study of Human Reproductive Behavior. Em K. W. Wachter & R. A. Bulatao (Eds.), *Offspring: Human Fertility Behavior in Biodemographic Perspective* (pp. 339–363). Washington DC: The National Academies Press.
- Huber, S., Bookstein, F. L., & Fieder, M. (2010). Socioeconomic status, education, and reproduction in modern women: An evolutionary perspective. *American Journal of Human Biology*, 22(5), 578–587. <http://doi.org/10.1002/ajhb.21048>
- INE, I. P. (2014). *Inquérito à fecundidade 2013*. Instituto Nacional de Estatística, Lisboa, Portugal.
- Jones, J. H. (2015). Resource Transfers and Human Life-History Evolution *. *Annual Review of Anthropology*, 44, 513–531. <http://doi.org/10.1146/annurev-anthro-102214-013938>
- Kaplan, H. (1996). A theory of fertility and parental investment in traditional and modern human societies. *Yearbook of Physical Anthropology*, 39, 91–135.
- Kaplan, H. S., & Gangestad, S. W. (2004). *Life History Theory and Evolutionary Psychology*.
- Kaplan, H. S., & Lancaster, J. B. (2003). An Evolutionary and Ecological Analysis of Human Fertility, Mating Patterns, and Parental Investment. Em K. W. Wachter & R. A. Bulatao (Eds.), *Offspring: Human Fertility Behavior in Biodemographic Perspective* (pp. 170–223). National Academies Press (US).
- Laland, K. N., & Brown, G. R. (2002). *Sense and Nonsense: Evolutionary Perspectives on Human Behaviour*. New York: Oxford University Press Inc. (US).
- Laland, K. N., & Hoppitt, W. (2003). Do Animals Have Culture? *Evolutionary Anthropology*, 12(3), 150–159. <http://doi.org/10.1002/evan.10111>
- Lawson, D. W. (2011). Life history theory human reproductive behavior. Em V. Swami (Ed.), *Evolutionary Psychology Critical Introduction* (pp. 183–214). BPS Blackwell.

- Lawson, D. W., & Borgerhoff Mulder, M. (2016). The offspring quantity – quality trade-off and human fertility variation. *Philosophical Transactions of the Royal Society B*, 371(1692), 20150145. <http://doi.org/10.1098/rstb.2015.0145>
- Li, N. P., Patel, L., Balliet, D., Tov, W., & Scollon, C. N. (2011). The Incompatibility of Materialism and the Desire for Children: Psychological Insights into the Fertility Discrepancy Among Modern Countries. *Social Indicators Research*, 101(1013), 391–404. <http://doi.org/10.1007/s11205-010-9665-9>
- Lummaa, V. (2016). Human Behavioral Ecology. Em J. B. Losos & R. E. Lenski (Eds.), *How Evolution Shapes Our Lives: Essays on biology and society* (pp. 61–76). New Jersey: Princeton University Press.
- Mace, R. (1996). Biased parental investment and reproductive success in Gabbra pastoralists. *Behavioral ecology and sociobiology*, 38(2), 75–81. <http://doi.org/10.1007/s002650050219>
- Maciel, A. (2015). *Baixa fecundidade: adaptação tardia às mudanças estruturais ou consolidação da preferência por famílias de padrões reduzidos?* Universidade de Évora.
- Mittal, C., & Griskevicius, V. (2014). Sense of control under uncertainty depends on people's childhood environment: A life history theory approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 107(4), 621–637. <http://doi.org/10.1037/a0037398>
- Modena, F., Rondinelli, C., & Sabatini, F. (2013). Economic insecurity and fertility intentions: The case of Italy. *Review of Income and Wealth*, 60(S1). <http://doi.org/10.1111/roiw.12044>
- Mulder, M. B. (1998). The demographic transition: Are we any closer to an evolutionary explanation? *Trends in Ecology and Evolution*, 13(7), 266–270. [http://doi.org/10.1016/S0169-5347\(98\)01357-3](http://doi.org/10.1016/S0169-5347(98)01357-3)
- Mulder, M. B. (2002). A text for human behavioural ecology (Review of Human Evolutionary Psychology). *Trends in Ecology and Evolution*, 17(11), 534–535.
- Newson, L., Postmes, T., Lea, S. E. G., & Webley, P. (2005). Why Are Modern Families Small? Toward an Evolutionary and Cultural Explanation for the Demographic Transition. *Personality and Social Psychology Review*, 9(4), 360–375. http://doi.org/10.1207/s15327957pspr0904_5
- Newson, L., Postmes, T., Lea, S. E. G., Webley, P., Richerson, P. J., & Mcelreath, R. (2007). Influences on communication about reproduction: the cultural evolution of low fertility. *Evolution and Human Behaviour*, 28, 199–210.
- Newson, L., & Richerson, P. J. (2009). Why Do People Become Modern? A Darwinian Explanation. *Population and Development Review*, 35(1), 117–158. <http://doi.org/10.1111/j.1728-4457.2009.00263.x>
- Nunes, L. (2009). *Promoção do Bem-Estar Subjetivo dos Idosos através da Intergeracionalidade*. Universidade de Coimbra.
- Pavot, W., & Diener, E. (2009). Review of the Satisfaction With Life Scale. *Social Indicators Research, Series 39*, 101–117. http://doi.org/10.1007/978-90-481-2354-4_5
- Sear, R. (2015). Evolutionary contributions to the study of human fertility. *Population Studies*, 69, S39–S55. <http://doi.org/10.1080/00324728.2014.982905>
- Sear, R., Lawson, D. W., Kaplan, H., & Shenk, M. K. (2016). Understanding variation in human fertility: what can we learn from evolutionary demography? *Philosophical transactions of the Royal Society of London. Series B, Biological sciences*, 371(20150144), 1–14. <http://doi.org/10.1098/rstb.2015.0144>
- Tooby, J., & Cosmides, L. (1990). The past explains the present: Emotional adaptations and the structure of ancestral environments. *Ethology and Sociobiology*. Elsevier. [http://doi.org/10.1016/0162-3095\(90\)90017-Z](http://doi.org/10.1016/0162-3095(90)90017-Z)
- Worthman, C. M. (2003). Energetics, sociality, and human reproduction: emotional adaptations and the structure o ancestral environments. Em K. W. Wachter & R. A. Bulatao (Eds.),

Offspring: Human Fertility Behavior in Biodemographic Perspective (pp. 289–321). Washington DC: The National Academies Press (US).

APÊNDICES

A. Questionário disponibilizado online através do Google Forms

Estratégias Reprodutivas em Sociedades Modernas

Gostaríamos de solicitar a sua participação num estudo inserido no âmbito de uma Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologia Humanas, conduzido pela aluna Inês Sineiro, sob orientação do Professor Doutor Paulo Gama Mota, Departamento de Ciências da Vida | Faculdade de Ciências e Tecnologia | Universidade de Coimbra.

*Obrigatório

Quem pode participar

Destina-se a todos os homens e mulheres, com idades entre os 18 e os 45 anos, com ou sem filhos. A participação neste estudo implica o preenchimento de um questionário online ou em suporte escrito, que não ocupará mais que 10 minutos do seu tempo.

Objectivos

Este estudo tem como objectivo a compreensão das decisões reprodutivas em sociedades modernas com níveis baixos de fecundidade, através da análise da influência de factores ecológicos, socioeconómicos e do desenvolvimento nas estratégias reprodutivas adoptadas pelos indivíduos.

Contactos

Qualquer questão, sugestão ou opinião que pretenda partilhar, agradecemos que deixe um comentário no final deste questionário. Em alternativa poderá enviar um e-mail para: inesfsineiro@gmail.com.



Consentimento Informado

A sua participação é voluntária e todos os dados recolhidos são anónimos e confidenciais. Os dados serão analisados colectivamente, não sendo permitida a identificação dos participantes. É muito importante que responda da forma mais sincera possível.

Gratos pela sua colaboração!

• Aceita participar neste estudo? *

Ao responder “Sim” declara ter tomado conhecimento dos objectivos do estudo e da participação voluntária que lhe é solicitada, aceitando ainda que os dados recolhidos sejam trabalhados de forma colectiva e anónima pelos investigadores no âmbito deste estudo.

- Sim. Tomei conhecimento dos objectivos do estudo e pretendo participar.
- Não pretendo participar neste estudo.

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

1. Género *

- Feminino
 Masculino

Outro. Por favor, explicita

2. Idade *

3. Estado Civil *

[Se for divorciado/a ou viúvo/a, mas tiver actualmente um companheiro com quem esteja a viver, por favor escolha a opção 'Casado ou em união de facto']

- Solteiro/a
 Casado/a ou em união de facto
 Divorciado/a ou separado

Viúvo/a
 Outra. Por favor, explicita

4. Nível de Escolaridade (concluído) *

[Grau de escolaridade obtido com sucesso, do qual obteve um diploma ou certificado.]

- 1º Ciclo – 1º ao 4º ano
 2º Ciclo – 5º e 6º ano
 3º Ciclo – 7º ao 9º ano
 12º ano ou equivalente
 Licenciatura

Mestrado
 Doutoramento
 Outro. Por favor, explicita

5. Considera-se uma pessoa religiosa? *

- Sou crente e praticante
 Sou crente mas não praticante

Sou agnóstico
 Sou ateu

6. Qual das seguintes situações melhor se adequa à sua **situação profissional actual**? *

- Estudante
 Trabalhador-estudante
 Trabalhador
 Desempregado

--- continue para a questão 7.2 ---

--- continue para a questão 8 ---

6.1. Profissão

6.2. Qual o nível de escolaridade que frequenta actualmente?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> 12º ano ou equivalente | <input type="checkbox"/> Doutoramento |
| <input type="checkbox"/> Licenciatura | <input type="checkbox"/> Outro. Por favor, especifique |
| <input type="checkbox"/> Mestrado | |
-

7. Rendimentos anuais brutos do seu agregado familiar *

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> 0 – 5.000 | <input type="checkbox"/> 32.501 – 40.000 |
| <input type="checkbox"/> 5.001 – 10.000 | <input type="checkbox"/> 40.001 – 50.000 |
| <input type="checkbox"/> 10.001 – 13.500 | <input type="checkbox"/> 50.001 – 100.000 |
| <input type="checkbox"/> 13.501 – 19.000 | <input type="checkbox"/> 100.001 – 250.000 |
| <input type="checkbox"/> 19.001 – 27.500 | <input type="checkbox"/> 250.000+ |
| <input type="checkbox"/> 27.501 - 32.500 | <input type="checkbox"/> Não sei |

7.1. Caso não tenha uma estimativa, indique por favor as profissões dos elementos do seu agregado familiar.

8. Indique o seu grau de concordância com as seguintes afirmações, numa escala de 1 a 7. *

[1 – Discordo Totalmente; 2 – Discordo; 3 – Discordo em parte; 4 – Não concordo nem discordo; 5 – Concordo em parte; 6 – Concordo; 7 – Concordo totalmente]

	1	2	3	4	5	6	7
<i>Tenho dinheiro suficiente para comprar o que quero.</i>	<input type="checkbox"/>						
<i>Não tenho que me preocupar demasiado com as contas que tenho para pagar.</i>	<input type="checkbox"/>						
<i>Não penso que tenha que me preocupar muito com dinheiro no futuro.</i>	<input type="checkbox"/>						

• As duas questões seguintes são referentes aos seus primeiros cinco anos de vida, correspondentes ao **PERÍODO DA SUA INFÂNCIA**. Tente responder da forma mais sincera possível.

9. Quais as profissões dos elementos do seu agregado familiar, **durante a sua infância?** *

10. Indique o seu grau de concordância com cada uma das três afirmações que se seguem, numa escala de 1 a 7: *

[1 – Discordo Totalmente; 2 – Discordo; 3 – Discordo em parte; 4 – Não concordo nem discordo; 5 – Concordo em parte; 6 – Concordo; 7 – Concordo totalmente]

	1	2	3	4	5	6	7
<i>Quando era criança, a minha família tinha por norma dinheiro suficiente para as coisas.</i>	<input type="checkbox"/>						
<i>Cresci numa vizinhança relativamente rica.</i>	<input type="checkbox"/>						
<i>Sempre me senti relativamente rico ou privilegiado comparando com outras crianças na minha escola.</i>	<input type="checkbox"/>						

11. Qual das seguintes situações melhor se adequa à sua **situação habitacional actual**? Pode escolher mais que uma opção.

- Vivo sozinho/a
- Vivo com o meu companheiro/minha companheira
- Vivo em casa dos meus pais
- Partilho a casa com outras pessoas [ex: amigos, colegas, conhecidos, etc.]
- Outro. Por favor, especifique _____

12. Está actualmente envolvido numa relação íntima? *

- Sim
- Não

• **DECISÕES REPRODUTIVAS I**

13. Idealmente, quantos filhos GOSTARIA de ter? *

[Sem considerar eventuais constrangimentos pessoais e/ou económicos.]

- Nenhum.
- 1
- 2
- 3
- 4 ou mais
- Não sei

14. Tendo em conta as suas condições actuais e perspectivas de futuro, quantos filhos pensa poder vir a ter? *

- Nenhum.
- 1
- 2
- 3
- 4 ou mais
- Não sei

15. Quão importante é para si, ter ou poder vir a ter filhos? *

- | | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Não é importante | Pouco importante | Importante | Muito importante | Extremamente importante |
| <input type="checkbox"/> |

16. Tem filhos? *

- Não
- Sim
- Estou grávida / a minha companheira está grávida do PRIMEIRO filho

--- Se respondeu 'Não' à questão anterior, continue para a questão 24 ---

• **PARENTALIDADE – indivíduos com a parentalidade iniciada**

17. Quantos filhos tem? *

- 1 4 ou mais
 2 1ª gravidez
 3

18. Que idade tinha quando teve o seu primeiro filho?

[Se estiver a viver a primeira gravidez, indique a idade com que irá ser pai/mãe pela primeira vez]

19. O seu primeiro filho foi fruto de planeamento? *

- Sim
 Não
 Outro _____

20. Que idade tinha quando teve o seu segundo filho? Responda apenas se tiver **pelo menos dois filhos**.

21. Com que idade gostaria de ter o seu segundo filho? Responda apenas se já tiver um filho e estiver a planear ter o segundo.

22. Em relação a ter **mais filhos** no futuro *

- Tenho a certeza que **quero ter** mais filhos
 Ainda tenho dúvidas, mas estou inclinado/a para **querer ter** mais filhos no futuro
 Tenho a certeza que **não quero** ter mais filhos
 Ainda tenho dúvidas, mas estou inclinado/a para **não querer** ter mais filhos no futuro

--- Continue para a questão 26 ---

• **PARENTALIDADE FUTURA - indivíduos com parentalidade por iniciar**

23. Em relação a ter filhos **no futuro** *

- Tenho a certeza que **quero ter** filhos
 Ainda tenho dúvidas, mas estou inclinado/a para **querer ter** filhos no futuro
 Tenho a certeza que **não quero** ter filhos
 Ainda tenho dúvidas, mas estou inclinado/a para **não querer** ter filhos no futuro

24. Com que idade gostaria de ter o seu primeiro filho? Responda apenas se aplicável.

25. Se estiver a planear ter filhos, **dentro de quantos anos** acha que vai ter o primeiro? Responda apenas se aplicável.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11+
<input type="checkbox"/>										

• DECISÕES REPRODUTIVAS II

26. Considera que é preferível ter só um filho com mais oportunidades e menos restrições, a ter mais filhos? *

- Sim
 Não

27. No seu caso específico, que factores o/a podem levar a **adiar ou impedir** de ter filhos? *

[Indique de que forma cada um dos factores se adequa **ao seu caso específico**, de acordo com a seguinte escala:

N/A – Não se aplica (no seu caso); **1** – Certamente não; **2** – Provavelmente não; **3** – Não sei; **4** – Provavelmente sim; **5** – Certamente sim]

	N/A	1	2	3	4	5
Dar continuidade aos estudos	<input type="checkbox"/>					
Progressão na carreira	<input type="checkbox"/>					
Dificuldade em conciliar a vida familiar e a profissional	<input type="checkbox"/>					
Viver longe de familiares que me possam auxiliar	<input type="checkbox"/>					
Condições de emprego precárias (Ex: recibos verdes, desemprego, etc.)	<input type="checkbox"/>					
Maior dificuldade em conseguir emprego	<input type="checkbox"/>					
Falta de espaço na habitação	<input type="checkbox"/>					
Não ter as condições financeiras necessárias para a boa educação dos filhos	<input type="checkbox"/>					
Incompatibilidade financeira entre ter filhos e manter o meu estilo/nível de vida	<input type="checkbox"/>					
Menos recursos para outras coisas importantes na vida	<input type="checkbox"/>					
A idade	<input type="checkbox"/>					
Não quero ter filhos	<input type="checkbox"/>					
Já tenho os filhos que quero	<input type="checkbox"/>					
O meu companheiro/a minha companheira não quer ter filhos	<input type="checkbox"/>					
Não tenho uma relação duradoura	<input type="checkbox"/>					

- **COMPROMISSOS DE HISTÓRIA DE VIDA**

Nas questões que se seguem, ser-lhe-ão apresentados alguns cenários em que terá que **optar por uma situação em detrimento de outra**. Tente responder da forma mais sincera possível. Não existem respostas certas ou erradas.

28. Se tivesse que optar entre constituir família mais cedo OU frequentar o ensino superior durante vários anos para complementar a sua formação, preferia: *

- Constituir família mais cedo
- Frequentar o ensino superior durante vários anos para complementar a minha formação

29. Se tivesse que optar entre investir numa relação duradoura OU focar-se na carreira, preferia: *

- Investir numa relação duradoura
- Focar-me na carreira

30. Se tivesse que optar entre ter filhos mais cedo OU dar prioridade à progressão na carreira, preferia: *

- Ter filhos mais cedo
- Dar prioridade à progressão na carreira

31. Se tivesse que optar entre ter as condições económicas que considera necessárias para investir na educação de um filho OU ter condições económicas para poder viajar, participar em eventos culturais, investir em hobbies e adquirir outros bens de consumo, preferia: *

- Ter as condições económicas que considero necessárias para investir na educação de um filho
- Ter condições económicas para poder viajar, participar em eventos culturais, investir em hobbies e comprar o que quero

32. Se tivesse que optar entre investir a maior parte do seu tempo a educar uma criança OU ter tempo livre para poder viajar, dedicar-se aos seus hobbies e participar em outras actividades sociais, preferia: *

- Investir a maior parte do meu tempo a educar uma criança
- Ter tempo livre para poder viajar, dedicar-me aos meus hobbies e participar em outras actividades sociais

• COMPOSIÇÃO DA REDE SOCIAL

33. Tem amigos, colegas ou familiares dentro da sua faixa etária, que estejam a começar a constituir família? *

- Sim
- Não

34. Sente que de alguma forma essa proximidade influencia **positivamente** a sua visão perante a parentalidade? *

- | | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Definitivamente não | Não | Neutro | Sim | Definitivamente sim |
| <input type="checkbox"/> |

35. Tem familiares próximos na cidade onde vive actualmente? *

[Ex: Pais, irmãos, avós, etc.]

- Sim
- Não

36. Com que frequência costuma estar com a sua família mais próxima (ex: pais, irmãos, avós)? *

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Quase todos os dias | <input type="checkbox"/> Pelo menos duas vezes por ano |
| <input type="checkbox"/> Pelo menos uma vez por semana | <input type="checkbox"/> Menos que duas vezes por ano |
| <input type="checkbox"/> Algumas vezes por mês | |

• CONHECIMENTOS SOBRE FERTILIDADE HUMANA

37. Em que faixa etária a fertilidade feminina **começa a diminuir**? Escolha a opção que considerar mais correcta *

- | | |
|--------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> 20-24 | <input type="checkbox"/> 45-49 |
| <input type="checkbox"/> 25-29 | <input type="checkbox"/> 50+ |
| <input type="checkbox"/> 30-34 | <input type="checkbox"/> A fertilidade feminina não diminui com a idade |
| <input type="checkbox"/> 35-39 | <input type="checkbox"/> Não sei |
| <input type="checkbox"/> 40-44 | |

38. Em que faixa etária a fertilidade masculina **começa a diminuir**? Escolha a opção que considerar mais correcta. *

- | | |
|--------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> 20-24 | <input type="checkbox"/> 45-49 |
| <input type="checkbox"/> 25-29 | <input type="checkbox"/> 50+ |
| <input type="checkbox"/> 30-34 | <input type="checkbox"/> A fertilidade masculina não diminui com a idade |
| <input type="checkbox"/> 35-39 | <input type="checkbox"/> Não sei |
| <input type="checkbox"/> 40-44 | |

• **ESCALA DE SATISFAÇÃO COM A VIDA** (Diener *et al.*, 1985)

39. Indique o seu grau de concordância com cada uma das afirmações que se seguem, numa escala de 1 a 7: *

[1 – Discordo Totalmente; 2 – Discordo; 3 – Discordo em parte; 4 – Não concordo nem discordo; 5 – Concordo em parte; 6 – Concordo; 7 – Concordo totalmente]

	1	2	3	4	5	6	7
<i>Em muitos aspectos a minha vida aproxima-se dos meus ideais.</i>	<input type="checkbox"/>						
<i>As minhas condições de vida são excelentes.</i>	<input type="checkbox"/>						
<i>Estou satisfeito com a minha vida.</i>	<input type="checkbox"/>						
<i>Até agora, consegui obter as coisas importantes que queria na vida.</i>	<input type="checkbox"/>						
<i>Se pudesse viver a minha vida de novo, não mudaria praticamente nada.</i>	<input type="checkbox"/>						

B. Transformação das Variáveis

Tabela B25 Resultados da PCA corrida para os 3 itens que avaliam ESE percebido actualmente/num futuro próximo, com os valores próprios iniciais, variância total explicada, e que sugere a extracção de um componente.

Valores Próprios Iniciais		
Componente	Valor Próprio	% variância explicada
1	2.215	73.84
2	0.476	15.86
3	0.329	10.30

Nota: O factor extraído encontra-se indicado a negrito.

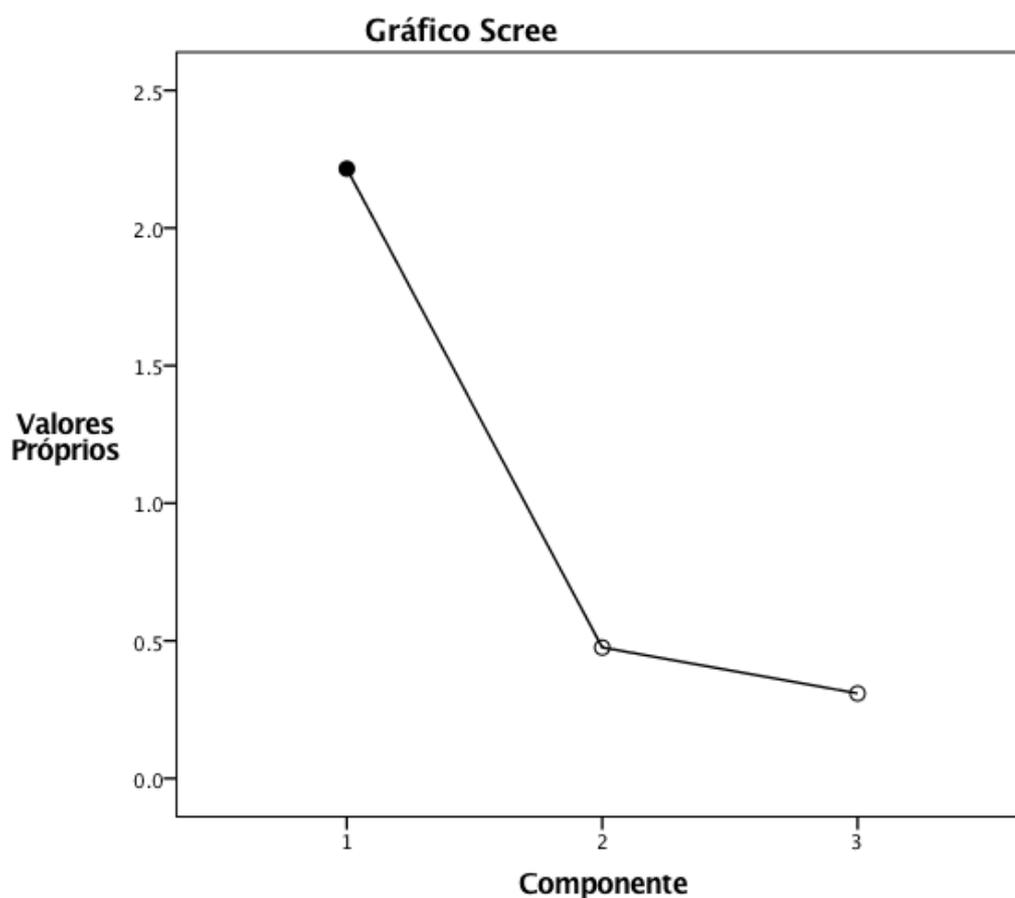


Figura B5 - Gráfico *scree* dos valores próprios associados a cada componente, resultante da PCA efectuada para os 3 itens que avaliam o ESE percebido *actualmente/num futuro próximo*. O gráfico sugere a extracção de 1 componente, à esquerda do ponto de inflexão (n=487).

Tabela B2 - Resultados da PCA corrida para os 3 itens que avaliam o ESE percebido na infância, com os valores próprios iniciais, variância total explicada, e que sugere a extracção de um componente.

Valores Próprios Iniciais		
Componente	Valor Próprio	% variância explicada
1	2.046	68.21
2	0.527	17.58
3	0.426	14.21

Nota: O factor extraído encontra-se indicado a negrito.

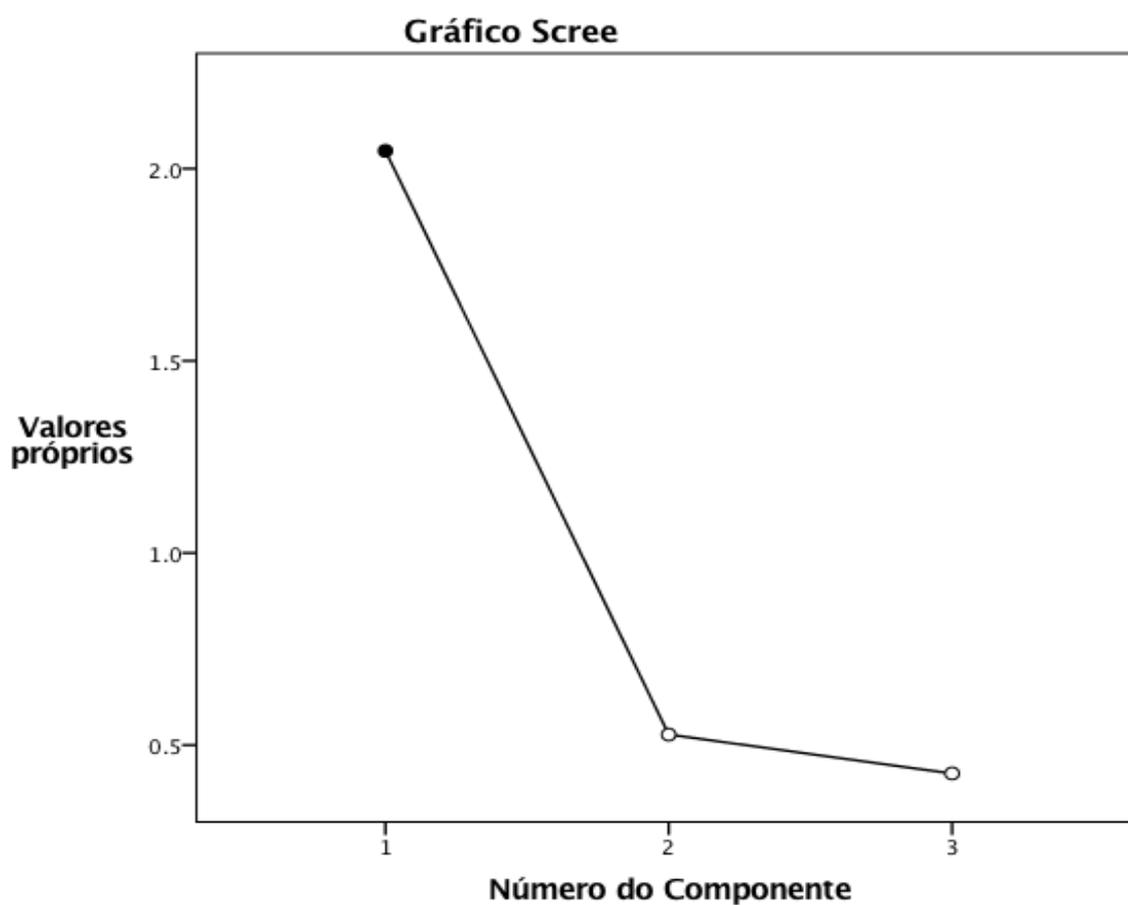


Figura B6 - Gráfico scree dos valores próprios associados a cada componente, resultante da PCA efectuada aos 3 itens que avaliam o ESE percebido na infância. O gráfico sugere a extracção de 1 componente, à esquerda do ponto de inflexão (n=487).

Tabela B3 - Resultados da PCA efectuada para os 15 itens que avaliam os potenciais obstáculos à fecundidade. Nas colunas da esquerda encontra-se a listagem dos valores próprios iniciais associados a cada componente linear antes da extracção, percentagem de variância que é explicada por cada componente, bem como a sugestão de componentes a serem extraídos (a negrito). Nas colunas da direita encontram-se os valores próprios dos factores extraídos após rotação, bem como a percentagem de variância associada a cada um.

Componente	Valores próprios iniciais		Rotação da Soma do Quadrado dos <i>Loadings</i>	
	Total	% Variância total	Total	% Variância
1	10.268	28.587	5.281	14.704
2	4.306	11.988	5.589	15.559
3	3.521	9.802	6.614	18.413
4	2.780	7.740	3.391	9.441
5	2.262	6.298		
6	2.243	6.246		
7	2.007	5.587		
8	1.613	4.490		
9	1.525	4.247		
10	1.351	3.761		
11	1.189	3.310		
12	1.081	3.010		
13	.771	2.146		
14	.576	1.604		
15	.425	1.184		

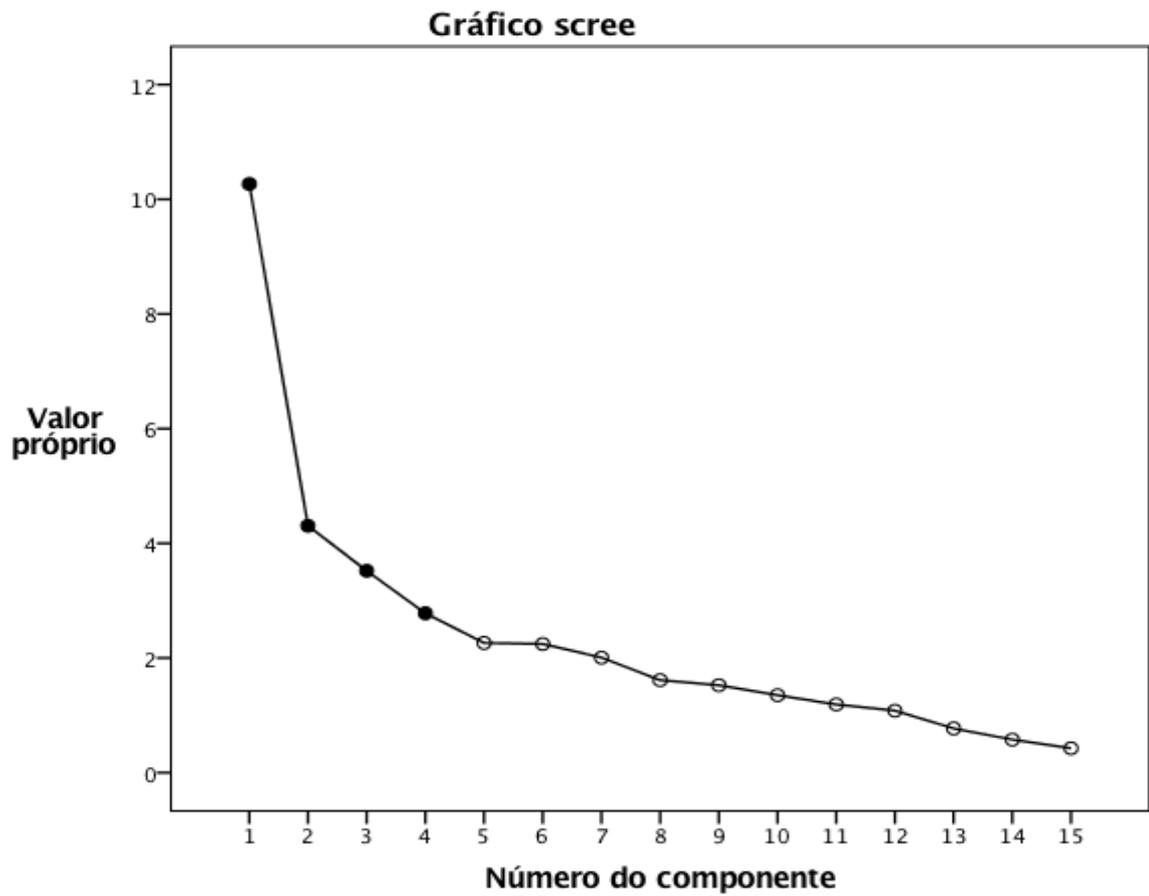


Figura B7 - Gráfico *scree* resultante da PCA efectuada aos 15 itens que avaliam os potenciais obstáculos à fecundidade. O gráfico é ambíguo com dois pontos de inflexão, um mais acentuado que outro. Isto sugere a extracção de 1 ou 4 componentes (n=487).

C. Caracterização da Amostra e Resultados

Tabela C1– Distribuição dos indivíduos da amostra consoante a sua entrada ou não na parentalidade e fecundidade realizada (no momento do inquérito) dos indivíduos com filhos.

Variáveis		n	%
Parentalidade (n=487)	Tem filhos	172	35.3
	Está na 1ª gravidez	11	2.3
	Não tem filhos	304	62.4
Fecundidade Realizada ³⁵ (n=183)	1ª gravidez	11	6.0
	1 filho	102	55.7
	2 filhos	55	30.1
	3 filhos	13	7.1
	4 ou mais	2	1.1
	Média e DP (n=183)	1.42 (± 0.76)	

Tabela C2 - Decisões reprodutivas dos indivíduos com filhos (n=183).

Variáveis	Amostra		
	Média (DP)	Min.	Máx.
Idade ao 1º filho (n=182)	29.57 (± 4.47)	13	42
O 1º filho foi planeado? (n=183)		<i>n</i>	<i>%</i>
	<i>Sim</i>	142	77.6
	<i>Não</i>	41	22.4
Idade ao 2º filho (n=69)	32.68 (± 4.08)	23	45
Idade desejada para ter o 2º filho (n=86)	33.64 (± 3.83)	24	43

³⁵ Número de filhos biológicos (nascidos com vida) tidos pelas pessoas até ao momento de referência do inquérito (INE, 2014).

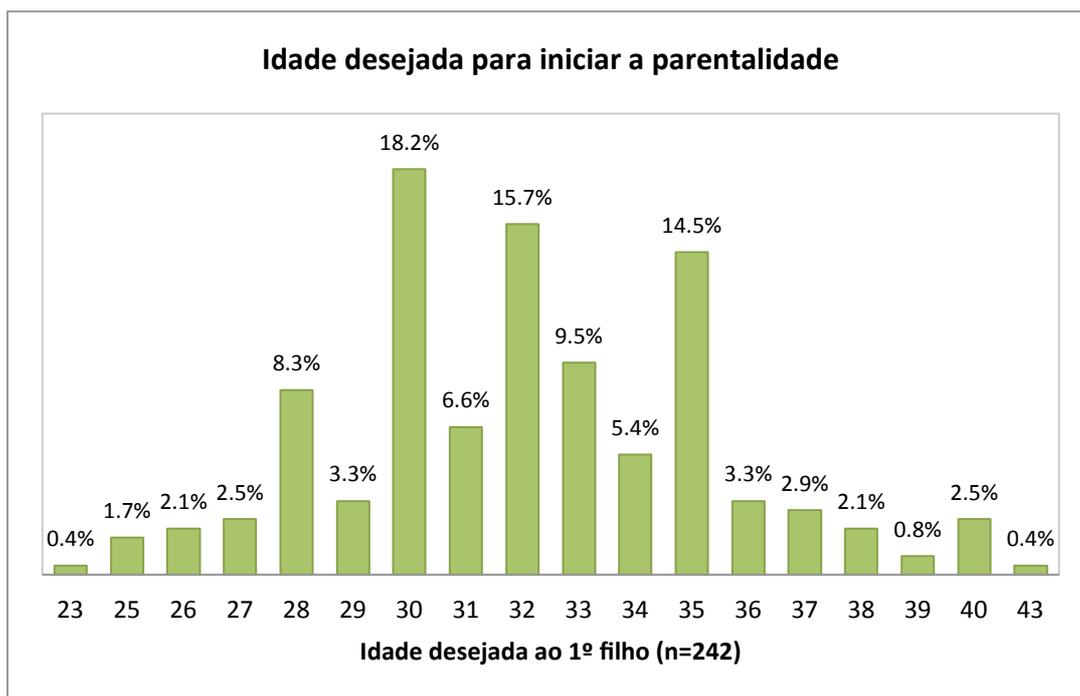


Figura C8 – Idade desejada para iniciar a parentalidade (idade ao nascimento do 1º filho), na sub-amostra de indivíduos sem filhos (n=304).

Tabela C3 – Intenções reprodutivas dos respondentes, considerando indivíduos com e sem filhos (n=487).

Variáveis		n	%
Fecundidade Desejada	Nenhum	27	5.5
	1 filho	29	6.0
	2 filhos	205	42.1
	3 filhos	151	31.0
	4 ou mais	44	9.0
	Não sabe	31	6.4
	Média e DP (n=456)	2.34 (± 0.95)	
		n	%
Fecundidade Final Esperada	Nenhum	67	13.8
	1 filho	113	23.2
	2 filhos	197	40.5
	3 filhos	58	11.9
	4 ou mais	7	1.4
	Não sabe	45	9.2
		Média e DP (n=442)	1.6 (± 0.95)

(continuação da Tabela C3)

		<i>n</i>	%
Importância de poder ter filhos	Não é importante	32	6.6
	Pouco importante	47	9.7
	Importante	93	19.1
	Muito importante	140	28.7
	Extremamente importante	175	35.9

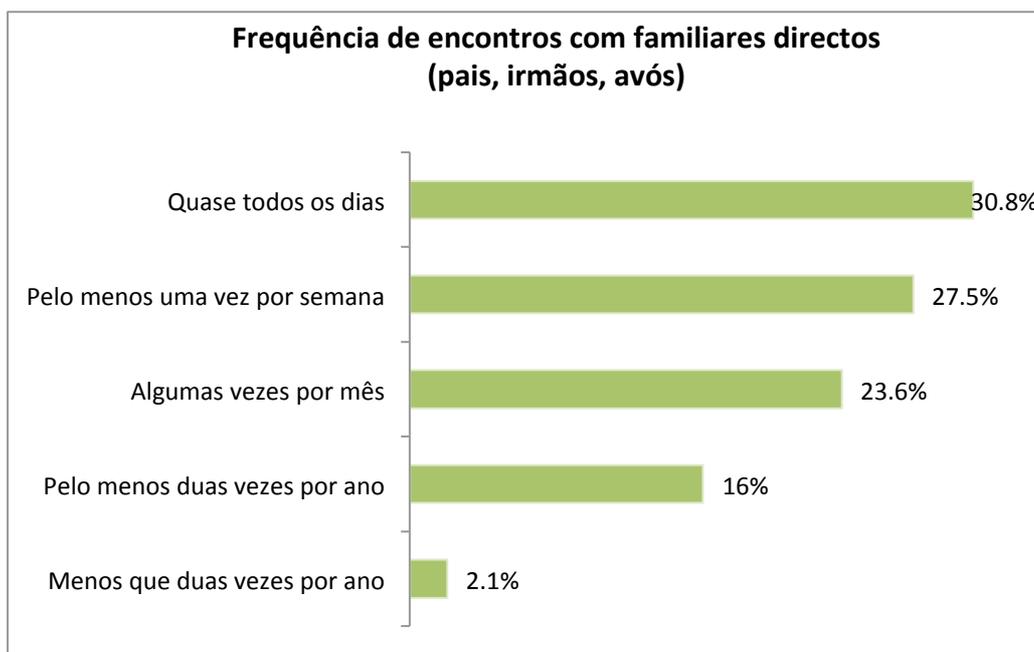


Figura C2 – Frequência de encontros com familiares directos.

D. Modelos Lineares Generalizados

- Compromissos de História de Vida

Tabela D1 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, em função de estar ou não numa relação, sobre a Fecundidade Desejada (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	<i>p</i>
(intercepção)	1.502	0.196	58.854	0.000
ESE percebido Infância	0.025	0.033	0.592	0.442
ESE percebido Actual	0.002	0.035	0.002	0.965
[Relação] Sim	0.064	0.092	0.478	0.489
[Relação] Não	*	.	.	.
Condições Financeiras [Obstáculos]	-0.026	0.033	0.652	0.420
Investimento no Capital Incorporado [Obstáculos]	0.013	0.034	0.154	0.694
Precariedade Laboral [Obstáculos]	0.057	0.032	3.090	0.079
Opções de Vida [Obstáculos]	-0.061	0.032	3.624	0.057
Investimento Parental vs. Bem-estar				
[Compromissos THV]	-0.166	0.049	11.422	0.001
Família vs. Trabalho [Compromissos THV]	-0.205	0.098	4.369	0.037

Variável dependente: FD

* Valor definido como 0, devido a redundância do parâmetro.

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Tabela D2 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das predictoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, em função de estar ou não numa relação, sobre a Importância de ter filhos (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	<i>p</i>
(intercepção)	2.027	0.147	189.394	0.000
ESE percebido Infância	0.007	0.025	0.084	0.772
ESE percebido Actual	-0.006	0.027	0.054	0.816
[Relação] Sim	0.098	0.069	1.995	0.158
[Relação] Não	*	.	.	.
Condições Financeiras [Obstáculos]	-0.013	0.025	0.294	0.588
Investimento no Capital Incorporado [Obstáculos]	0.043	0.026	2.764	0.096
Precariedade Laboral [Obstáculos]	0.027	0.025	1.216	0.270
Opções de Vida [Obstáculos]	-0.061	0.025	6.126	0.013
Investimento Parental vs. Bem-estar [Compromissos THV]	-0.186	0.036	27.340	0.000
Família vs. Trabalho [Compromissos THV]	-0.211	0.075	7.903	0.005

Variável dependente: Importância ter filhos.

* Valor definido como 0, devido a redundância do parâmetro.

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Tabela D3 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das predictoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, para a sub-amostra de indivíduos sem filhos (n=304), sobre a variável Fecundidade Desejada (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	<i>p</i>
(intercepção)	1.441	0.238	36.696	0.000
ESE percebido Infância	0.038	0.046	0.683	0.409
ESE percebido Actual	-0.001	0.050	0.000	0.988
Condições Financeiras [Obstáculos]	-0.018	0.046	0.165	0.685
Investimento no Capital Incorporado [Obstáculos]	0.050	0.049	1.076	0.300
Precariedade Laboral [Obstáculos]	0.086	0.045	3.648	0.056
Opções de Vida [Obstáculos]	-0.126	0.052	5.909	0.015
Investimento Parental vs. Bem-estar [Compromissos THV]	-0.172	0.058	8.634	0.003
Família vs. Trabalho [Compromissos THV]	-0.181	0.140	1.674	0.196

Variável dependente: FD

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Tabela D4 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, para a sub-amostra de indivíduos sem filhos (n=304), sobre a variável Fecundidade Final Esperada (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	<i>p</i>
(intercepção)	1.281	0.295	18.901	0.000
ESE percebido Infância	0.066	0.058	1.285	0.257
ESE percebido Actual	0.144	0.062	5.383	0.020
Condições Financeiras [Obstáculos]	-0.091	0.057	2.503	0.114
Investimento no Capital Incorporado [Obstáculos]	0.031	0.063	0.253	0.615
Precariedade Laboral [Obstáculos]	0.024	0.057	0.179	0.672
Opções de Vida [Obstáculos]	-0.275	0.072	14.565	0.000
Investimento Parental vs. Bem-estar [Compromissos THV]	-0.171	0.074	5.347	0.021
Família vs. Trabalho [Compromissos THV]	-0.397	0.176	5.084	0.024

Variável dependente: FFE

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Tabela D5 - Resultados dos GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à disponibilidade de recursos percebida na infância e actualmente, Obstáculos e Compromissos de THV, para a sub-amostra de indivíduos sem filhos (n=304), sobre a variável Importância de ter filhos (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	<i>p</i>
(intercepção)	2.039	0.176	134.826	0.000
ESE percebido Infância	0.038	0.035	1.179	0.278
ESE percebido Actual	-0.023	0.037	0.374	0.541
Condições Financeiras [Obstáculos]	0.003	0.034	0.007	0.932
Investimento no Capital Incorporado [Obstáculos]	0.066	0.036	3.301	0.069
Precariedade Laboral [Obstáculos]	0.025	0.033	0.561	0.454
Opções de Vida [Obstáculos]	-0.105	0.039	7.477	0.006
Investimento Parental vs. Bem-estar [Compromissos THV]	-0.185	0.041	19.933	0.000
Família vs. Trabalho [Compromissos THV]	-0.211	0.105	4.046	0.044

Variável dependente: Importância de ter filhos.

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

- Influência da rede social

Tabela D6 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à composição da rede social e nível de satisfação com a vida, em função do contágio e capital social sobre a Importância de ter filhos (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	p
(intercepção)	0.990	0.153	42.006	0.000
Contágio Social [Sim]	0.042	0.070	0.354	0.552
Contágio Social [Não]	*	.	.	.
Influência Social Percebida	0.050	0.018	7.738	0.005
Capital Social [Sim]	0.025	0.068	0.134	0.714
Capital Social [Não]	*	.	.	.
Proximidade Familiar	0.003	0.029	0.009	0.925
SWLS	0.005	0.004	2.297	0.130

Variável dependente: Importância de ter filhos

* Valor definido como 0, devido a redundância do parâmetro.

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Tabela D7 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à composição da rede social e nível de satisfação com a vida, em função do contágio e capital social, para a sub-amostra de indivíduos sem filhos (n=304), sobre as Intenções de Parentalidade Futura (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	p
(intercepção)	0.935	0.187	24.999	0.000
Contágio Social [Sim]	-0.053	0.098	0.289	0.591
Contágio Social [Não]	*	.	.	.
Influência Social Percebida	0.074	0.025	8.876	0.003
Capital Social 1 [Sim]	0.031	0.087	0.125	0.724
Capital Social 1 [Não]	*	.	.	.
Proximidade Familiar	0.000	0.038	0.000	0.991
SWLS	0.016	0.019	0.661	0.416

Variável dependente: Intenções de parentalidade futura (sem filhos)

* Valor definido como 0, devido a redundância do parâmetro.

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Tabela D8 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à composição da rede social e nível de satisfação com a vida, em função do contágio e capital social, para a sub-amostra de indivíduos sem filhos (n=304), sobre as Fecundidade Final Esperada (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	p
(intercepção)	-0.708	0.330	4.603	0.032
Contágio Social [Sim]	-0.110	0.167	0.429	0.513
Contágio Social [Não]	*	.	.	.
Influência Social Percebida	0.140	0.043	10.766	0.001
Capital Social 1 [Sim]	0.050	0.142	0.122	0.726
Capital Social 1 [Não]	*	.	.	.
Proximidade Familiar	0.012	0.064	0.037	0.848
SWLS	0.134	0.034	16.048	0.000

Variável dependente: FFE

* Valor definido como 0, devido a redundância do parâmetro.

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

Tabela D9 - Resultados do GLM para avaliar a contribuição das preditoras referentes à composição da rede social e nível de satisfação com a vida, em função do contágio e capital social, para a sub-amostra de indivíduos sem filhos (n=304), sobre as Importância de ter filhos (gl = 1).

Variáveis	B	EP	Wald Chi-Square	
			χ^2	p
(intercepção)	0.876	0.184	22.649	0.000
Contágio Social [Sim]	-0.041	0.098	0.175	0.675
Contágio Social [Não]	*	.	.	.
Influência Social Percebida	0.101	0.024	17.240	0.000
Capital Social 1 [Sim]	0.048	0.085	0.325	0.568
Capital Social 1 [Não]	*	.	.	.
Proximidade Familiar	0.005	0.037	0.019	0.890
SWLS	0.011	0.019	0.339	0.560

Variável dependente: importância de ter filhos

* Valor definido como 0, devido a redundância do parâmetro.

Nota: Resultados significativos destacados a negrito.

ANEXOS

Anexo A – Versão portuguesa da ‘*Satisfaction with Life Scale*’ (Diener *et al.*, 1985) disponibilizada online na página do primeiro autor³⁶

SWLS

Encontra a seguir cinco afirmações com as quais pode concordar ou discordar. Utilizando a escala de 1 a 7 abaixo indicada, refira o seu grau de acordo com cada item colocando o número apropriado na linha que precede cada um deles. Procure ser sincero nas respostas que vai dar. Eis a escala de 7 pontos:

- 1 – totalmente em desacordo
- 2 – em desacordo
- 3 – mais ou menos em desacordo
- 4 – nem de acordo nem em desacordo
- 5 – mais ou menos de acordo
- 6 – de acordo
- 7 – totalmente de acordo

1. Em muitos aspectos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais	1	2	3	4	5	6	7
2. As minhas condições de vida são excelentes.	1	2	3	4	5	6	7
3. Estou satisfeito com a minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
4. Até agora, consegui obter aquilo que era importante na vida	1	2	3	4	5	6	7
5. Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada.	1	2	3	4	5	6	7

Pontuação:

Apesar da pontuação se dever manter contínua (soma das pontuações em cada item), seguem-se alguns pontos de corte usados como referência

- 31-35 Extremamente satisfeito
- 26-30 Satisfeito
- 21-25 Ligeiramente satisfeito
- 20 Neutro
- 15-19 Ligeiramente insatisfeito
- 10-14 Insatisfeito
- 5-9 Extremamente insatisfeito

³⁶ Disponível em: <https://internal.psychology.illinois.edu/~ediener/SWLS.html>